

# Convergência

478

JANEIRO/  
FEVEREIRO  
2015 • ANO L

Revista da Conferência  
dos Religiosos do Brasil – CRB

ISSN 0010-8162



CRB

Convergência ISSN 0010-8162

**DIRETORA:** Irmã Maria Inês Ribeiro, mad  
**EDITOR:** Irmão Lauro Daros, fms  
**REDATORA:** Irmã Rosa Maria Martins Silva, mscs – MTb 0010693/DF

**CONSELHO EDITORIAL:** Frei Moacir Casagrande, ofmcap  
Irmã Helena Teresinha Rech, sst  
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp  
Jaldemir Vitório, sj  
João Edênio Valle, svd

**PROJETO GRÁFICO:** Manuel Rebelato Miramontes  
**COORDENAÇÃO DE REVISÃO:** Marina Mendonça  
**REVISÃO:** Mônica Elaine G. S. da Costa e Sandra Sinzato  
**IMPRESSÃO:** Gráfica de Paulinas Editora  
**ILUSTRAÇÃO DA CAPA:** Anderson Augusto de Souza Pereira

**DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO**  
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II  
70393-900 - Brasília - DF  
Tel.: (61) 3226-5540 - Fax: (61) 3225-3409  
E-mail: crb@crbnacional.org.br  
www.crbnacional.org.br  
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas  
do PDF sob o n. P. 209/73

## Sumário

### Editorial

Ano da Vida Religiosa Consagrada 5

### Mensagens

Mensagem do Papa Francisco para o Dia Mundial da Paz 11  
Mensagem para o Ano da VRC: a beleza do chamado 26  
Mensagem da CRB Nacional 29

### Informes

Bem-aventurada Madre Assunta –  
Santidade: um caminho possível 31  
200 anos de um carisma: Dom Bosco 38  
V Centenário do nascimento de Santa Teresa de Ávila  
Uma santa apaixonada 52  
Dom Luciano Mendes de Almeida 58  
MIGS – Modelo de Intervenção Global em Sexologia 64  
Timor-Leste 68

### Artigos

Que espiritualidade é capaz de sustentar a vocação?  
Que eixos dão consistência à vocação?  
MANUEL EDUARDO IGLESIAS 72  
CF 2015 “Eu vim para servir” – Fraternidade: Igreja  
e Sociedade. Seguindo o exemplo de Jesus  
CARLOS MESTERS 86  
Comunidade religiosa: um lugar do seguimento de Cristo  
MARIA ADELMA FERREIRA 99  
Oração e vida na experiência contemplativa da atualidade  
Segundo a espiritualidade de São Francisco de Sales  
e Santa Joana Francisca de Chantal  
IRMÃS VISITANDINAS 116

Estimados leitores, estimadas leitoras, recebam da CRB Nacional a mensagem de feliz 2015, para que seja um ano abençoado pela ternura de Deus, um ano de muita paz interior e de muita paz social. O Papa Francisco, na mensagem para o Dia Mundial da Paz, enfatiza a fraternidade – fundamento e caminho para a paz. A fraternidade é uma dimensão essencial do ser humano, sendo ele um ser relacional. O Papa encerra a mensagem recorrendo ao rosto materno de Deus: “Que Maria, a Mãe de Jesus, nos ajude a compreender e a viver todos os dias a fraternidade que jorra do coração do seu Filho, para levar a paz a todo homem que vive nesta nossa amada terra”.

A mensagem para o Ano da VRC destaca a beleza do chamado. É o Espírito Santo quem desperta a VRC para a beleza do chamado. É preciso cultivar a beleza interior para levar a beleza de Deus ao mundo.

A Bem-Aventurada Madre Assunta, beatificada em 25 de outubro de 2014, assumiu plenamente a beleza do chamado. Conheça a Madre Assunta no primeiro Informe: “Santidade: um caminho possível”, escrito pela Ir. Leocádia Mezzomo, postuladora da causa de beatificação. Escreve a autora: “A beatificação de Madre Assunta é, para toda a comunidade eclesial e para todos os seres humanos de boa vontade, um facho de luz que resplandece, testemunho de uma

mulher migrante que, em sua humanidade, entre fraquezas, limitações e graça, soube reconhecer o lugar da presença de Deus na história, ali soube servir e galgar os caminhos da santidade”.

O segundo Informe fala sobre os “200 anos de um carisma: Dom Bosco”, texto do Pe. João da Silva Mendonça Filho. Trata-se de um belo texto sobre o chamado. Para o autor: “É dever da animação vocacional formar para a beleza do seguimento, porque, sobretudo o jovem de hoje, precisa entregar-se a Deus e ser totalmente seu: Deus é belo, e é doce amá-lo”.

No terceiro Informe, Ir. Rita Romio escreve a respeito do V Centenário de Santa Teresa de Ávila, uma santa apaixonada. A autora responde à pergunta: Quem foi esta mulher, nascida em Ávila, Espanha, e que num determinado momento da sua vida decidiu chamar-se Teresa de Jesus? Dizia Santa Teresa: “Nada te perturbe, nada te espante, tudo passa, Deus não muda, a paciência tudo alcança. Quem a Deus tem, nada lhe falta, só Deus basta”.

O quarto Informe traz o discurso de Dom Erwin Kräutler, bispo de Xingu, sobre Dom Luciano Mendes. Dom Erwin toma por base a bem-aventurança: “Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus” (Mt 5,3). O autor pergunta: “Qual foi realmente a identidade de Dom Luciano?”. E responde: “Foi pobre diante de Deus a quem amou até os recônditos de sua alma e, ao mesmo tempo, dedicado aos pobres com todas as fibras de seu coração”.

No quinto Informe, Cátia Berti e Dércio Berti falam da Marie-Paul e do MIGS (Modelo de Intervenção Global em Sexologia). Marie-Paul é religiosa Missionária da Imaculada Conceição e doutora em sexologia clínica. Em janeiro e fevereiro de 2015, a doutora estará pela terceira vez no país,

em Curitiba/PR, a convite da CRB Regional de Curitiba e do Grupo Marista.

O último Informe narra a intensa experiência missionária da Ir. Vera Lucia Palermo no Timor-Leste. Totalmente disponível para Deus e decidida a dar continuidade ao Projeto divino, a Irmã partilha com paixão a experiência de vida. E se pergunta, como fez o profeta Isaías: “O que mais eu deveria fazer pela minha vinha que ainda não fiz?”.

A seção Artigos inicia-se com o Ano da VRC. Pe. Manuel Iglesias escreve sobre “Que espiritualidade é capaz de sustentar a vocação? Que eixos dão consistência à vocação?”. Na opinião do autor: “A primeira preocupação dos formadores será ajudar a que o/a candidato/a tome consciência das suas experiências do amor de Deus. E quando esta é reconhecida como dom de Deus, será fundamental cuidar que essa experiência ‘fundante’ seja cultivada durante o resto da vida”.

O segundo artigo contempla a CF 2015 – “Eu vim para servir. Fraternidade: Igreja e Sociedade seguindo o exemplo de Jesus”. Segundo Frei Carlos Mesters, autor, “tema e lema juntos sugerem que a Igreja existe na sociedade com a missão de suscitar fraternidade através do serviço. Foi isto que Jesus viveu, praticou e ensinou”.

No terceiro artigo, Ir. Maria Adelma aprofunda o tema “comunidade religiosa”. A comunidade é um lugar do seguimento de Cristo. Afirma a autora que, “quem primeiro formou comunidade foi Jesus Cristo. Nesta vivência estava a centralidade do novo mandamento: ‘Amai-vos uns aos outros como eu vos amei’” (Jo 15,12).

E para encerrar, as Irmãs Visitandinas escrevem sobre “Oração e vida na experiência contemplativa da atualidade. Segundo a espiritualidade de São Francisco de Sales e Santa Joana Francisca de Chantal”. Expressa Santa Joana de

Chantal: “Façamos de modo que nossa vida seja uma oração contínua, seja que caminhemos pelo mosteiro, seja que trabalhem, que tudo nos sirva para ir a Deus, e assim nossa vida não será mais que uma contínua oração”.

Na sequência deste Editorial, leiam o texto de Anderson Augusto sobre a nova capa da *Convergência* para o ano de 2015.

Além de textos da *Convergência*, leiam também textos do Portal [www.relipress.org](http://www.relipress.org). Relipress é abreviação de Religious Life Press, um serviço informativo da *Revista da Vida Religiosa Consagrada*.

Ir. Lauro Daros, fms

A gr - !  
N C r g 2015



“... guiados pela humilde e feliz certeza de quem foi encontrado, alcançado e transformado pela verdade que é Cristo e que não pode não anunciá-la.”

Encarnados/as na história, religiosos e religiosas assumem a missão neste mundo a exemplo do mistério da Encarnação de Jesus, que vem ensinar a enxergar a presença de Deus e de seu Reino de amor.

A alegria da missão não é sinal de conformismo diante dos desafios da realidade (*abraço dos marginalizados, embaixo, à esquerda*), mas certeza da presença de Deus nas situações mais doloridas e inquietantes. A alegria em ir ao encontro do outro, rompendo as barreiras de todo preconceito e marginalização. Levar a alegria restauradora da fé que nos anima a sonhar novamente e acreditar que, juntos no amor, somos alimentados pelo Espírito de Deus que nos transforma na ação e nos salva para a Vida.

O encontro com o outro que sofre nos coloca, consequentemente, ao redor da mesa do pão e da palavra (*à direita, embaixo*), alimento que nos fortalece e nos cura dos medos e cansaços, na alegria de experimentar Jesus no pão e na vida partilhados. Aqui todos são necessitados, carentes do amor e da misericórdia de Deus.

Campo e cidade se encontram pelo mesmo espírito solidário, sob a mesma luz do sol nascente que nos veio visitar. Encontro da diversidade que nos completa e enriquece.

O chamado à missão é chamamento à dignidade da pessoa humana, na alegria e na ternura, vivenciados em comunidade e contra todo espírito que divide, entristece e enfraquece. De braços dados na missão, os religiosos, homens e mulheres, erguem a cruz, não mais como símbolo de vergonha e de morte, mas como galho redivivo que brota em folhas, sinal da VIDA que supera todo tipo de morte ontem e hoje. É Deus amor-serviço-solidário que nos cura e abre nossos olhos para vislumbrarmos o seu Reino já presente no aqui e agora da história, ainda humilde e pequeno, mas resistente e capaz de superar todas as forças de morte e de medo, razão da nossa alegria!

Anderson Augusto de Souza Pereira

## Mensagem

M g m P Fr  
r D M P

Nesta mensagem para o Dia Mundial da Paz, desejo formular a todos, indivíduos e povos, votos de uma vida repleta de alegria e esperança. Com efeito, no coração de cada homem e mulher, habita o anseio de uma vida plena que contém uma aspiração irreprimível de fraternidade, impelindo à comunhão com os outros, em quem não encontramos inimigos ou concorrentes, mas irmãos que devemos acolher e abraçar.

Na realidade, a fraternidade é uma dimensão essencial do homem, sendo ele um ser relacional. A consciência viva desta dimensão relacional leva-nos a ver e tratar cada pessoa como uma verdadeira irmã e um verdadeiro irmão; sem tal consciência, torna-se impossível a construção de uma sociedade justa, de uma paz firme e duradoura. E convém desde já lembrar que a fraternidade começa a ser aprendida habitualmente no seio da família, graças, sobretudo, às funções responsáveis e complementares de todos os seus membros, mormente do pai e da mãe. A família é a fonte de toda a fraternidade, sendo por isso mesmo também o fundamento e o caminho primário para a paz, já que, por vocação, deveria contagiar o mundo com o seu amor.

O número sempre crescente de ligações e comunicações que envolvem o nosso planeta torna mais palpável a consciência da unidade e partilha de um destino comum entre as nações da terra. Assim, nos dinamismos da história – independentemente da diversidade das etnias, das sociedades e das culturas –, vemos semeada a vocação a formar uma comunidade feita de irmãos que se acolhem mutuamente e

cuidam uns dos outros. Contudo, ainda hoje, esta vocação é muitas vezes contrastada e negada nos fatos, num mundo caracterizado pela “globalização da indiferença” que lentamente nos faz “habituar” ao sofrimento alheio, fechando-nos em nós mesmos.

Em muitas partes do mundo, parece não conhecer tréguas a grave lesão dos direitos humanos fundamentais, sobretudo dos direitos à vida e à liberdade de religião. Exemplo preocupante disso mesmo é o dramático fenômeno do tráfico de seres humanos, sobre cuja vida e desespero especulam pessoas sem escrúpulos. Às guerras feitas de confrontos armados juntam-se guerras menos visíveis, mas não menos cruéis, que se combatem nos campos econômico e financeiro com meios igualmente demolidores de vidas, de famílias, de empresas.

A globalização, como afirmou Bento XVI, torna-nos vizinhos, mas não nos faz irmãos. As inúmeras situações de desigualdade, pobreza e injustiça indicam não só uma profunda carência de fraternidade, mas também a ausência de uma cultura de solidariedade. As novas ideologias, caracterizadas por generalizado individualismo, egocentrismo e consumismo materialista, debilitam os laços sociais, alimentando aquela mentalidade do “descartável” que induz ao desprezo e abandono dos mais fracos, daqueles que são considerados “inúteis”.

Ao mesmo tempo, resulta claramente que as próprias éticas contemporâneas se mostram incapazes de produzir autênticos vínculos de fraternidade, porque uma fraternidade privada da referência a um Pai comum como seu fundamento último não consegue subsistir. Uma verdadeira fraternidade entre os homens supõe e exige uma paternidade transcendente. A partir do reconhecimento desta paternidade, consolida-se a fraternidade entre os homens, ou seja, aquele fazer-se “próximo” para cuidar do outro.

“Onde está o teu irmão?” (Gn 4,9)

Para compreender melhor esta vocação do homem à fraternidade e para reconhecer de forma mais adequada os obstáculos que se interpõem à sua realização e identificar as vias para a superação dos mesmos, é fundamental deixar-se guiar pelo conhecimento do desígnio de Deus, tal como se apresenta de forma egrégia na Sagrada Escritura.

Segundo a narração das origens, todos os homens provêm dos mesmos pais, de Adão e Eva, casal criado por Deus à sua imagem e semelhança (cf. Gn 1,26), do qual nascem Caim e Abel. Na história desta família primigênia, vemos a origem da sociedade, a evolução das relações entre as pessoas e os povos.

Abel é pastor, Caim agricultor. A sua identidade profunda e, conjuntamente, a sua vocação é ser irmãos, embora na diversidade da sua atividade e cultura, da sua maneira de se relacionarem com Deus e com a criação. Mas o assassinato de Abel por Caim atesta, tragicamente, a rejeição radical da vocação a ser irmãos. A sua história (cf. Gn 4,1-16) põe em evidência o difícil dever, a que todos os homens são chamados, de viver juntos, cuidando uns dos outros. Caim, não aceitando a predileção de Deus por Abel, que Lhe oferecia o melhor do seu rebanho – “o Senhor olhou com agrado para Abel e para a sua oferta, mas não olhou com agrado para Caim nem para a sua oferta” (Gn 4,4-5) –, mata Abel por inveja. Desta forma, recusa reconhecer-se irmão, relacionar-se positivamente com ele, viver diante de Deus, assumindo as suas responsabilidades de cuidar e proteger o outro. À pergunta com que Deus interpela Caim – “onde está o teu irmão?” –, pedindo-lhe contas da sua ação, responde: “Não sei dele. Sou, porventura, guarda do meu irmão?” (Gn 4,9). Depois – diz-nos o livro do Gênesis –, “Caim afastou-se da presença do Senhor” (4,16).

É preciso interrogar-se sobre os motivos profundos que induziram Caim a ignorar o vínculo de fraternidade e, simultaneamente, o vínculo de reciprocidade e comunhão que o ligavam ao seu irmão Abel. O próprio Deus denuncia

e censura a Caim a sua contiguidade com o mal: “o pecado deitar-se-á à tua porta” (Gn 4,7). Mas Caim recusa opor-se ao mal, e decide igualmente “lançar-se sobre o irmão” (Gn 4,8), desprezando o projeto de Deus. Deste modo, frustra a sua vocação original para ser filho de Deus e viver a fraternidade.

A narração de Caim e Abel ensina que a humanidade traz inscrita em si mesma uma vocação à fraternidade, mas também a possibilidade dramática da sua traição. Disso mesmo dá testemunho o egoísmo diário, que está na base de muitas guerras e injustiças: na realidade, muitos homens e mulheres morrem pela mão de irmãos e irmãs que não sabem reconhecer-se como tais, isto é, como seres feitos para a reciprocidade, a comunhão e a doação.

“E vós sois todos irmãos” (Mt 23,8)

Surge espontaneamente a pergunta: poderão um dia os homens e as mulheres deste mundo corresponder plenamente ao anseio de fraternidade, gravado neles por Deus Pai? Conseguirão, meramente com as suas forças, vencer a indiferença, o egoísmo e o ódio, aceitar as legítimas diferenças que caracterizam os irmãos e as irmãs?

Parafraseando as palavras do Senhor Jesus, poderemos sintetizar assim a resposta que Ele nos dá: dado que há um só Pai, que é Deus, vós sois todos irmãos (cf. Mt 23,8-9). A raiz da fraternidade está contida na paternidade de Deus. Não se trata de uma paternidade genérica, indistinta e historicamente ineficaz, mas do amor pessoal, solícito e extraordinariamente concreto de Deus para cada um dos homens (cf. Mt 6,25-30). Trata-se, por conseguinte, de uma paternidade eficazmente geradora de fraternidade, porque o amor de Deus, quando é acolhido, torna-se o mais admirável agente de transformação da vida e das relações com o outro, abrindo os seres humanos à solidariedade e à partilha ativa.

Em particular, a fraternidade humana foi regenerada em e por Jesus Cristo, com a sua morte e ressurreição. A cruz é o “lugar” definitivo de fundação da fraternidade que os

homens, por si sós, não são capazes de gerar. Jesus Cristo, que assumiu a natureza humana para redimi-la, amando o Pai até à morte e morte de cruz (cf. Fl 2,8), por meio da sua ressurreição constitui-nos como humanidade nova, em plena comunhão com a vontade de Deus, com o seu projeto, que inclui a realização plena da vocação à fraternidade.

Jesus retoma o projeto inicial do Pai, reconhecendo-Lhe a primazia sobre todas as coisas. Mas Cristo, com o seu abandono até à morte por amor do Pai, torna-Se princípio novo e definitivo de todos nós, chamados a reconhecer-nos n’Ele como irmãos, porque filhos do mesmo Pai. Ele é a própria Aliança, o espaço pessoal da reconciliação do homem com Deus e dos irmãos entre si. Na morte de Jesus na cruz, ficou superada também a separação entre os povos, entre o povo da Aliança e o povo dos Gentios, privado de esperança porque permanecera até então alheio aos pactos da Promessa. Como se lê na Carta aos Efésios, Jesus Cristo é Aquele que reconcilia em Si todos os homens. Ele é a paz, porque, dos dois povos, fez um só, derrubando o muro de separação que os dividia, ou seja, a inimizade. Criou em Si mesmo um só povo, um só homem novo, uma só humanidade nova (cf. 2,14-16).

Quem aceita a vida de Cristo e vive n’Ele, reconhece Deus como Pai e a Ele Se entrega totalmente, amando-O acima de todas as coisas. O homem reconciliado vê, em Deus, o Pai de todos e, conseqüentemente, é solicitado a viver uma fraternidade aberta a todos. Em Cristo, o outro é acolhido e amado como filho ou filha de Deus, como irmão ou irmã, e não como um estranho, menos ainda como um antagonista ou até um inimigo. Na família de Deus, onde todos são filhos de um mesmo Pai e, porque enxertados em Cristo, filhos no Filho, não há “vidas descartáveis”. Todos gozam de igual e inviolável dignidade; todos são amados por Deus, todos foram resgatados pelo sangue de Cristo, que morreu na cruz e ressuscitou por todos. Esta é a razão pela qual não se pode ficar indiferente perante a sorte dos irmãos.

## A fraternidade, fundamento e caminho para a paz

Suposto isto, é fácil compreender que a fraternidade é fundamento e caminho para a paz. As encíclicas sociais dos meus Predecessores oferecem uma ajuda valiosa neste sentido. Basta ver as definições de paz da *Populorum Progressio*, de Paulo VI, ou da *Sollicitudo Rei Socialis*, de João Paulo II. Da primeira, apreendemos que o desenvolvimento integral dos povos é o novo nome da paz e, da segunda, que a paz é *opus solidaritatis*, fruto da solidariedade.

Paulo VI afirma que tanto as pessoas como as nações se devem encontrar num espírito de fraternidade. E explica: “Nesta compreensão e amizade mútuas, nesta comunhão sagrada, devemos [...] trabalhar juntos para construir o futuro comum da humanidade”. Este dever recai primariamente sobre os mais favorecidos. As suas obrigações radicam-se na fraternidade humana e sobrenatural, apresentando-se sob um tríptico aspecto: o dever de solidariedade, que exige que as nações ricas ajudem as menos avançadas; o dever de justiça social, que requer a reformulação em termos mais corretos das relações defeituosas entre povos fortes e povos fracos; o dever de caridade universal, que implica a promoção de um mundo mais humano para todos, um mundo onde todos tenham qualquer coisa a dar e a receber, sem que o progresso de uns seja obstáculo ao desenvolvimento dos outros.

Ora, da mesma forma que se considera a paz como *opus solidaritatis*, é impossível não pensar que o seu fundamento principal seja a fraternidade. A paz, afirma João Paulo II, é um bem indivisível: ou é bem de todos, ou não o é de ninguém. Na realidade, a paz só pode ser conquistada e usufruída como melhor qualidade de vida e como desenvolvimento mais humano e sustentável, se estiver viva, em todos, “a determinação firme e perseverante de se empenhar pelo bem comum”. Isto implica não deixar-se guiar pela “avidéz do lucro” e pela “sede do poder”. É preciso estar pronto a “perder-se” em benefício do próximo em vez de explorá-lo, e a ‘servi-lo’ em vez de o oprimir para proveito próprio

[..]. O ‘outro’ – pessoa, povo ou nação – [não deve ser visto] como um instrumento qualquer, de que se explora, a baixo preço, a capacidade de trabalhar e a resistência física, para o abandonar quando já não serve; mas sim como um nosso ‘semelhante’, um ‘auxílio’”.

A solidariedade cristã pressupõe que o próximo seja amado não só como “um ser humano com os seus direitos e a sua igualdade fundamental em relação a todos os demais, mas [como] a imagem viva de Deus Pai, resgatada pelo sangue de Jesus Cristo e tornada objeto da ação permanente do Espírito Santo”, como um irmão. “Então a consciência da paternidade comum de Deus, da fraternidade de todos os homens em Cristo, ‘filhos no Filho’, e da presença e da ação vivificante do Espírito Santo conferirá – lembra João Paulo II – ao nosso olhar sobre o mundo como que um novo critério para o interpretar”, para o transformar.

## A fraternidade, premissa para vencer a pobreza

Na *Caritas in veritate*, o meu Predecessor lembrava ao mundo que uma causa importante da pobreza é a falta de fraternidade entre os povos e entre os homens. Em muitas sociedades, sentimos uma profunda pobreza relacional, devido à carência de sólidas relações familiares e comunitárias; assistimos, preocupados, ao crescimento de diferentes tipos de carências, marginalização, solidão e de várias formas de dependência patológica. Tal pobreza só pode ser superada através da redescoberta e valorização de relações fraternas no seio das famílias e das comunidades, através da partilha das alegrias e tristezas, das dificuldades e sucessos presentes na vida das pessoas.

Além disso, se por um lado se verifica uma redução da pobreza absoluta, por outro não podemos deixar de reco-

nhece.4(o d)-25.9((s c)5.26 -1.184 Td[(n)-26.5(h)9.9(e)-(s d)-3(e123.5(s)-7)-8.s)-1.5

– iguais na sua dignidade e nos seus direitos fundamentais – acesso aos “capitais”, aos serviços, aos recursos educativos, sanitários e tecnológicos, para que cada uma delas tenha oportunidade de exprimir e realizar o seu projeto de vida e possa desenvolver-se plenamente como pessoa.

Reconhece-se haver necessidade também de políticas que sirvam para atenuar a excessiva desigualdade de rendimento. Não devemos esquecer o ensinamento da Igreja sobre a chamada hipoteca social, segundo a qual, se é lícito – como diz São Tomás de Aquino – e mesmo necessário que “o homem tenha a propriedade dos bens”, quanto ao uso, porém, “não deve considerar as coisas exteriores que legitimamente possui só como próprias, mas também como comuns, no sentido de que possam beneficiar não só a si mas também aos outros”.

Por último, há uma forma de promover a fraternidade – e, assim, vencer a pobreza – que deve estar na base de todas as outras. É o desapego vivido por quem escolhe estilos de vida sóbrios e essenciais, por quem, partilhando as suas riquezas, consegue assim experimentar a comunhão fraterna com os outros. Isto é fundamental, para seguir Jesus Cristo e ser verdadeiramente cristão. É o caso não só das pessoas consagradas que professam voto de pobreza, mas também de muitas famílias e tantos cidadãos responsáveis que acreditam firmemente que a relação fraterna com o próximo constitua o bem mais precioso.

### A redescoberta da fraternidade na economia

As graves crises financeiras e económicas dos nossos dias – que têm a sua origem no progressivo afastamento do homem de Deus e do próximo, com a ambição desmedida de bens materiais, por um lado, e o empobrecimento das relações interpessoais e comunitárias, por outro – impeliram muitas pessoas a buscar o bem-estar, a felicidade e a segurança no consumo e no lucro fora de toda a lógica de uma economia saudável. Já em 1979, o Papa João Paulo II alertava para a existência de “um real e perceptível perigo

de que, enquanto progride enormemente o domínio do homem sobre o mundo das coisas, ele perca os fios essenciais deste seu domínio e, de diversas maneiras, submeta a elas a sua humanidade, e ele próprio se torne objeto de multiforme manipulação, se bem que muitas vezes não diretamente perceptível; manipulação através de toda a organização da vida comunitária, mediante o sistema de produção e por meio de pressões dos meios de comunicação social”.

As sucessivas crises económicas devem levar a repensar adequadamente os modelos de desenvolvimento económico e a mudar os estilos de vida. A crise atual, com pesadas consequências na vida das pessoas, pode ser também uma ocasião propícia para recuperar as virtudes da prudência, temperança, justiça e fortaleza. Elas podem ajudar-nos a superar os momentos difíceis e a redescobrir os laços fraternos que nos unem uns aos outros, com a confiança profunda de que o homem tem necessidade e é capaz de algo mais do que a maximização do próprio lucro individual. As referidas virtudes são necessárias, sobretudo, para construir e manter uma sociedade à medida da dignidade humana.

### A fraternidade extingue a guerra

Muitos irmãos e irmãs nossos continuaram a viver a experiência dilacerante da guerra, que constitui uma grave e profunda ferida infligida à fraternidade.

Há muitos conflitos que se consumam na indiferença geral. A todos aqueles que vivem em terras onde as armas impõem terror e destruição, asseguro a minha solidariedade pessoal e a de toda a Igreja. Esta última tem por missão levar o amor de Cristo também às vítimas indefesas das guerras esquecidas, através da oração pela paz, do serviço aos feridos, aos famintos, aos refugiados, aos deslocados e a quantos vivem no terror. De igual modo a Igreja levanta a sua voz para fazer chegar aos responsáveis o grito de dor desta humanidade atribulada e fazer cessar, juntamente com as hostilidades, todo abuso e violação dos direitos fundamentais do homem.

Por este motivo, desejo dirigir um forte apelo a quantos semeiam violência e morte, com as armas: naquele que hoje considerais apenas um inimigo a abater, redescobri o vosso irmão e estendei a vossa mão! Renunciai à via das armas e ide ao encontro do outro com o diálogo, o perdão e a reconciliação para reconstruir a justiça, a confiança e esperança ao vosso redor! “Nesta óptica, torna-se claro que, na vida dos povos, os conflitos armados constituem sempre a deliberada negação de qualquer concórdia internacional possível, originando divisões profundas e dilacerantes feridas que necessitam de muitos anos para se curarem. As guerras constituem a rejeição prática de se comprometer para alcançar aquelas grandes metas econômicas e sociais que a comunidade internacional estabeleceu.”

Mas, enquanto houver em circulação uma quantidade tão grande como a atual de armamentos, poder-se-á sempre encontrar novos pretextos para iniciar as hostilidades. Por isso,

faço me. (67(s)-1.2(t4)-149 Tw -(e)-2(c)4.5(e)247)-8.5(a a)3.5(o)-8.7(s t4)-149 T7s pa. (67(s)-1.2(t)5.6)-27()-3.4(d)-0.6(e)-14.7(s)-eu-14.2(s)-5.5(i)101(m)7.3((e )]

naturais e na poluição em curso, na tragédia da exploração do trabalho; penso nos tráficos ilícitos de dinheiro como também na especulação financeira que, muitas vezes, assume caracteres predadores e nocivos para inteiros sistemas econômicos e sociais, lançando na pobreza milhões de homens e mulheres; penso na prostituição que diariamente ceifa vítimas inocentes, sobretudo entre os mais jovens, roubando-lhes o futuro; penso no abominável tráfico de seres humanos, nos crimes e abusos contra menores, na escravidão que ainda espalha o seu horror em muitas partes do mundo, na tragédia frequentemente ignorada dos emigrantes sobre quem se especula indignamente na ilegalidade. A este respeito escreveu João XXIII: “Uma convivência baseada unicamente em relações de força nada tem de humano: nela veem as pessoas reduzidas a própria liberdade, quando, pelo contrário, deveriam ser postas em condição tal que se sentissem estimuladas a procurar o próprio desenvolvimento e aperfeiçoamento”. Mas o homem pode converter-se, e não se deve jamais desesperar da possibilidade de mudar de vida. Gostaria que isto fosse uma mensagem de confiança para todos, mesmo para aqueles que cometeram crimes hediondos, porque Deus não quer a morte do pecador, mas que se converta e viva (cf. Ez 18,23).

No contexto alargado da sociabilidade humana, considerando o delito e a pena, penso também nas condições desumanas de muitos estabelecimentos prisionais, onde frequentemente o preso acaba reduzido a um estado sub-humano, violado na sua dignidade de homem e sufocado também em toda a vontade e expressão de resgate. A Igreja faz muito em todas estas áreas, a maior parte das vezes sem rumor. Exorto e encorajo a fazer ainda mais, na esperança de que tais ações desencadeadas por tantos homens e mulheres corajosos possam cada vez mais ser sustentadas, leal e honestamente, também pelos poderes civis.

## A fraternidade ajuda a guardar e cultivar a natureza

A família humana recebeu, do Criador, um dom em comum: a natureza. A visão cristã da criação apresenta um juízo positivo sobre a licitude das intervenções na natureza para dela tirar benefício, contanto que se atue responsabilmente, isto é, reconhecendo aquela “gramática” que está inscrita nela e utilizando, com sabedoria, os recursos para proveito de todos, respeitando a beleza, a finalidade e a utilidade dos diferentes seres vivos e a sua função no ecossistema. Em suma, a natureza está à nossa disposição, mas somos chamados a administrá-la responsabilmente. Em vez disso, muitas vezes nos deixamos guiar pela ganância, pela soberba de dominar, possuir, manipular, desfrutar; não guardamos a natureza, não a respeitamos, nem a consideramos como um dom gratuito de que devemos cuidar e colocar ao serviço dos irmãos, incluindo as gerações futuras.

De modo particular o setor produtivo primário, o setor agrícola, tem a vocação vital de cultivar e guardar os recursos naturais para alimentar a humanidade. A propósito, a persistente vergonha da fome no mundo leva-me a partilhar convosco esta pergunta: de que modo usamos os recursos da terra? As sociedades atuais devem refletir sobre a hierarquia das prioridades no destino da produção. De fato, é um dever impelente que se utilizem de tal modo os recursos da terra, que todos se vejam livres da fome. As iniciativas e as soluções possíveis são muitas, e não se limitam ao aumento da produção. É mais que sabido que a produção atual é suficiente, e todavia há milhões de pessoas que sofrem e morrem de fome, o que constitui um verdadeiro escândalo. Por isso, é necessário encontrar o modo para que todos possam se beneficiar dos frutos da terra, não só para evitar que se alargue o fosso entre aqueles que têm mais e os que devem contentar-se com as migalhas, mas também, e sobretudo, por uma exigência de justiça e equidade e de respeito a cada ser humano. Neste sentido, gostaria de lembrar a todos o necessário destino universal dos bens, que é

um dos princípios fulcrais da doutrina social da Igreja. O respeito deste princípio é a condição essencial para permitir um acesso real e equitativo aos bens essenciais e primários de que todo homem precisa e tem direito.

### Conclusão

Há necessidade de que a fraternidade seja descoberta, amada, experimentada, anunciada e testemunhada; mas só o amor dado por Deus é que nos permite acolher e viver plenamente a fraternidade.

O necessário realismo da política e da economia não pode reduzir-se a um tecnicismo sem ideal, que ignora a dimensão transcendente do homem. Quando falta esta abertura a Deus, toda a atividade humana se torna mais pobre, e as pessoas são reduzidas a objeto passível de exploração. Somente se a política e a economia aceitarem mover-se no amplo espaço assegurado por esta abertura Àquele que ama todo o homem e mulher, é que conseguirão estruturar-se com base num verdadeiro espírito de caridade fraterna e poderão ser instrumento eficaz de desenvolvimento humano integral e de paz.

Nós, cristãos, acreditamos que, na Igreja, somos membros uns dos outros e todos mutuamente necessários, porque a cada um de nós foi dada uma graça, segundo a medida do dom de Cristo, para utilidade comum (cf. Ef 4,7.25; 1Cor 12,7). Cristo veio ao mundo para nos trazer a graça divina, isto é, a possibilidade de participar na sua vida. Isto implica tecer um relacionamento fraterno, caracterizado pela reciprocidade, o perdão, o dom total de si mesmo, segundo a grandeza e a profundidade do amor de Deus, oferecido à humanidade por Aquele que, crucificado e ressuscitado, atrai todos a Si: “Dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros; que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei. Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros” (Jo 13,34-35). Esta é a boa-nova que requer, de cada um, um passo a mais, um exercício perene de empatia, de escuta

do sofrimento e da esperança do outro, mesmo do que está mais distante de mim, encaminhando-se pela estrada exigente daquele amor que sabe doar-se e gastar-se gratuitamente pelo bem de cada irmão e irmã.

Cristo abraça todo ser humano e deseja que ninguém se perca. “Deus não enviou o seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele” (Jo 3,17). Faz isso sem oprimir, sem forçar ninguém a abrir-Lhe as portas do coração e da mente. “O que for maior entre vós seja como o menor, e aquele que mandar, como aquele que serve – diz Jesus Cristo –. Eu estou no meio de vós como aquele que serve” (Lc 22,26-27). Deste modo, cada atividade deve ser caracterizada por uma atitude de serviço às pessoas, incluindo as mais distantes e desconhecidas. O serviço é a alma da fraternidade que edifica a paz.

Que Maria, a Mãe de Jesus, nos ajude a compreender e a viver todos os dias a fraternidade que jorra do coração do seu Filho, para levar a paz a todo homem que vive nesta nossa amada terra.

O Ano da VRC é um tempo de revitalização. Tempo de abertura ao Espírito Santo, que revitaliza o pensar, o sentir e o agir. É o Espírito Santo quem desperta a VRC para a beleza do chamado. É preciso cultivar a beleza interior para levar a beleza de Deus ao mundo.

Ser chamado à existência, em si, já é ser chamado ao amor e à vida, pois fomos criados à imagem e semelhança do Deus do Amor e da Vida. Onde há amor, reina a vida e seus encantos; sem amor, impera a morte e suas perversidades. Ser de Deus, assim, é viver pelo amor e pela vida. Eis a grande beleza de ser homem e mulher de Deus.

Enche-se de entusiasmo quem alcança a grandeza dessa realidade. A palavra entusiasmo significa, a princípio, estar imbuído de Deus e estar sob a sua inspiração. A harmonia perfeita: Deus no meu coração e eu no coração de Deus. Mas o Deus verdadeiro, o Deus de amor, o Deus Criador, o Deus que Jesus Cristo, por meio de sua vida e de suas palavras, revelou à humanidade.

Ao contrário, “intoxica-se” quem se “contamina” pelo deus falso, o deus do consumismo, do materialismo, do racionalismo, do individualismo; arrasta-se por entre os detritos deste mundo enfermo e desfigurado; perde a alegria e o encanto pela gratuidade, pelo serviço ao outro, pelo bem.

Todas as pessoas, religiosas ou não, são convidadas à beleza do Reino: cuidar do ser humano e das demais riquezas naturais, promover as relações humanas, a justiça e a paz, conviver com a diversidade. Porém, os religiosos e as

religiosas, mais que o restante da humanidade, são escolhidos/as para o Kairós, o tempo de Deus, o tempo de reavivar a espiritualidade, a ética e a solidariedade, o tempo de dar novo semblante ao progresso, à ciência, à tecnologia.

Na Vida Religiosa Consagrada, o que se é, o que se tem, o que se faz, nada tem fim em si mesmo, tudo está voltado para Deus. O seio da VRC deve ser um lugar de respeito, um lugar de perdão e misericórdia, um lugar de crescimento e de sabedoria. Quem é chamado precisa se sentir amado e ter espaço para amar. Sem o amor, a comunidade desertifica-se, as relações humanas se superficializam, as pessoas definham.

Antes de levar Deus à humanidade, o/a religioso/a faz a experiência de Deus na comunidade:

- Onde as pessoas valem mais que as normas e regras, onde são acolhidas com sua história, seus limites e seus dons, onde podem crescer integralmente, na dimensão afetiva, social, estética, racional, espiritual.
- Onde o/a religioso/a é visto/a primeiro como pessoa, depois como religioso/a. Onde se tem clareza de que o/a religioso/a feliz, eficiente e eficaz resulta de um ser humano de bem com a vida. Quem não está bem como ser humano, não está bem como religioso/a.
- Onde o/a religioso/a sabe que está na VRC não para servir a Congregação, mas para Deus. A Instituição Religiosa não tem fim em si mesma; antes, é um meio para servir o Reino. Portanto, a VRC precisa olhar para a pessoa e ver nela um presente de Deus, não um número a mais para perpetuar a Congregação.
- Onde as funções – provincial, conselheiro/a, superior/a, ecônomo/a etc. – não são vistas como poder, mas como responsabilidades. Quem tem cargos deve ter a consciência de que está a serviço de Deus, servindo as pessoas, promovendo-as e garantindo-lhes o bem-estar e o crescimento. O abuso de poder – praticado deturpadamente em nome de Deus – aniquila as vocações e massacra a beleza da Vida Religiosa Consagrada.

Quem é escolhido por Deus a viver mais intensamente pelo Reino, tem o direito de desfrutar de uma comunidade acolhedora, libertadora, feliz, cheia de ternura e bondade. A comunidade não é um lugar onde se provocam sofrimentos e dores, mas um cenário de Amor e de Vida. Assim é o nosso Deus: Amor e Vida.

Ir. Lauro Daros, marista,  
Assessor da CRB no setor de Publicações

Estimadas Irmãs Mensageiras do Amor Divino:

Cordiais saudações!

Ao saudá-las neste domingo, dia 16 de novembro, venho unir-me num sentimento de solidariedade em nome da Diretoria da CRB Nacional e de todas(os) as(os) Religiosas(os) do Brasil, pelo falecimento da Madre Felicy (FELICIDADE DE LOURDES BRAGA), vossa fundadora, no dia de ontem, 15 de novembro, que partiu para a Casa do Pai. Nossa solidariedade para a Irmã Maria Inês, Presidente da CRB Nacional.

Temos ciência de que ela nasceu em Aparecida-SP, no dia 4 de abril de 1927. Sua dedicação à ação missionária-pastoral começou muito cedo e, com a ajuda do Pe. Eduardo Moriarty, CSSR, iniciou uma Comunidade de jovens para o serviço ao Reino de Deus, na evangelização, na promoção de retiros para leigos, na promoção social dos pobres na periferia da cidade. Esta iniciativa cresceu e se tornou a Congregação das Irmãs Mensageiras do Amor Divino, que este ano celebra os 60 anos de fundação. Portanto, esta congregação nasceu no mesmo ano da CRB Nacional.

Que as últimas palavras da Madre Felicy deixada a vocês, Irmãs – “Amem muito a Jesus, sejam amor, levem amor e irradiem amor divino” –, possam ser um estímulo, para vocês, Irmãs, e também para todas(os) as(os) Religiosas(os) Consagradas(as), a viver e a testemunhar o REINO DE DEUS.

Temos consciência de que todo momento de despedida, particularmente quando é de um familiar, nesse caso

específico, de vossa fundadora, é um momento de dor. É um momento onde as lembranças do passado voltam com mais intensidade à mente. Lembra-se com saudade do jeito simples de ser, de sua alegria e de sua empolgação pela vida; de suas palavras de carinho e amizade, que tantas vezes foram causa de conforto, de consolo e de ânimo nas dificuldades.

De fato, todos aqueles que amamos, particularmente nossos pais, familiares, colegas de família religiosa e amigos, sempre ficam gravados em nossos corações, por mais que o tempo passe e por maior que seja a distância que nos separe. Não os esqueceremos, pois não é só a presença física, tangível, que nos faz recordar as pessoas amadas, mas também um objeto pessoal, uma carta, um e-mail, uma mensagem.... são formas de recordar e manter vivas as pessoas e os momentos felizes que vivemos com elas. Certamente a Madre Felicy continuará presente em vossas vidas, mesmo que seja de outra forma. Temos certeza de que ela estará torcendo por vossa congregação junto de Deus.

Irmãs Mensageiras do Amor Divino: contem com as orações das(os) Religiosas(os) do Brasil, da Diretoria e Assessoria da CRB Nacional e com os sentimentos de pesar pelo falecimento da Madre Felicy, vossa fundadora.

Atenciosamente,

Ir. Jardelino Menegat  
Vice-Presidente da CRB Nacional

B m- r M r A  
S m m í

*“A beatificação é um dom de Deus que deve ser merecido, um dom que deve ser desejado, pedido a Deus.”  
(A. Gutiérrez)*

A Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas – acabou de receber e celebrar este dom de Deus, a Beatificação de sua cofundadora, Madre Assunta Marchetti, no dia 25/10/2014.

Os santos e beatos transformam o mundo e enriquecem a Igreja de Jesus Cristo. Eles injetam na história da humanidade o amor desinteressado, o serviço aos mais vulneráveis, a solidariedade fraterna entre os opostos. São eles “células vivas que purificam o ar do mundo egoísta” e “embelezam o rosto enrugado da Igreja”. É por isso que os veneramos e que damos, às relíquias de seu corpo santificado e ressuscitado com Cristo, um lugar de destaque e de honra, acolhendo-as em nossas comunidades, capelas e Igrejas, como faziam os cristãos desde os primórdios da Igreja.

Realmente “os santos e bem-aventurados – como disse Cardeal Angelo Amato, Prefeito da Congregação das Causas dos Santos – são um dom precioso do céu, pois eles são pessoas íntegras, que fizeram o bem, homens e mulheres imagens do Deus vivo, verdadeiras pérolas preciosas para o bem da Congregação, da Igreja e da sociedade”.

Assim foi a Bem-aventurada Assunta Marchetti. Pessoa que viveu na íntegra a vocação humano-cristã, dentro dos limites que a história e a sociedade de seu tempo lhe ofereceram. Sua vida foi uma bênção para tantos órfãos,

o conforto para os migrantes, uma presença benéfica para toda a sociedade.

A experiência da beatificação foi e será sempre mais, para as missionárias scalabrinianas, um evento de fé, um apelo à renovação, uma enxurrada de graças que se alastra e se derrama na missão, onde as coirmãs da Bem-aventurada Assunta Marchetti vivem e prolongam o carisma scalabriniano, tão bem assumido e transmitido pela Bem-aventurada Cofundadora.

A Bem-aventurada Assunta, podemos afirmar, abre horizontes novos para a Congregação das Irmãs Missionárias Scalabrinianas, faz ressoar um novo chamado à santidade de vida e um forte apelo à dedicação amorosa aos migrantes e refugiados deste tempo.

O dom da beatificação é, também, um motivo de regozijo e esperança, pois saber que na raiz de nosso Instituto está uma mulher bem-aventurada, religiosa que viveu as bem-aventuranças de modo exímio, amando a Deus “que a amou primeiro” (1Jo 4,10.19) e servindo aos irmãos e irmãs migrantes que encontrou em seu caminho de migrante com os migrantes, nos fala de santidade como caminho possível, nos fala de missionariedade como expressão terna do amor atencioso de Deus para os pequenos e pobres migrantes: seus filhos e filhas preferidos!

### Traços biográficos

Assunta Marchetti nasceu em Lombrici di Camaio, Lucca, Itália, no dia 15 de agosto de 1871. Com 24 anos, a convite do irmão José, sacerdote missionário entre os italianos no Brasil, deu o seu sim a Deus na vida missionária.

Eram os anos em que a Europa via partir muitos dos seus patriotas que viviam em situação de extrema pobreza e desproteção; por isso buscavam o pão nas Américas. O Bispo de Piacenza, Itália, João Batista Scalabrini, hoje Beato, vendo este grande êxodo, fundou várias instituições, entre elas a Congregação dos Padres Missionários (1887)

e das Irmãs Missionárias (1895) de São Carlos Borromeu – Scalabrinianas.

Padre José era um dos missionários italianos que atendia os imigrantes nas fazendas de café, em São Paulo. Logo percebeu a falta de “corações maternos” que tomassem conta dos órfãos e necessitados. Convidou Assunta a fazer-se missionária para os imigrantes no Brasil. Após um momento de oração e discernimento, diante do Coração de Jesus, pronunciou seu sim a Deus. Um sim definitivo e total! O Irmão missionário levou o pequeno grupo formado por Assunta e três colegas ao Bispo Dom Scalabrini que, com zelo apostólico, acolheu o grupo e os votos que fizeram em suas mãos. Scalabrini, o bispo fundador, exortou-as a viver na certeza da fé e, entregando-lhes o crucifixo de missionárias, disse: “Eis o companheiro indivisível nas peregrinações apostólicas, o conforto, a força, a vossa salvação”. Era o dia 25 de outubro de 1895. Nascia assim um novo Instituto na Igreja com uma missão específica do serviço evangélico e missionário aos migrantes no Brasil.

Chegadas a São Paulo como “Servas dos Órfãos e Abandonados no Exterior”, como eram chamadas, assumiram os cuidados de centenas de órfãos, especialmente os filhos de migrantes italianos e os ex-escravos. O estilo de vida era simples, serviçal, e a santidade que expressavam em sua missão atraíram muitas jovens, a quem Deus tinha dado o dom da vocação religiosa. Assim, a Congregação cresceu e se expandiu no Brasil e fora dele, expressando a caridade evangélica entre os migrantes.

Pode-se dizer que a Beata Assunta consumiu sua vida pelos estrangeiros; ela mesma se fez estrangeira, podendo compreender e amar na íntegra os que partilhavam a mesma sorte.

No amor a Jesus Eucarístico, ao “doce Coração de Jesus” e à Santíssima Virgem Maria, hauria forças para viver todos os acontecimentos à luz da fé, e assim foi em toda a sua humilde e atribulada existência. Exerceu a missão de superiora-geral por dois períodos, foi enfermeira, serva dos pequenos órfãos, cozinheira no Orfanato, nos asilos e hospitais de São Paulo e no Rio Grande do Sul. Religiosa sempre pronta a

“estender os braços ao infeliz e abrir as mãos aos indigentes” (cf. Pr 31,20).

Após uma longa caminhada de 76 anos, faleceu em São Paulo, no Orfanato Cristóvão Colombo, Vila Prudente, no dia 1º de julho de 1948. As órfãs que lá se encontravam exclamaram: “Hoje morreu a caridade! Hoje morreu uma santa!”.

### Processo de Beatificação, virtudes e milagre

O processo foi iniciado em 1987, em São Paulo, e seguiu-se a longa fase romana. À conclusão deste minucioso estudo, o Papa Bento XVI assinou, em 19 de dezembro de 2011, o Decreto de reconhecimento das virtudes heroicas, declarando-a Venerável. O que quer dizer que Assunta, após muito exercício, aprendeu a viver heroicamente as virtudes. Viviam sem dificuldade, com alegria e prontidão, como uma segunda natureza.

Mas, para que alguém chegue a ser beatificado, não basta o reconhecimento do exercício das virtudes de modo superior ao comum; é necessário, ainda, que aconteça um milagre atribuído à sua intercessão. O milagre que levou a Venerável Madre Assunta a ser declarada bem-aventurada aconteceu em 1994. O senhor Heraclides Teixeira Filho, que havia sofrido uma grave e prolongada parada cardíaca, estava internado no Hospital Mãe de Deus de Porto Alegre, RS. Os médicos avisaram os familiares que, se ele sobrevivesse, teria graves sequelas neurológicas por ter passado mais de 15 minutos sem oxigenação do cérebro.

Naquele momento, Irmã Alice Milani, da Congregação da Venerável Serva de Deus, foi à capela e dirigiu uma fervorosa invocação à Madre Assunta, pedindo sua intercessão junto a Deus em favor do senhor Heraclides. Uniram-se a ela em oração várias irmãs scalabrinianas da comunidade do Hospital e alguns familiares do enfermo.

O doente foi transferido para a UTI e improvisamente manifestou sintomas de excelente recuperação das funções do coração e do cérebro, e em um tempo muito breve, o que contrastava com o grave estado de saúde diagnosticado

pelos médicos. O fato maravilhoso foi o de que ele recuperou completamente a saúde sem sofrer nenhuma seqüela neurológica, e nisto consistiu o milagre obtido por intercessão de Madre Assunta Marchetti.

Finalmente, em dezembro de 2013 o Papa Francisco, considerando as virtudes heroicas e o milagre acontecido graças à intercessão de Madre Assunta, reconheceu nesta religiosa missionária um exemplo de religiosa da caridade, propondo-a à veneração dos fiéis cristãos, pois seu modo de vida devotada aos menores do Reino, especialmente entre os órfãos e migrantes, era digno de ser imitado. Assim, o Romano Pontífice decretou sua beatificação, que foi celebrada na Catedral Metropolitana da Sé, em São Paulo, SP, aos 25 de outubro de 2014.

E como foi e é uma grande amiga de Deus, podemos recorrer à sua intercessão como já fazem suas coirmãs e milhares de devotos espalhados pelos quatro cantos da terra.

### Madre Assunta, hoje e amanhã

Que significado tem a beatificação de Madre Assunta nas complexas circunstâncias que caracterizam os diversos cenários da atualidade? Qual o legado para as gerações contemporâneas e vindouras?

Em primeiro lugar, a beatificação de Madre Assunta deve ser interpretada como reconhecimento da dimensão feminina do carisma scalabriniano, a saber, o serviço pastoral junto aos migrantes, sobretudo os mais vulneráveis, em relação aos quais o poder público, na maioria das vezes, omite-se. Na atualidade, a questão migratória entrou na pauta dos governos e da sociedade civil, despertando repostas solidárias e compassivas, mas também xenófobas e racistas.

Profético foi o gesto do Papa Francisco, que escolheu como destino para a primeira viagem de seu pontificado a ilha de Lampedusa, no sul da Itália, a fim de manifestar sua solidariedade e proximidade a todas aquelas pessoas que arriscam a vida em perigosas viagens marítimas para fugir de perseguições, guerras ou condições indignas de

sobrevivência. A beatificação de Assunta nos lembra de que a causa dos migrantes é a causa de Jesus de Nazaré, que se identificou com os forasteiros, os migrantes (Mt 25,35), e denunciou todas as formas de idolatria (o poder, a guerra, o dinheiro, o legalismo, entre outros) que legitimam a violação da dignidade de seres humanos e obrigam milhões de pessoas a fugir de suas casas, deixar sua pátria.

Em segundo lugar, para além de uma questão meramente individual, ao beatificar Madre Assunta, a Igreja Católica reconhece a ação da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeu, scalabrinianas, que, por mais de um século, se têm dedicado com ternura, firmeza e profecia à defesa e promoção dos direitos de migrantes e refugiados, à ação catequética, ao serviço junto aos órfãos e ao cuidado da saúde, principalmente dos migrantes e das pessoas mais vulneráveis. Neste sentido, não seria errado dizer que as virtudes e as práticas pastorais reconhecidas em Madre Assunta são vivenciadas e testemunhadas pelos membros da Congregação que, de alguma maneira, seguem e atualizam os caminhos de sua cofundadora, a Bem-aventurada Assunta Marchetti.

Finalmente, deve-se ressaltar o conteúdo claramente profético contido na decisão da jovem Assunta de embarcar para as Américas rumo ao desconhecido: migrante entre os migrantes, órfã de sua terra e de seus pais, no meio dos pequenos órfãos, partilha as angústias e segue as pegadas do seu povo sofredor, verdadeiro sacramento da presença de Deus nas vicissitudes da história. Este, talvez, seja seu mais importante legado espiritual: deixou-se moldar pela vontade do Pai, ouviu os apelos dos pequenos, tornando-se, ela mesma, um deles. Simples, humilde, abnegada, servindo sempre em favor dos pequenos e de suas irmãs de Congregação.

Portanto, num contexto em que se multiplicam os sentimentos e os comportamentos racistas e xenófobos, próprios da “cultura da indiferença”, como afirmou o Papa Francisco, em que as pessoas são transformadas em meros consumidores, e onde se difundem promessas ilusórias de felicidade

e autorrealização, a beatificação de Madre Assunta é, para toda a comunidade eclesial e para todos os seres humanos de boa vontade, um facho de luz que resplandece, testemunho de uma mulher migrante que, em sua humanidade, entre fraquezas, limitações e graça, soube reconhecer o lugar da presença de Deus na história; ali soube servir e galgar os caminhos da santidade.

Ir. Leocádia Mezzomo, mscs  
Postuladora da Causa de Beatificação.

### Referências bibliográficas

- BONDI, Laura. *Madre Assunta Marchetti: uma vida missionária*. Brasília: Ed. CSEM, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Virtudes da serva de Deus Madre Assunta Marchetti*. Ipiranga, SP, 2007.
- ZAMBIASI, Terezinha; CUNHA, Rose Mendes; RHODEM, Alvanir. *Bem-aventurada Madre Assunta Marchetti: Irmã missionária scalabriniana de coração materno*. Porto Alegre, 2014.

No dia 16 de agosto de 2014 iniciamos o “Ano Santo Salesiano” em vista do bicentenário de nascimento do nosso fundador (06/08/1815). João Melchior Bosco nasceu no lugarejo chamado Murialdo, no norte da Itália, no sítio Biglione onde seus pais eram empregados, na região do Piemonte, território de Castelnuovo, Província de Asti.

Filho de Francisco Luis Bosco (04/02/1784 – 11/05/1817) e Margarida Occhiena (01/04/1788 – 25/11/1856), teve um irmão por parte de pai, Antônio, e um irmão biológico, José. A família era de origem camponesa, descendentes de migrantes que deixaram as terras e origens em busca de melhorias e sobrevivência. Eram pobres analfabetos, mas muitos solidários entre si. Gente simples que aprendia, nas capelas dos lugares por onde passava, os elementos fundamentais da fé e transmitiam aos filhos. Foi assim que Margarida se tornou a primeira catequista de João e sua grande colaboradora nos inícios de sua obra.

A vida de João foi marcada por um sonho. Deixemos que ele mesmo, aos 58 anos, nos narre o sonho:

Pareceu-me estar perto de casa, numa área bastante espaçosa, onde uma multidão de meninos estava a brincar. Alguns riam, outros se divertiam, não poucos blasfemavam. Ao ouvir as blasfêmias, lancei-me de pronto no meio deles, tentando, com socos e palavras, fazê-los calar. Nesse momento, apareceu um homem venerando, de aspecto varonil, nobremente vestido. Um manto branco cobria-lhe o corpo; seu rosto, porém, era tão luminoso que eu não conseguia fitá-lo. Chamou-me pelo

nome e mandou que me pusesse à frente daqueles meninos, acrescentando essas palavras:

– Não com pancadas, mas com a mansidão e a caridade que de-  
verás ganhar esses teus amigos. Põe-te imediatamente a instruí-  
-los sobre a fealdade do pecado e preciosidade da virtude.

Confuso e assustado repliquei que eu era um menino pobre e ignorante, incapaz de falar-lhes de religião. Foi quando aqueles meninos, parando de brigar, de gritar e blasfemar, juntaram-se ao redor do personagem que estava a falar. Quase sem saber o que dizer, acrescentei:

– Quem sois vós que me ordenais coisas impossíveis?

– Justamente porque parecem impossíveis, deve torná-las possí-  
veis com a obediência e a aquisição da ciência.

– Onde, com que meios poderei adquirir a ciência?

– Eu te darei a mestra, sob cuja orientação poderás te tornar  
sábio, e sem a qual toda a sabedoria se converte em estultice.

– Mas quem sois vós que assim falais?

– Sou o filho daquela que tua mãe te ensinou a saudar três vezes  
ao dia.

– Minha mãe diz que sem licença não devo estar com gente que  
não conheço; dissei-me, pois, vosso nome.

– Pergunta-o a minha mãe.

Nesse momento vi ao seu lado uma senhora de aspecto majesto-  
so, vestida de um manto todo resplandecente, como se cada uma  
das suas partes fosse fulgidíssima estrela. Percebendo-me cada vez  
mais confuso em minhas perguntas e respostas, acenou para que  
me aproximasse, tomando-me com bondade pela mão, disse:

– Olha!

Vi então que todos os meninos haviam fugido, e em lugar deles  
estava uma multidão de cabritos, ursos e outros animais.

– Eis o teu campo, onde deves trabalhar. Torna-te humilde,  
forte, robusto; e o que agora vês acontecer a esses animais, deves  
fazê-lo aos meus filhos.

Tornei então a olhar e, em vez de animais ferozes, apareceram  
mansos cordeirinhos que, saltitando e balindo, corriam ao redor  
daquele homem e daquela senhora, como a fazer-lhes festa.

Nesse ponto, sempre no sonho, desatei a chorar; e pedi que fa-  
lassem de maneira que pudesse compreender, porque não sabia

o que significava tudo aquilo. A senhora descansou a mão em minha cabeça, dizendo:

– A seu tempo tudo compreenderás.

Após essas palavras, um ruído qualquer me acordou, e tudo desapareceu.

Quando o menino Joãozinho Bosco narrou aos familiares o sonho de 1825, todos deram uma sentença; entretanto, a mais marcante foi a sábia vovó Margarida Zucca: “Não devemos dar asas aos sonhos”. Na mente daquele menino ficaram gravadas estas palavras e por muitos anos ele não deu muito valor, embora jamais esquecesse as imagens e os personagens daquela noite cheia de socos, lágrimas e consolos.<sup>1</sup> Ficou também gravada em sua mente a última frase do sonho: “A seu tempo tudo compreenderás”, dita pela mulher que pousou a mão sobre sua cabeça com um gesto de carinho. De fato, o tempo passou e o sonho, que parecia não ter muita importância, tornou a acontecer como um filme em seus vários cenários, sempre recheado de novos elementos até a idade de 71 anos. Trata-se de um “prólogo profético”, nos ensina o Padre Fernando Peraza, que teve sua sequência durante vinte anos.<sup>2</sup>

Entre a descrença da vó Zucca e a frase da mulher vestida majestosamente, supostamente a Virgem da Anunciação, Dom Bosco foi durante dezoito anos de sua vida sacudido pelo sonho de sua infância, quando tinha entre 9 e 10 anos. O sonho, inconsciente ao princípio, porém, aos poucos se concretizando em sua vida, tornou-se um projeto de vida a partir da sua resposta vocacional. Quando João decidiu ser padre, ele não queria ser mais um padre nobre e cheio de regalias, queria ser diferente. Os propósitos assumidos por ele em 1835 revelam isto:

<sup>1</sup> No futuro não participei de espetáculos públicos em feiras

fome e morte. A migração é tremenda. Crianças, adolescentes, jovens e adultos são obrigados a deixar tudo, embora as tradições familiares e católicas permaneçam vivas no seio das famílias. Neste contexto encontramos a família Bosco.

### O contexto

Na geografia de Murialdo e nela Castelnuovo d’Asti, Província de Asti, Turim, encontramos o lugarejo dos Becchi a 259 metros do nível do mar; perto dali se pode ver a torre da igreja das pequenas localidades de Buttigliera e Caprioglio, no coração do Piemonte, uma vasta zona de colinas do Monferrato, com casas que se aglomeram ao redor das pequenas paróquias e capelas, com tradições religiosas que tocam na profundidade da vida dos camponeses. Os Bosco migraram primeiramente da região de Chieri. Eram funcionários de um mosteiro em Croce de Pane; depois, devido às dificuldades econômicas, voltaram a migrar para esta região de Murialdo-Becchi e ali se dedicaram ao plantio e à colheita de cereais, legumes, uvas etc.

Naquele lugar, no dia 16 de agosto de 1815, nasceu João Bosco. Era o pequeno sítio Biglione. Somente depois da morte de seu pai, em 1817, Margarida e os filhos se transferiram para a colina dos Becchi, a 200 metros do sítio de Jacinto Alberto Biglione, o chamado recanto Cavalo, porque pertencia ao senhor Canton Cavalo. Uma casa pequena, praticamente um galpão com 12 metros de comprimento, 3 de largura e 4,5 de altura. Foi conseguida pelo seu pai Francisco Bosco antes de morrer no dia 11/05/1817, aos 33 anos.<sup>5</sup> Margarida, viúva aos 29 anos, se transfere com sua família para o galpão, e é neste cenário dos Becchi, uma pequena colina, que Joãozinho Bosco tem seu sonho.

Um contexto de grande carestia, ausência paterna, sinais de morte por todo lado, uma mãe e dois irmãos que trabalham para tirar da terra um pouco de alimento, um futuro incerto, uma vida para ser construída na contracultura da vida camponesa. Pensar em ser algo mais que um camponês, como queria o pequeno Joãozinho, era rejeitar a vontade de

5 GIRAUDO GIUSEPPE, Biancardi (a cura). *Qui è vissuto*

Don-3.9(21(n)-2)-16(O Go)8.4(n)m(S)5(0)-4(0)1-23.226 1] e Oa it. 20362-12311

e queria impor sua vontade. Era sete anos mais velho que João. Na época do sonho tinha 16/17 anos. Por isto poderia, no papel de pai, assumir esta postura. Ele era o irmão maior que assumira todo o sustento da casa e deveria manter a rédea curta e fazer com que todos ajudassem para ninguém morrer de fome. Era o provedor da família. O homem da casa adulto, mesmo se ainda fosse adolescente. Padre Ferreira diz que o conflito ficou tão grave que não era mais possível a convivência de ambos debaixo do mesmo teto.<sup>8</sup> Era preciso sair tanto para evitar as brigas como garantir trabalho fora de casa.

O cenário mostra este dilema. É a segunda orfandade de João. É um menino sozinho que enfrenta uma multidão de meninos – multidão de problemas – que mexem com ele e o fazem sofrer e até chorar. Ele bate e apanha. Entretanto, há um segundo cenário. Um homem sereno, majestoso, que fala com ele. A figura paterna que João não recorda. A imagem de Deus imponente era muito comum na religiosidade. Certamente era o modelo de homem adulto que estava no inconsciente do pequeno João, porque do pai ele não lembrava nada.

O senhor viril não se apresenta. Interessante este detalhe. Permanece certo mistério sobre sua identidade. Joãozinho não entende aquele mistério e insiste para que o senhor se identifique. Somente quando o senhor diz que seu nome é o mesmo da saudação costumeira do *Angelus*, ensinado pela mãe, é que o menino começa a entender de quem se trata. É o bom pastor que cuida do rebanho, contudo, entra em cena a figura da mulher majestosa, bela e cheia de luzes. É a imagem da virgem Mãe, devoção muito comum na região do Piemonte: Mãe grávida, senhora do Castelo. A virgem do Rosário e das Graças venerada em Chieri e Mondônio; como também a virgem das Dores.<sup>9</sup> Esta figura materna ficou impregnada na mente de Dom Bosco, tanto que, aos 58 anos, ele narra sua intimidade com a Mãe sempre presente. Ela se torna sua mestra.

É muito comum, segundo Otto, estudioso do sagrado,<sup>10</sup> que na experiência mística, no caso do sonho, que se trata

8 DA SILVA FERREIRA, Antônio. Os irmãos de Dom Bosco, p. 20.

9 MENDONÇA FILHO, João da Silva. *A corda bamba e a certeza*, p. 82s.

10 OTTO, R. O *Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. Tradução de Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

de uma experiência do numinoso narrada no auge da vida, haver a sensação de dois sentimentos que se entrelaçam: o *majestoso e o fascinante*. O majestoso encontramos na figura do Senhor viril que deixa Joãozinho tenso e com medo. Diante desta grandiosidade, ele se sente um nada. Pequeno, não porque é uma criança, mas porque o majestoso lhe parece muito maior do que é de fato. Deus na sua transcendência é sempre um Outro maior do que nós. Por outro lado, o fascínio é o sentimento que irrompe na experiência mística e revela o amor, a misericórdia, a compaixão, a fascinante e inebriante sedução. Isto ocorre quando surge Maria, dada pelo Senhor que carinhosamente pousa a mão sobre a cabeça de João, consolando-o. É a mestra que o acompanhará e que será a causa permanente de seu fascínio por Deus e sua missão.

Ambos os sentimentos do numinoso – sagrado – também se misturam com a inesperada presença de animais que formam outro grupo de personagens, comuns em muitos sonhos de Dom Bosco:<sup>11</sup> cães, gatos, cabritos, corvos, elefantes, cordeiros etc.; causam medo e fascinação ao mesmo tempo. Contudo, é um elemento interessante que ao longo da repetição deste sonho ganhará uma nova simbologia, que iremos destacar no seu momento certo. Voltemos aos animais. Joãozinho se apavora com a cena. Mais ainda quando escuta que deverá transformar com a mansidão todos estes raivosos animais em cordeiros – pessoas. É um desafio que o menino não consegue entender e chora. Neste momento, a Mãe pousa a mão sobre ele – carinho, acolhida, aconchego – e o anima a se tornar forte, porque o trabalho será grande e necessitará de sua fortaleza física. Haverá um tempo e um dia para que ele compreenda tudo e, de fato, somente no dia 14/05/1887, na inauguração da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Roma. Ele chora e agradece reconhecendo toda a ação de Deus na sua vida, desde o sonho de menino. É um ciclo que se fecha, mas uma missão que ainda deve continuar a crescer.<sup>12</sup>

11 A presença de animais selvagens e dóceis forma um arquétipo interessante na vida psíquica de Dom Bosco. Podemos elencar três vertentes de elementos nos sonhos: animais, objetos e acontecimentos. Os animais como serpente (1862), elefante (1863), águia (1865), corvos (1865), gato (1865), galinha (1876), touro selvagem (1876), a filoxera (1876) etc. formam uma espécie de luta psicológica com o mal, o pecado, às vezes caracterizado pelo demônio que avança para destruir sua obra; o sonho com objetos, igreja (1844), rosas (1847), duas colunas (1862), rosário (1862), uvas (1868), chuva e espinhos (1880), diamantes (1881) etc. dão a ideia de superação do mal. Pequenas vitórias que ele atribui à intervenção divina; os sonhos com acontecimentos envolvem também personagens, funeral na corte (1854), mãe Margarida (1860, 1886), três juízes (1860), paraíso (1861, 1867), dez colinas (1864), viagens (1868), jovens (1867, 1884), missionários (1872, 1883, 1885, 1886), visita do Papa ao Colle (1876), visão de Domingos Sávio (1876), morte de Pio

Toda vocação desperta o mistério – sagrado – na vida da pessoa. Há sempre um evento marcante ou, ao longo da vida, vários acontecimentos que marcam de forma definitiva o chamado de Deus que, somente na leitura de fê, somos capazes de compreender; porém, fica sempre o dom recebido. A perda, entretanto, do valor do mistério na vida elimina por completo o significado do chamado. A mudança de época na qual vivemos,<sup>13</sup> e onde Dom Bosco viveu, ajuda a compreender que as formas de propor o projeto de conhecimento e seguimento de Jesus são sempre dinâmicas. Saber ser discípulo missionário define este seguimento, pois se configura no encontro com Jesus (Documento de Aparecida, 132) caminho, verdade e vida.

Há um chamado, arrisco dizer, exclusivo da parte de Deus a uma pessoa.<sup>14</sup> “Um diálogo com características responsoriais, entre Deus e a pessoa humana, Deus que interpela nos acontecimentos e nas pessoas, e o ser humano, sempre limitado, porém inquieto que busca respostas e interage com Deus. O primeiro protagonista da vocação é, portanto, Deus, que é indicado pela Bíblia como aquele que chama (Rm 11,9; Gl 5,8; 1Pd 1,15), desde sempre, como uma definição.”<sup>15</sup> O chamado de Deus coloca tudo de cabeça para baixo e transforma em relativo o que antes era absoluto. “A partir do momento da nossa resposta ao chamado inicial de Deus criador, a vida de cada um de nós foi como um contínuo suceder de chamados, pequenos e grandes, implícitos ou explícitos, logo reconhecíveis ou velados, mas sempre com o mesmo sujeito que chama: aquele Deus pai e mãe.”<sup>16</sup>

Voltando ao Documento de Aparecida, encontramos um caminho de formação para o discípulo que deseja compreender os sinais do chamado. Trata-se de um processo iniciático que ajuda tanto ao agente como ao destinatário a discernir os motivos interiores do chamado do Senhor. É dever da animação vocacional formar para a beleza do seguimento, porque, sobretudo o jovem de hoje, precisa

IX (1877), com São Francisco de Sales (1879), assembleia dos demônios (1884), muitos com Maria (1825, 1865, 1878, 1880, 1884, 1886) etc. Trata-se de um estilo de sonhos que objetiva a missão nos momentos de maiores dramas, sensação de perda e conquistas. Em tudo isto podemos ver o processo pelo qual passou Dom Bosco no seu amadurecimento humano, religioso, social e pedagógico. Ele se supera vencendo os condicionamentos pessoais, aprofunda sua tradição religiosa, se relaciona com numerosas pessoas para o bem de sua obra e concretiza sua pedagogia nos pilares do conhecimento, da espiritualidade e da doçura.

12 BOSCO, Teresio. *Don Bosco historia de um cura*. Turin: Elle Di CI, 1997. p. 396s; BRAIDO, Pietro. *Dom Bosco, pai dos jovens no século da liberdade*. Tradução Geraldo Lopes. São Paulo: Salesiana, 2008. vol. II, p. 625s.

13 CELAM. *Documento de Aparecida*. Texto da V Conferência Geral do Episcopado

entregar-se a Deus e ser totalmente seu: “Deus é belo, e é doce amá-lo”.<sup>17</sup> Eis o itinerário:

1. **Encontro com Jesus Cristo:** Como diz o Documento de Aparecida, “é preciso descobrir o sentido mais profundo da busca de Jesus Cristo” (278a). No processo iniciático da proposta vocacional, verdadeira catequese, o significado da pessoa de Jesus Cristo na vida do cristão deve ser muito clara. O que Jesus acrescenta? Por que ele é importante na vida de uma pessoa? O iniciante deve responder a essas perguntas de modo que fique fascinado” (DAp, 243-244). Este encontro com Jesus a partir do querigma é fundamental. Sem isto não existe consciência vocacional e entrega exclusiva sem reservas e medos. O jovem encontrará Jesus “na Igreja Católica, nas Sagradas Escrituras, na Sagrada Liturgia, no Sacramento da Reconciliação, numa comunidade viva de amor e fraternidade, nos pobres, aflitos, enfermos, na piedade popular” (DA, 246-258ss). Em Dom Bosco este processo foi vivido com intensidade no encontro com o Bom Pastor que cuida, nutre e protege seu rebanho.
2. **A conversão:** O encontro real com Jesus Cristo torna a pessoa “livre e responsável”, dizia Bento XVI aos jovens em São Paulo. Uma liberdade que brota da acolhida de Jesus no diálogo fraterno e suscita a metanoia, a partir de dentro, rasgando a interioridade para que nasça o homem novo transfigurado em Jesus Cristo e pronto a dedicar-se ao Reino (DAp, 366). A proposta, então, é redescobrir com os jovens os sinais que acompanham a ritualidade do Batismo: o credo, a cruz, a unção, as promessas batismais. Somente com isto é possível a passagem pela Confirmação e não para a Confirmação. Dom Bosco também fez um processo de conversão quando passa a encontrar os jovens pobres e abandonados de Turim e a se identificar com suas dores.
3. **O Discipulado:** O discípulo responde com a vida àquela pergunta de Jesus: “Para vocês, quem sou eu?” (Mt 9,20). Como Paulo, o discípulo responderá: “Cristo vive em mim”. Por isso é impelido a evangelizar (1Cor 9,16).

Latino-Americano e do Caribe. Documento conclusivo. São Paulo, 2007, n. 44. Trata-se, sobretudo, de uma profunda mudança cultural.

14 João Paulo II, de maneiras diversas, demonstrou o sentido da vocação consagrada e do ministério presbiteral como uma iniciativa de Deus que torna a pessoa chamada exclusiva dele e para ele (cf. *Exortação Apostólica Vida Consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo*. São Paulo: Paulinas, 1996, nn. 17.18.23.30).

15 CENCINI, Amedeu. *Quando Deus chama; a consagração: aposta e desafio para os jovens de hoje*. São Paulo, Paulinas, 2004. p. 14.

16 *Ibid.*, p. 20.

17 *Ibid.*, p. 42.

O discípulo verdadeiro é aquele que assume a causa de Jesus Cristo (DAp, 136). Podemos dizer que, no processo vocacional de João, a pessoa do senhor majestoso – misterioso – será sempre uma pergunta pelo definitivo e comunhão de mente, vontade e desejo.

4. **A comunhão:** A pastoral vocacional é um processo educativo dentro de uma comunidade eclesial porque nela compreendemos, amadurecemos e celebramos a fé. Ali o jovem aprende o dinamismo que alimenta a vida do discípulo do Senhor: “A fração do pão, tinham tudo em comum, frequência do Templo, partiam o pão nas casas com alegria e louvavam a Deus” (At 4,42-46; DAp, 164). Nesta comunhão os jovens precisam fazer experiência da Vida Religiosa. Em Dom Bosco esta experiência se dará no encontro com pessoas do sagrado – Padre Calosso, por exemplo, homem sábio que o valorizou e orientou.
5. **A missão:** A conscientização vocacional não permitirá que o jovem saia triste de nossas comunidades sem forças para deixar tudo pelo Reino. Acredito que seria um bom estágio para todo jovem que busca ansioso o sentido para a própria vida passar por uma vivência comunitária antes de pensar na Vida Religiosa. O sonho é vocacional exatamente pela sua visão profética e determinante. Sem ele não podemos entender o processo vocacional de Dom Bosco.

Na vida de Dom Bosco este dinamismo vocacional aconteceu, como já sabemos, a partir do sonho dos 9/10. Arrisco a dizer que todo o seu percurso de buscas e compreensão daquele sonho, ao longo da vida, foi este itinerário que acabo de descrever. Trata-se dos parâmetros de desenvolvimento que o ser humano faz ao longo da vida; neste caso, em sintonia com o chamado misterioso de Deus.<sup>18</sup> Segundo esta teoria, o ser humano passa por três parâmetros de desenvolvimento: alteridade, temporalidade, estágios.<sup>19</sup> A realidade do mistério está nestes parâmetros. A alteridade é a busca da realização no outro. Quando Dom Bosco narra aos 58 anos o sonho, ele está na plena maturidade, revelando as áreas de passagens de seu desenvolvimento religioso que encontrou nos jovens o porto seguro de seu significado; diga-se de outra forma: seu

18 IMODA, Francisco. *Psicologia e mistério, o desenvolvimento humano*. Tradução Adalto Luiz Chitolina e Mathias J. A. Ham. São Paulo: Paulinas, 1996. p. 111.

19 *Ibid.*, p. 113-156.

projeto pessoal de vida. A temporalidade marca o passado, a história pessoal. Ao narrar o sonho, Dom Bosco descreve seu passado familiar, suas lembranças religiosas e sua capacidade de criar uma história nova. Sua vocação estava consolidada e o eterno – divindade – estava presente no seu desenvolvimento vocacional. Os estágios são os mediadores de todo o processo até aqui vividos. Podemos, então, observar que em Dom Bosco o sonho foi uma mediação, verdadeiro estágio dentro do mistério que definiu sua vocação de educador e pastor dos jovens mais pobres.

O arquétipo, luta psicológica entre o bem e o mal que se travou ao longo do processo decisional de Dom Bosco, nos mostra uma quebra de paradigma humano muito interessante. Ele tinha tudo para continuar no Piemonte, obediente a Antônio, casar, ter uma numerosa família e morrer. Contudo, a partir dos parâmetros de desenvolvimento, ele teve a liberdade e responsabilidade de romper com os condicionamentos, criar paradigmas e gerar um referencial de vivências humanas e espirituais que determinaram toda sua vida. Isto se dá no fenômeno vocacional que está bem fundamentado na teoria do pediatra e psicólogo Winnicott.<sup>20</sup>

Para este estudioso, nem o fator genético e muito menos o ambiente familiar são determinantes para o amadurecimento psíquico de uma pessoa.<sup>21</sup> Quer dizer, um indivíduo só receberá a carga patológica da família se durante seu desenvolvimento for levado a experimentar estas patologias. Dom Bosco rompeu com vários elementos patológico-familiares, inclusive a mentalidade religiosa de Antônio; porém, muito se deixou plasmar pela lucidez de sua mãe que o educou na fé e lhe abriu horizontes novos para viver seu desenvolvimento. Aos 58 anos, ele sabia muito bem separar os valores tradicionais familiares e os condicionamentos que poderiam ter limitado sua ação, por isso ele narra o sonho com tanta riqueza de detalhes e recorda até a opinião deles: José disse: “vais ser pastor de cabras, ovelhas e de outros animais”. Antônio sentenciou: “Chefe de bandidos, isto sim”. Vó Zucca foi determinante: “Não se deve fazer caso dos sonhos”. Margarida concluiu: “Quem sabe um dia será sacerdote”.

20 DIAS OLIVEIRA, Elsa. *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Magno, 2003.

21 *Ibid.*, p. 116.

Ele respeita as opiniões, acolhe o conselho da avó, mas não esquece a sabedoria da mãe; contudo, mesmo diante da opinião de cada membro da família, ele permanece independente. O que Dom Bosco faz na narrativa deste sonho vocacional é refletir e julgar à luz do Eu os motivos profundos de sua escolha vocacional pela intervenção direta do mistério. Isto significa que a vocação atinge o ser humano por inteiro de tal maneira que se integram à pessoa e sua profissão.<sup>22</sup>

### Conclusão

Para finalizar, reforço alguns elementos importantes dentro do dinamismo vocacional do sonhos dos 9/10 anos:

- Aos 58 anos Dom Bosco faz uma visita psicológico-afetiva à sua infância e coloca em evidência o valor de sua vocação construída.
- O arquétipo que ele revela é dúbio: a luta psicológica entre o bem e o mal travada em toda sua estrutura psíquica, porém sem limitá-lo e condicioná-lo.
- Soube romper com os condicionamentos patológicos, religiosos, sociais e familiares, respeitando-os, mas integrando-os no seu Eu ideal responsável e estimulado pelo mistério do chamado.

Pe. João da Silva Mendonça Filho\*

### Referências bibliográficas

BOSCO, Teresio. *Don Bosco: historia de um cura*. Turín: Elle Di CI, 1997, p. 396s.

**BRAIDO**, Pietro. *Dom Bosco, pai dos jovens*. 1985 e 1985 (1984g)-33.3J.

*BRAIDO e Geral(h)Lopes*

V C                    r                    m  
                           S                    T r                    A  
     Um                    x

“Nada te perturbe, nada te espante, tudo passa, Deus não muda, a paciência tudo alcança. Quem a Deus tem, nada lhe falta, só Deus basta”  
 Santa Teresa de Jesus (Poesias 9).

Feliz aniversário e felizes vésperas para você, Teresa de Jesus. Estamos em festa, gratidão e júbilo! Trata-se de nada mais, nada menos que o V Centenário do seu nascimento, em 24 de março de 1515.

*Teresa Sánchez de Cepeda y Ahumada*, sua luta continua viva entre nós ao recordar a sua força feminina que marcou história. Provocou um movimento de mulheres com a meta de viver o espírito evangélico como pobres, orantes e iguais, as Carmelitas Descalças. E como se não bastasse, ao propor isso aos homens, tornou-se um caso raro na história da Igreja: uma mulher reformadora de uma Ordem masculina, os Carmelitas Descalços.

Quem foi esta mulher, nascida em Ávila, Espanha, e que num determinado momento da sua vida decidiu chamar-se Teresa de Jesus? Qual é o seu segredo, que a tornou tão especial a ponto de seu nome atravessar cinco séculos de existência, e ser proclamada Doutora da Igreja? Por que sua vida e seus escritos continuam despertando apaixonado interesse em muitas seguidoras e seguidores?<sup>1</sup>

Certamente, o que a torna fascinante e atual é a narração da sua experiência de integração humana em todas as suas dimensões. Lutou muito para encontrar a verdade. Realizando a descoberta do Transcendente, sua vida se torna uma contínua paixão por Deus e pela humanidade. Enfrenta

1 Curiosidades: a francesa Marie Françoise Thérèse Martin (1873-1897), conhecida como Santa Teresinha do Menino Jesus, foi discípula de Teresa de Ávila. Juana Fernández Solar (1900-1920), chilena, hoje conhecida como Santa Teresa dos Andes, ao tornar-se monja carmelita como Santa Teresinha, também assumiu o nome de Teresa de Jesus. A albanesa Anjezë Gonxhe Bojaxhiu M. C. (1910-1997), Madre Teresa de Calcutá, quando se tornou religiosa de Nossa Senhora do Loreto, admiradora da Santa de Ávila, escolhe ser chamada de Teresa. Por considerar muita pretensão se parecer com a santa espanhola, contenta-se em ser parecida com a humilde carmelita de Lisieux, Teresinha do Menino Jesus.

muitas adversidades, mas assume a sua missão com “determinada determinação”.

A leitura dos seus escritos desperta as leitoras e leitores para a aventura da amizade com o Transcendente, como Alguém que ela encontrou e que deu sentido à sua existência, ao seu agir.<sup>2</sup> Com uma espiritualidade amorosa, libertadora e apaixonada, incentiva a descoberta de Deus dentro de nós, numa relação de amizade com Alguém que nos ama e “sempre nos espera”.

Para Teresa de Jesus, Deus é o que há de mais importante na sua vida, um Deus muito próximo e humano. Diz que podemos encontrá-Lo em toda parte, especialmente dentro de nós mesmas(os). Ao escrever sua experiência espiritual, fruto da sua amizade com Deus e com as pessoas, nos deixou o legado de uma espiritualidade para o nosso tempo, podendo ser encontrada em seus vários escritos.

Santa Teresa escreve sobre sua busca e experiência de amizade com as pessoas e com Deus: “Não direi coisa que não tenha experimentado muito” (V 18,8); “o que disser, tenho-o comprovado por experiência” (V 22,5; 28,7).

Trazia consigo a força do amor apaixonado por Deus, por isso anima a permanecer firme no caminho: “Aos que desejam seguir sem parar, até o fim, até chegar a beber desta água viva, direi como devem começar. Muito importa, e acima de tudo, ter uma grande e firme determinação de não parar até chegar à meta, surja o que surgir, aconteça o que acontecer, custe o que custar, murmure quem murmurar, quer chegue ao fim, quer morra no caminho, ou falte coragem para os trabalhos que nele se encontram. Ainda que o mundo venha abaixo havemos de prosseguir” (C 21,2).

Para Teresa, a pessoa é como um *castelo habitado pela Trindade* (IM 1-5) à espera do encontro com sua criatura: “A alma é como um castelo, todo de diamante ou de cristal com muitas moradas. E no centro, a principal, é onde passam as coisas mais secretas entre Deus e a alma”. Nele há muitas moradas, que expressam os distintos níveis da relação que a pessoa tem consigo, com os outros, com Deus e

2 Cf. MOLINS, M. V. “Teresa mudou seu nome!”. Porto Alegre: Padre Réus, 2012. p. 5-6.

com o mundo. O conhecimento próprio é essencial para essa viagem interior. “A porta para entrar nesse castelo é a oração e reflexão” (IM). Nesse processo, Teresa adverte para não ficar olhando para as misérias humanas, e sim para Jesus Cristo, o grande amigo. É um dinamismo em que a pessoa reconhece sua identidade e o mistério da sua liberdade. Teresa adverte que, quando a pessoa se nega ao Amor, está se fechando em si mesma (IM 6-8). E, para fazer frente a uma antropologia egocêntrica, Teresa propõe um dinamismo de êxodo – a pessoa deve entrar em si, autoconhecer-se, aceitando a própria realidade, como também a realidade alheia. A imagem do *castelo interior* expressa um dinamismo dialético de integração entre interioridade e exterioridade, levando a pessoa a sair de si mesma, vivendo numa relação progressiva de entrega, partilhando seus dons, criando novas relações.

Outra imagem teresiana para expressar o processo de caminhada da pessoa em relação a Deus é a do *bicho-da-seda*. Através do símbolo da transformação do bicho-da-seda numa formosa borboleta, Teresa quer expressar o chamado à *transformação em Cristo* (IIM 2). Supõe um caminho de morte e vida, ganhos e perdas, segundo a lógica do seguimento, trilhado *com Cristo e em Cristo*. É na vivência do amor que a pessoa integra todas as suas potencialidades. As crises e contradições podem converter-se em lugar de encontro. A pessoa, sabendo-se amada, responde amando. Sente-se convidada a “conhecê-Lo, amá-Lo, torná-Lo conhecido e amado”.<sup>3</sup>

Na analogia teresiana, a pessoa que começa a tratar de amizade com Deus “deve fazer de conta que começa a plantar uma horta em terra muito infrutífera, que tem muitas más ervas, para que nele se deleite o Senhor. Sua Majestade arranca as más ervas e vai plantando as boas” (V 11,6). A própria pessoa é a horta, exposta às intempéries. Ela mesma deve cultivar o terreno, preparar a terra para que esteja em condições de acolher a água da chuva. Essa água é dom de Deus – o Jardineiro. Teresa sabe que o seguimento de Jesus Cristo é uma opção pessoal, mas também é dom e graça. O

3 Lema do sacerdote espanhol Santo Enrique de Ossó e Cervelló que, desde muito jovem, se aproximou de Teresa de Jesus, através da leitura de seus escritos. Cativado pelos ensinamentos da Santa de Ávila, tornou-se um incansável divulgador. Entre outras obras fundou a Companhia de Santa Teresa de Jesus (1876), as Irmãs Teresianas, desejando que fossem “santas e sábias” como Teresa de Jesus; “outras Teresas de Jesus” na atualidade, com a missão de “conhecer, amar e tornar Jesus Cristo conhecido e amado”.

símbolo do cultivo da horta é um convite para a escuta, o silêncio, a acolhida, a espera e o reconhecimento do dom gratuito de Deus.

A imagem teresiana da *amizade* talvez seja a que melhor expressa a experiência teresiana da oração como relação viva e interpessoal com Deus. Supõe amor, intimidade, reciprocidade, realismo e capacidade de relação com as pessoas. Sem esses elementos, é muito difícil que a pessoa possa integrar as suas diversas dimensões. “Para falar com Deus não é necessário ir ao céu, nem falar em altos brados. Ele está tão perto que ouvirá, basta pôr-se em solidão e olhar para dentro de si” (C 28,2). É uma comunicação com Deus *de coração a coração*: “Pensais que ele está calado? Mesmo que não o ouçamos, Ele nos fala ao coração, quando de coração lhe pedimos” (C 24,5). Teresa anima para contemplar o Mestre na sua humanidade e assim poder conversar com Ele, não com orações complicadas, mas a partir do coração e da vida: “é isto o que Ele mais preza”, conclui ela. “Juntos caminhemos, Senhor, por onde fordes irei eu, por onde passardes, hei de passar” (C 26,6).

Teresa também faz analogia com a imagem da pessoa apaixonada. A vida não é senão entrega e doação apaixonada e apaixonante. É importante observar que Teresa não se fecha num intimismo. A máxima união com Deus é ao mesmo tempo compromisso com o mundo, solidariedade com a humanidade:

“O Senhor quer obras” (M 5). “Procurai ser pregadoras em obras” (C 7,7; 15,6). Na oração, “o importante não está em pensar muito, senão em amar muito... Talvez não saibamos o que é amar... não está no maior gosto, mas na maior determinação de desejar contentar a Deus em tudo” (IVM 7; cf. F 5,2). “O amor de Deus não consiste nas lágrimas, nas delícias, nas ternuras da oração, mas em servir a Deus com humildade, fortaleza e justiça” (V 11,13; IVM 1,7). “Se contemplar, ter oração mental, ter oração vocal, curar enfermos, servir nas coisas da casa e trabalhar – mesmo nas tarefas mais humildes –, é servir ao Hóspede que vem ter conosco ficando em nossa companhia, comendo conosco

e conosco se recreando, que nos importa servi-Lo mais de uma maneira do que de outra?” (C 17,6). “Ensinaí mais com obras que com palavras” (R 66; C 5,2).

Para Teresa a missão exige ardor missionário, ou seja, empolgação e ânimo pela causa do Reino. “Até os pregadores fazem seus sermões de maneira a não descontentar. A intenção é boa, e também a obra, mas, dessa maneira, poucos se corrigem. E qual a razão de não serem muitos os que pela pregação deixam os vícios públicos? Sabe o que me parece? É que os pregadores tem demasiada prudência. Não estão tomados pelo grande fogo do amor de Deus, como estavam os Apóstolos. Dão calor brando. Não digo que os iguale em ardor, mas quisera mais fogo do que agora vejo. ... Os Apóstolos... não se incomodavam com perder tudo ou ganhar tudo, já que, quem de fato arrisca tudo por Deus, não distingue entre essas coisas (V 16,7).

A caminhada ao seguimento a Jesus Cristo nos pede uma determinação pessoal. Mas não caminhamos sozinhas/os. Para perseverar e avançar no processo, sentimos a necessidade de partilhar e nos animar mutuamente. “Gostaria de insistir que procurem não esconder seu talento (cf. Mt 25,5), pois Deus parece ter querido escolhê-los para beneficiar muitas outras (pessoas), especialmente nesta época em que são necessários amigos fortes de Deus para sustentar os fracos” (V 15,5).

Teresa, mulher que soube enfrentar dificuldades, sabia a eficácia de ter um horizonte amplo: “Viste o grande empreendimento a que desejamos nos dedicar. [...] Está claro que precisamos trabalhar muito, e muito ajuda ter pensamentos elevados, para que as obras também o sejam” (C 4,1). “É indispensável ter grande confiança. Convém muito não amesquinhar os desejos, e confiar em Deus” (V 13,2).

Para esta mulher, que amou e experienciou a humanidade de Jesus Cristo, Deus é aquele que está sempre nos esperando. Não encontrar-se com Ele é “uma pena, muita pena”,

diz ela. Certamente, a imensa capacidade de apaixonar-se – por si mesma, pelas pessoas, por Deus e pela humanidade – e manter-se viva por meio da capacidade de doar-se de diversas maneiras, fez com que o nome de Teresa de Ávila chegasse a nós.

Ir. Rita Romio, STJ\*

\* Religiosa da Companhia de Santa Teresa de Jesus. Membro da Equipe Interdisciplinar da CRB. E-mail: ritaromio@hotmail.com.

# D m L M A m ,

*Bem-aventurados os pobres em espírito,  
porque deles é o reino dos céus (Mt 5,3).*

Considero um privilégio ter sido convidado para, em nome dos agraciados com a comenda Dom Luciano Mendes de Almeida, proferir um discurso de agradecimento à Faculdade Arquidiocesana de Mariana. Faço-o com alegria em homenagem ao venerável Servo de Deus que fora arcebispo de Mariana, estimado e amado no Brasil e além das fronteiras da nossa Pátria.

Conheci Dom Luciano muito bem e os encontros que tive com ele marcaram a minha vida. De fato, ele irradiava uma profunda paz que contagiava a todos. Seus conselhos e sugestões partiram de um coração repleto de amor e compreensão. Nunca duvidei de que estava diante de um santo. A canonização é sempre um acontecimento “*post mortem*”. Geralmente se passam muitos anos até terminar o processo eclesástico para uma mulher ou um homem chegar à honra dos altares. No entanto, há pessoas que o povo, mormente o povo simples e humilde, já aclama em vida como santas, pois intui que aí há alguém que se consagrou a Deus sem nenhuma restrição ou limite e dedica sua vida aos irmãos e irmãs com um amor fraterno e generoso.

Para descrever a personalidade de Dom Luciano, penso que a melhor opção é meditar a primeira das Bem-aventuranças do Sermão da Montanha. Este sermão de Jesus relatado por São Mateus começa com uma solenidade excepcional. Não há na Bíblia outra introdução tão solene a uma prédica de Jesus ou de um dos profetas. Cada palavra

tem seu peso. No original grego são sete verbos numa única frase: “E Jesus – vendo as multidões – subiu à montanha e – assentando-se – aproximaram-se dele os seus discípulos e – abrindo a sua boca – os ensinava – dizendo” (Mt 5,1-2): “Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o reino dos céus” (Mt 5,3).

O bom Deus dotou Dom Luciano com uma rara inteligência, um raciocínio perspicaz, uma memória invejável e uma sabedoria profunda. Inteligência, raciocínio e memória são sempre dons congênitos. A sabedoria de Dom Luciano, porém, foi fruto de sua intensa e ardente experiência de Deus. Realizou em toda a sua vida o que Paulo Apóstolo escreveu aos Filipenses: “Tende em vós o mesmo sentimento de Cristo Jesus: ‘esvaziou-se a si mesmo e assumiu a condição de servo’” (Fl 2,7). Dom Luciano não nasceu pobre, fez opção pela pobreza. Viveu uma vida “franciscana” na simplicidade e modéstia e na radical obediência à vontade de Deus. Vejo hoje os ideais de Dom Luciano concretizados no seu irmão de ordem, o nosso Papa Francisco. Pobre em espírito é quem sabe que recebeu tudo de Deus ou para citar mais uma vez Paulo Apóstolo que declara: “Pela graça de Deus sou o que sou” (1Cor 15,10). Quem se dá conta de que “tudo é graça” não se vangloria de seus talentos, capacidades e competências e muito menos procura “Ibope”. Esta bem-aventurança, de certo modo, é a síntese de todas as outras. Em uma mensagem aos jovens,<sup>1</sup> o Papa Francisco se refere ao santo de quem adotou o nome, quando foi eleito papa. Podemos aplicar estas palavras perfeitamente ao nosso Dom Luciano: “Francisco viveu a imitação de Cristo pobre e o amor pelos pobres de modo indivisível, como as duas faces duma mesma moeda”.

Qual foi realmente a identidade de Dom Luciano? Foi pobre diante de Deus a quem amou até os recônditos de sua alma e, ao mesmo tempo, dedicado aos pobres com todas as fibras de seu coração. Sabemos como vivia cercado de mendigos já quando era bispo auxiliar de São Paulo. Existem verdadeiros *fioretti* sobre o amor que dedicou aos mendigos e moradores de rua. Lembro-me de que uma vez o procurei

<sup>1</sup> Domingo de Ramos, 13 de abril de 2014, em preparação à XXIX Jornada Mundial da Juventude.

na sede da CNBB. Andei pelo segundo andar onde fica a sala da presidência e perguntei a um assessor onde se encontrava o presidente. Respondeu-me: “Até poucos minutos atrás estava aqui. Não sei para onde foi. Deve estar na portaria atendendo alguns pobres que sempre vêm atrás dele”.

Sabemos que existem pobres a quem falta o indispensável para viver dignamente. São pessoas que vivem, para usar uma expressão popular, “sem eira nem beira” ou “não têm onde cair mortos”. Mas existe outro tipo de pobres: são pessoas excluídas da sociedade por causa de sua diversidade cultural, de sua língua, sua religião, de seu modo de viver. É-lhes negada a “identidade”. Um exemplo para esta categoria de seres humanos são os povos indígenas. Esses descendentes dos primeiros habitantes da Terra de Santa Cruz sempre tiveram um lugar privilegiado no coração de Dom Luciano. Sou testemunha disso.

Há muitas histórias para contar, algumas até pitorescas. Em 1988 foram expulsos os missionários da Missão Catrimani. Dom Luciano, quando soube desta injustiça e injúria causadas a quem dedica sua vida aos índios, alterou imediatamente sua agenda e viajou a Roraima para prestar sua solidariedade aos indígenas e aos missionários. Foi extraordinário o amor que dedicou aos Ianomâmi. Ouso até afirmar que a demarcação da área indígena Ianomâmi em 1992 foi de certa maneira fruto do empenho de Dom Luciano. Várias vezes ele foi a Roraima para todo mundo saber de que lado o presidente da CNBB batalhava. Nas minhas visitas a ele em Brasília sempre achou tempo, em hora muitas vezes já adiantada, para receber-me junto com o secretário do Cimi, o já falecido Antônio Brand. Às vezes cochilou de tão cansado que estava, mas mesmo assim assimilava o que nós falávamos a ele. Uma vez fomos recebidos pelo general de brigada Rubens Bayma Denys, ministro-chefe do Gabinete Militar: Dom Luciano, Dom Aldo, bispo de Roraima, e eu como presidente do Cimi. Reivindicamos, denunciemos, propomos. Insistimos na defesa dos direitos indígenas às

suas terras ancestrais. Dom Luciano estava sentado ao meu lado. De repente percebi que o sono o dominou durante a fala monótona do General. Preocupado de que o General pudesse não gostar, desferi uma leve cotovelada a Dom Luciano. Para minha maior surpresa, abriu os olhos e com a mente mais lúcida reagiu ao que o General acabara de dizer.

Em 1987 o Cimi empenhou-se junto com os povos indígenas para a inscrição de seus direitos na nova Constituição Federal. Grandes interesses nas áreas tradicionalmente ocupadas pelos índios e ambições inconfessáveis da parte de segmentos anti-indígenas fizeram um dos maiores matutinos do país mover uma sórdida campanha contra o Cimi. O jornal lamentavelmente se prestou a publicar documentos falsificados ou inexistentes.<sup>2</sup> Os inimigos da causa indígena, especialmente os interessados na exploração mineral em áreas indígenas, tentaram assim enfraquecer a presença do Cimi nas articulações da Assembleia Nacional Constituinte e desmoralizar de uma vez este organismo missionário vinculado à CNBB. Pretendiam com isso confundir os constituintes e facilitar a legalização do saque mineral em áreas indígenas.

Foram dias de aflição e intenso sofrimento. Fui pedir ajuda e conselho ao Dom Luciano, pois sentia-me profundamente atingido pelo ódio dos urdidores desta campanha. Lembro-me perfeitamente da resposta, cheia de bondade, que Dom Luciano me deu: “Erwin, há oito bem-aventuranças. Sete você pode viver sozinho. Para a oitava bem-aventurança precisa dos outros, precisa de quem o persegue. Mas, mesmo assim, sofrer ‘perseguição por causa da justiça’ (Mt 5,10) não deixa de ser uma bem-aventurança”. Quando em 16 de outubro daquele ano fui vítima de um acidente automobilístico premeditado para tirar-me a vida,<sup>3</sup> e passei em seguida seis semanas no Hospital Guadalupe em Belém, me recordei destas palavras do bom Dom Luciano.

2 O jornal “O Estado de São Paulo” publicou em cinco dias seguidos (9, 11, 12, 13 e 14 de agosto de 1987), com chamada na primeira página, matérias difamantes contra o Cimi.

3 Padre Salvatore Deiana, missionário xaveriano, oriundo da Sardenha, Itália, de 31 anos de idade, reitor de nosso Seminário Menor em Altamira, viajava ao meu lado e teve morte instantânea.

No dia 14 de agosto 1987, Dom Luciano exigiu do jornal que veiculou as matérias ultrajantes o direito de resposta, responsabilizando-o por difamação e injúria por apresentar acusações baseadas em documentos falsos ou inexistentes. No dia 20 de agosto, em debate promovido pela Fundação Pedroso Horta, Dom Luciano Mendes de Almeida desmontou ponto a ponto a grande trama. Esclareceu que o matutino mentiu, distorceu fatos e funcionou como instrumento de empresas mineradoras interessadas no subsolo das terras indígenas. Quem assistiu a esse discurso no Congresso comentava depois que nunca se viu Dom Luciano tão indignado e irritado como naquela hora. Sua já proverbial calma cedeu de repente lugar a uma incisiva e intransigente exigência de reparação das injustiças cometidas contra o Cimi.

Quero encerrar esta homenagem com outra experiência que jamais esquecerei. Na noite do dia 22 de fevereiro de 1990, a diretoria do Cimi estava reunida com Dom Luciano. Foi seu último compromisso antes de partir de Brasília. No dia seguinte aconteceu aquele terrível acidente que quase ceifou sua vida. Ficou por semanas entre a vida e a morte. Em 15 de março visitei-o no hospital e ao apertar a sua mão ele me confidenciou: “Vivo uma experiência profunda de sofrimento, mas ofereço tudo pela Igreja no Brasil e pelos povos indígenas que amo com carinho!”. Naquela hora me veio à mente a figura do “Servo Sofredor” do Profeta Isaías: “homem do sofrimento, experimentado na dor” (Is 53,3).

Dom Luciano terminou sua passagem por este mundo no dia 27 de agosto de 2006. “Morreu com fama de santo, como comprovam as centenas de visitas a seu túmulo, onde as pessoas depositam flores, fotografias e bilhetes, com agradecimentos e pedidos de intercessão”, informou o nosso arcebispo Dom Geraldo Lyrio Rocha, quando no passado dia 15 de maio recebeu da Congregação para as Causas dos Santos autorização para iniciar o processo de beatificação do

Servo de Deus Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida, SJ, ex-arcebispo de Mariana nas Minas Gerais.

Acredito que sua futura beatificação e canonização fará brilhar uma luz de esperança para os povos autóctones do Brasil. Se em vida Dom Luciano ofereceu seus sofrimentos a Deus em favor dos indígenas, na glória dos céus será definitivamente seu padroeiro e intercessor.\*

Dom Erwin Kräutler\*\*

\* Oitavo aniversário de morte do Servo de Deus, Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida, SJ Mariana, Minas Gerais, 27 de agosto de 2014

\*\* Bispo do Xingu e Presidente do Cimi. Email <domerwin@mac.com>

# MIGS M I r G m S x g

Não é de hoje que a juventude precisa de uma orientação sexual embasada na verdade. Durante anos, vivemos uma educação reprimida e cheia de tabus. É preciso educar com firmeza e confiança, a fim de acolher os jovens em suas ansiedades e descobertas, pois, num mundo completamente informatizado, recebem questões discutidas a céu aberto, muitas vezes sem um real conhecimento, oferecendo o risco de deixá-las mal resolvidas, acarretando sérios problemas ao seu desenvolvimento.

O MIGS, Modelo de Intervenção Global em Sexologia, favorece um desenvolvimento sexual mais harmonioso, compreendendo a sexualidade humana como uma pulsão de vida que leva a amar, criar e relacionar-se dentro da visão do funcionamento integral do ser, em três componentes fundamentais: erótico-corporal, afetivo e espiritual. O método abre uma janela a partir da qual uma grande variedade de traumas ou situações conflituosas é identificada, analisada, avaliada, compreendida e tratada, favorecendo o crescimento pessoal na obtenção da maturidade afetiva, na capacidade de tomar decisões coerentes com os valores afetivos inatos: verdade, liberdade, fidelidade, respeito e crescimento. O estado afetivo-emocional é um motivador de condutas nas diferentes situações da vida; se a pessoa carrega sérios sofrimentos na sua história, estes influenciam nas decisões e opções. Daí a importância de aprender a libertar-se.

Segundo a própria autora de tal modelo, Irmã Marie-Paul Ross, em entrevista à revista *Presença Marista*, edição n. 1, dez. 2013, as pessoas que praticam o método e as técnicas

básicas obtêm grande sucesso, mas é necessário que realmente queiram ser livres e autônomas, e sejam capazes de viver o próprio processo, fiéis a si mesmas. Às vezes, um só encontro já é suficiente e, após isso, a pessoa se responsabiliza em fazer seus exercícios de autotratamento. Se segue bem o método e não perde tempo em negar a realidade, ela atualiza seu potencial de vida e já começa a viver o tratamento em profundidade na tentativa de vencer obstáculos e de atravessar provações.

## Sobre a autora

Irmã Marie-Paul Ross é corajosa e firme, com olhar doce e sorriso terno, dona de boas gargalhadas em qualquer roda de conversa. Sempre muito bem disposta, preserva uma alimentação saudável, pratica esportes (faixa preta em caratê) e, na sua última vinda ao Brasil, até arriscou um futebol. É muito dinâmica e ativa, aprecia a natureza e a música clássica, e também não dispensa um bom espetáculo cultural. Está claro que sua missão é servir e despertar nas pessoas o gosto pela vida. Adultos, jovens e crianças se sentem muito à vontade em sua presença e passam a confiar na terapia.

É natural de Québec – Canadá. Uma mulher pouco comum que se destaca de modo especial em como abordar a sexualidade humana. É doutora em Sexologia Clínica e religiosa Missionária da Imaculada Conceição. Seu interesse pela área foi inicialmente como enfermeira, durante sua experiência missionária na América Latina, especialmente no Peru, Bolívia, na época da guerrilha (Sendero Luminoso no Peru). Poucos meios e muitos desafios levaram-na a descobrir e aprender, “na escola do ser humano”, como ela mesma diz, o MIGS.

A preocupação por melhorar a saúde, de modo geral, levou Marie-Paul a questionar-se sobre a ligação entre os problemas de saúde e a sexualidade. Com o objetivo de se tornar terapeuta, escolheu, então, completar sua formação até o doutorado, alcançado no ano 2000, sendo o primeiro em Sexologia Clínica dentro do quadro de um programa

criado, sob medida, especialmente para ela, na Universidade Laval de Québec.

Suas intervenções foram realizadas na Europa (Espanha, Portugal, Itália e França), na América do Sul (Argentina, Bolívia, Peru, Brasil, Chile, Colômbia e Equador), na América Central (Porto Rico, Guatemala, Nicarágua e Honduras), nas Antilhas (Costa Rica, República Dominicana, Cuba e Haiti), na América do Norte (Canadá, Estados Unidos e México), na África (Malawi e Zâmbia), na Ásia (Coreia do Sul).

Nomeada mulher de mérito com o prêmio *Gala de YMCA* em 2009, quando recebeu o *Prêmio Saúde*, foi também uma das receptoras dos oito *Prêmios Florence*, destinados pela Ordem dos Enfermeiros e Enfermeiras de Québec em 2011. Prêmio na categoria *Promoção da Saúde pela Educação, Sensibilização, Ação Política e Comunitária*, contribuindo para a saúde e o bem-estar da população. Marie-Paul também foi condecorada com a *Medalha da Escola* com o título de Grandes Diplomados da Universidade Laval, de Québec. A medalha simboliza a *Glória da Escola* e destaca o mérito dos antigos diplomados, particularmente aos que honram a universidade e a profissão, contribuindo com algo novo para a sociedade.

Marie-Paul é autora de cinco livros, que são *best-sellers* em Québec: *Pour une sexualité épanouie* (Por uma sexualidade plena) em 2009: onde desenvolve sua tese doutoral do Modelo de Intervenção Global em Sexologia, o MIGS, Ed. Fides. Um segundo volume editado em 2010, *Traverser l'épreuve: comment activer notre potentiel de vie*, Ed. Fides (Atravessar as provações). Um terceiro volume, em setembro de 2011, com grande sucesso em Québec e na França: *Je voudrais vous parler d'amour... et de sexe* (Eu vos quero falar de amor... e de sexo), Ed. Michel Lafon. Um quarto, *La sexualité des jeunes – Petit manuel pour les parentes*, Ed. Fides (A sexualidade dos jovens – pequeno manual para os pais), editado em março de 2012. Em 2013 lançou seu último livro

Venho novamente compartilhar com vocês a experiência missionária vivida em Timor-Leste. Depois de viver uma linda história de amor com nosso querido Deus no retiro, viajei novamente no dia 02/10/2014, à tarde, para a montanha de Mawberi, em Laclubar, para orientar dois dias de retiro para as Irmãs Preciosinas (Irmãs do Preciosíssimo Sangue de Cristo). Depois de uma viagem cheia de sacolejos, chegamos bem e fomos acolhidas com muito carinho pelas Irmãs. O retiro aconteceu nos dias 3 e 4/10 e teve como tema: A Vida Consagrada. A metodologia da Leitura Orante nos levou a pisar no chão da vida e a nos deixar iluminar pela Palavra de Deus vivida por João no capítulo 15,1-8, que nos lembrava de que o Deus Pai agricultor poda os ramos que não frutificam, mas aqueles que permanecem ligados à Videira Verdadeira – Jesus de Nazaré – se alimentam de sua seiva e podem dar muitos frutos, pois sem Ele nada podemos fazer. Também o texto de Isaías 5,1-7 iluminou nossa vida com o Cântico da Vinha. A Vinha estava plantada numa colina fértil e foi muito bem cuidada, mas só produziu frutos azedos. No versículo quatro o autor se questiona: “O que mais eu deveria fazer pela minha vinha que ainda não fiz?”. A partir desta pergunta fiquei refletindo e me perguntando: “O que mais eu poderia fazer para que Jesus e seu projeto de vida seja conhecido, amado e seguido, e que eu ainda não fiz?”. E foi neste momento que senti um grande impulso de não sossegar e de me colocar disponível nas mãos de Deus para que Ele possa me usar como um instrumento seu, para que, o que não tenha ainda sido feito, seja feito,

pois Ele confiou-nos a responsabilidade de dar continuidade ao seu projeto de vida.

No dia 5 voltamos para Dili (Capital de Timor). Lembrei que era dia de eleição no Brasil e que eu não podia votar, mas estive em comunhão com nosso povo.

Nos dias 6 a 8/10 iniciei mais uma jornada de estudo sobre a Leitura Orante da Bíblia e desta vez com as postulantes das Irmãs Canossianas e das Preciosinas. Mais um desafio – falar de Leitura Orante em português para as jovens que entendem um pouco, mas que praticamente falam a língua do TETUM – Língua oficial do Timor, juntamente com o português. Deus tem os seus caminhos e fala por nós nos momentos em que é difícil se expressar e dizer a sua Palavra com nossa humanidade. E assim o encontro foi um tempo da graça de Deus para elas, sobretudo para mim, pois quem vem para dar, recebe cem vezes mais, e mais uma vez isso se confirmou. A cada término de um dia percebia a ação de Deus que nos conduz com seu amor e bondade. A mim coube dizer: “Eis-me aqui Senhor, usa-me como seu instrumento e tudo vai acontecendo”. Às vezes pensamos que é mágica, mas tenho certeza de que não é. É ação de Deus em nossa vida, uma ação concreta. Ele está no meio de nós, em nós e se dá a conhecer através de nós, simples instrumento Seu.

Assim, queridas Irmãs e queridos Irmãos, passamos três dias falando da Leitura Orante da Palavra de Deus. Eu vi o brilho nos olhos das jovens que se encantavam em sentir em seu ser o amor de Deus por perceberam que através deste método podem sentir a presença de Deus tão mais próxima delas mesmas. Às vezes paro e digo a mim mesma: “Sou eu mesma que estou aqui? Sim, sou eu, como uma gota de água neste grande oceano que é a realidade e, sobretudo, a cultura timorense. Um povo que sofreu as atrocidades da guerra. Ao ouvir a história pessoal de cada um, as lágrimas vêm rapidamente molhar o rosto. Fico olhando para o rosto destas Irmãs, formandas e pessoas que vejo na rua, e penso: “Meu Deus, quanto sofreram com a guerra!”. E algumas dessas pessoas e Irmãs contam como Deus as conduziu com

amor na época em que tiveram que viver no meio do mato, fugindo do ataque dos soldados. As mulheres eram as mais perseguidas e muitas foram violentadas sem perdão. Meu Deus... Meu Deus, quanto sofrimento calado dentro destes seres humanos que só precisam ser muito amados. Tenho muitas vezes lágrimas que brotam sem esforço algum. Sinto em meu ser um amor muito grande. Um amor que é maior do que eu e dentro do meu ser vêm as palavras de Padre Jordan: “Não sossegues, não sossegues...”. Até, muitas vezes, no silêncio, para poder sentir e compreender a ação de Deus em minha vida, pois há momentos em que as palavras não dizem tudo e é preciso calar a voz externa para que a interna se manifeste através dos gestos.

Na noite de lua cheia do dia 8 recebemos um presente de Deus. Um eclipse total. Foi maravilhoso ver o Sol e a Lua totalmente entregues um ao outro de forma que não se podia identificá-los. Fiquei um bom tempo contemplando essa maravilha e via aos poucos a luz que ia surgindo vagorosamente, como se quisessem o Sol e a luz permanecer unidos. Eu pensei no encontro com Deus. Sim, o encontro com Deus deve ser assim tão bom, tão forte e entranhado em nós que já não podemos nos identificar sem Ele; e, como São Paulo, também podemos dizer: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim”. E novamente me veio à mente a pergunta de Isaías: “Que mais eu poderia ter feito pela minha vinha que ainda nos fiz?”.

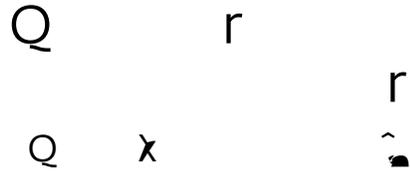
Nos dias 9, 10 e 11 deixei-me mais livre para preparar a minha colaboração no capítulo das Irmãs Canossianas, pois, além de moderadora, tenho todos os dias um tempo de assessoria, e o tema não podia ser outro: *Leitura orante da Palavra de Deus*, pois as Irmãs pediram que as ajudasse a compreender mais profundamente este método que, como sabemos, é um presente de Deus para todas/os que o praticam com fidelidade. Ele serve para avaliar a vida pessoal, comunitária e provincial, porque nos leva a entrar na Palavra e de lá sair renovados/as como os discípulos de Emaús.

Sugeri que fizessem a aplicação das resoluções capitulares com a metodologia da Leitura Orante, e elas aceitaram com

muita abertura e acolhimento. Elas são muito acolhedoras e têm dentro de si um desejo grande de se libertarem das amarras da guerra que as fazem sofrer ainda hoje, pois a violência dos 24 anos de invasão da Indonésia, uma guerra brutal, deixou muitas marcas em todo o povo, e o processo de perdão é demorado e exige um encontro tão profundo com Deus como o do Sol e da Lua que presenciei, com todo o meu ser maravilhado, por Deus ser tão bom!

Deixo um abraço amigo e fraterno.

Ir. Vera Lucia Palermo



\* **Pe. Manuel Eduardo Iglesias** é jesuíta espanhol, orientador espiritual e de exercícios espirituais. Autor de vários artigos e livros, entre eles: *Subindo para Jerusalém, Olhando por dentro e Seus olhos se abriram. Pedagogia espiritual*, pelas Edições Loyola. Nascido em Santiago de Compostela, em 1933, formou-se em Direito Civil em Santiago de Compostela e ingressou na Companhia de Jesus, em 1958. Chegou ao Brasil no ano 1962. Concluiu Filosofia na Faculdade Medianeira de Nova Friburgo e Teologia em St. Louis, Missouri. Trabalhou na Pastoral de Juventude em Brasília, entre 1970 e 1978, na formação dos jesuítas durante vinte anos, em Campinas-SP e Belo Horizonte-MG, no Centro Cultural de Brasília de 1998 a 2012 e em Itaici-SP, até hoje. Endereço do autor: Casa de Retiros Vila Kostka, Rodovia José Boldrini, 170 – Itaici, CEP: 13.341-700, Indaiatuba, SP – Brasil. Tel.: (19)2107-8500. E-mail: <iglesiases@gmail.com>.

MANUEL EDUARDO IGLESIAS\*

Quando recebi o convite da CRB para escrever um artigo para a revista *Convergência*, a minha primeira reação foi não aceitar, por duas razões: falta de tempo e não me considerar a pessoa indicada para tema tão fundamental. Decidi parar e pensar melhor. Senti assim: vou aceitar, deixando claro que não vai ser um artigo erudito por falta de atualização da minha parte e de tempo para pesquisar. Só aceitei tentando compartilhar a experiência pessoal de 56 anos de Vida Religiosa.

A palavra “sustentar” suscitou em mim a imagem de uma chama ardendo. Um fogo que acende outros fogos era uma expressão muito cara ao santo chileno São Alberto Hurtado, um apóstolo que irradiava alegria, mesmo carregando a cruz de cada dia. Lembrei também de uma frase do bispo de Milão, São Carlos Borromeu, em carta dirigida ao clero da sua diocese, no século XVI: “Se a fagulha do amor de Deus se acendeu no teu coração, cuida dela porque pode se apagar!”. Dada a nossa fragilidade humana, só o sopro do Espírito de Deus pode manter viva a chama da vida cristã. A vida cristã e, portanto, a Vida Religiosa Consagrada, se deixar essa chama morrer, deixará de ser sal da terra que, perdendo o sabor, “não serve para mais nada, senão para ser jogado fora e pisado pelas pessoas” (Mt 5,13-14).

A Carta circular aos consagrados e às consagradas, em preparação para o “Ano da Vida Consagrada”, recolhendo trechos do Magistério do Papa Francisco, não poderia levar melhor título que: ALEGRAI-VOS! Certamente é um ponto de referência sobre o tema deste artigo.

Qual é o fio condutor ou, então, os eixos que dão consistência à vocação?

## Cuidar do essencial

Isto significa valorizar no decorrer da vida o tesouro escondido, achado com alegria, pelo qual se vende tudo para comprá-lo (Mt 13,44-45). O essencial de toda vocação cristã é “a experiência do amor de Deus revelado em Jesus Cristo!”. A percepção desta realidade foi o que explico no prólogo do meu último livro. Está se cumprindo a previsão do teólogo Karl Rahner de que:

“o cristão do futuro ou será um místico ou não será cristão”. A Igreja, por muito tempo, deu por suposto que todo batizado foi alguma vez evangelizado, o que, em muitos casos, não aconteceu. O Documento de Aparecida recolhe as palavras de Bento XVI na sua primeira encíclica: “Não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas através do encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva. Isso é justamente o que, com apresentações diferentes, todo o Evangelho nos tem conservado como sendo o início do Cristianismo: um encontro de fé com a pessoa de Jesus (cf. Jo 1,35-39)” (DAP, n. 243). Os bispos da América Latina e do Caribe insistem no ponto essencial: o fundamental no Cristianismo é a experiência do amor de Deus revelado em Jesus Cristo. Faltando essa experiência, tudo perde sentido.<sup>1</sup>

Clodovis Boff expressou com clareza a sua impressão sobre a Conferência de Aparecida:

O achado genial e inspirado dos bispos foi ter partido formalmente de onde parte e só pode partir a vida cristã: de Cristo, da fé em Cristo, do encontro vivo com Cristo. Ora, se dirá isso é óbvio. É a evidência mesma. Mas eis a grande ilusão o “*déjà vu*” em relação ao Cristianismo; achar que já se conhece a fé cristã; que ela já não oferece mais nenhuma novidade; que não precisa mais ser, cada vez mais, reencontrada em sua originalidade

1 *Seus olhos se abriram: pedagogia espiritual*. São Paulo, Loyola, 2012. p. 7.

perene. Os bispos não: como os profetas (e os poetas e as crianças) viram “o óbvio”, proclamaram o evidente. Aí está a sua genialidade.<sup>2</sup>

Nunca se deve dar por suposta esta experiência nos candidatos à Vida Consagrada Religiosa. A primeira preocupação dos formadores será ajudar a que o/a candidato/a tome consciência das suas experiências do amor de Deus. E quando esta é reconhecida como dom de Deus, será fundamental cuidar que essa experiência “fundante” seja cultivada durante o resto da vida. Sabemos que a dispersão de vida e o ativismo podem ir apagando, aos poucos, a chama do chamado de Deus.

Transcrevo trechos da Carta “Alegrai-vos”:<sup>3</sup>

No mundo há muitas vezes um déficit de alegria. Não somos chamados a realizar gestos épicos nem a proclamar palavras altissonantes, mas a testemunhar a alegria que provém da certeza de nos sentirmos amados, da confiança de sermos salvos [...]. Cada cristão, sobretudo nós, somos chamados a levar esta mensagem de esperança, que dá serenidade e alegria: a consolação de Deus, a sua ternura para com todos. Mas só podemos ser seus portadores se experimentarmos nós primeiro a alegria de ser consolados por Ele, de ser amados por Ele.

## Um chamado e uma pergunta

O chamado vocacional edifica-se sobre o chamado amoroso de Jesus que é reconhecido e acolhido na nossa resposta. Trata-se de uma experiência de fé pessoal e única que irá se desenvolvendo no decorrer da vida, como árvore em contínuo crescimento. A experiência de sermos chamados com amor deixa-nos admirados e desperta em nós uma entrega livre, alegre e amorosa. “O essencial” da Vida Consagrada Religiosa desencadeia um movimento que atravessa a vida toda.

2 BOFF, Clodovis M., OSM. Teologia da libertação e volta ao fundamento. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 67, n. 268, p. 1091-1022, out. 2007.

3 As citações das páginas são tomadas da edição Paulinas.

Ao chamar-vos, Deus diz-vos: “Tu és importante para mim, eu amo-te, conto contigo”. Jesus diz isto a cada um de nós! Disto nasce a alegria! A alegria do momento atual no qual Jesus olhou para mim. Compreender e sentir isto é o segredo da nossa alegria. Sentir-se amado por Deus, sentir que para Ele nós não somos números, mas pessoas; e sentir que é Ele que nos chama.

O Cardeal Martini, numa meditação sobre o chamado de Jesus aos apóstolos no Evangelho de Marcos, faz esta rica observação sobre os dois chamamentos de Jesus, um no lago e outro no monte. O chamado no lago aparece nos capítulos 1 e 2. *Caminhando à beira do lago da Galileia viu e chamou* quatro pescadores que, deixando as redes e o pai, puseram-se a seguir Jesus. Outra vez, *saiu Jesus para a beira do lago [...] ao passar viu Levi sentado na coletoria de impostos, e disse-lhe: “segue-me!”*. Ele se levantou e seguiu-o. Para que um novo chamado no monte, se já os discípulos estavam seguindo Jesus? Os apóstolos viveram a experiência real do seguimento de Jesus e, na convivência diária, foram conhecendo melhor Jesus e as alegrias e os desafios que tal seguimento implicava. O contexto do chamado no monte acontece no meio do povo sofrido que buscava Jesus. A tradução grega diz que Jesus “gritou” o nome de cada discípulo, e eles iriam se levantando e se aproximando de Jesus. Era a oportunidade para “confirmar” a sua primeira resposta, agora de maneira mais consciente e testada, quando outros companheiros já tinham desistido. Nós também temos a experiência de que na Vida Religiosa, além da primeira resposta dada uma vez no nosso lago, temos que confirmar cada dia essa resposta. “Lago” há apenas um na nossa vida; “montes”, aos montes. Cada dia Jesus nos chama de novo a um seguimento fiel e radical. Longe do “essencial” é impossível a vocação se sustentar.

A vocação do Papa Francisco ilustra o que estou tentando expressar. O Papa Francisco sentiu seu *chamado* na festa de São Mateus, no dia 21/09/1953, o que explica que, passados os anos, colocasse no seu brasão de bispo o lema: “*Miserando atque eligendo*” (“Olhando-o com misericórdia, o chamou”].

A experiência de um pecador amado e chamado a seguir Jesus, como aconteceu com Mateus!

Era na Argentina o “Dia do estudante”, feriado nacional. O jovem Bergoglio, com seus 17 anos, escutou o Evangelho do dia e quis se confessar. Foi uma experiência marcante, que relatou numa entrevista: “Foi a surpresa, o estupor de um encontro. Caí na conta de que estavam me esperando. Isso é a experiência religiosa, o estupor de se encontrar com alguém que nos está esperando”. A vocação religiosa e sacerdotal demorou algum tempo para amadurecer, mas a decisão já estava tomada. Ingressou no noviciado da Companhia de Jesus com 22 anos, dia 11/03/58. Ele foi tocado pelo amor misericordioso de Jesus e isso vai inspirar todo o seu ministério. “A maneira como eu senti que Deus me olhou naquela confissão era o que ele me pedia, que eu olhasse sempre os outros com muita misericórdia e como se estivesse elegendo-os para Ele, não excluindo ninguém, porque todos são eleitos para o amor de Deus”.<sup>4</sup>

Penso que assim como temos inúmeros álbuns de foto em lugares e circunstâncias as mais variadas, podemos dizer que temos um álbum frequentemente esquecido, o Álbum das nossas experiências de Deus no decorrer da nossa vida. Como nos faz bem rever tantos rostos, dons, lugares e acontecimentos que nos deixaram sentir a mão amorosa de Deus nos conduzindo até hoje. A Carta aos consagrados toca neste ponto.

A relação com Jesus Cristo pede ser alimentada pela inquietação da busca. Ela nos torna conscientes da gratuidade do dom da vocação e nos ajuda a justificar as motivações que causaram a escolha inicial e que permanecem na perseverança [...] A fé é uma resposta a uma Palavra que interpela pessoalmente, a um Tu que nos chama pelo nome e enquanto resposta a uma Palavra que a precede, será sempre um ato de memória [...] A fé contém propriamente a memória da história de Deus conosco, a memória do encontro com Deus que se move primeiro, que cria e salva, que nos transforma; a fé é a memória da sua Palavra que aquece o coração, das suas ações de salvação com a qual nos

4 GONZÁLEZ-QUEVEDO, Luís, SJ. *O novo rosto da Igreja: Papa Francisco*. São Paulo: Loyola, 2013. p. 32-34.

doa a vida, nos purifica, nos cura, nos alimenta [...] Quem leva em si a memória de Deus deixa-se guiar pela memória em toda a sua vida, e sabe despertá-la no coração dos outros. Memória de ser chamados aqui e agora.<sup>5</sup>

O Papa pede-nos que releiamos a nossa história pessoal e a verifiquemos no olhar do amor de Deus.<sup>6</sup>

Chamado permanente e pergunta permanente é a que um dia Jesus fez aos seus discípulos na região de Cesareia de Filipe: “Quem sou eu para vocês?” (Mt 16,15). Estando próxima a sua passagem para o Pai, Jesus quis saber até que ponto seus discípulos o conheciam. Ele visava ao que é essencial. Não se trata de um “conceito”, mas de uma “experiência pessoal”, uma relação vital. Após a ressurreição Jesus, busca uma resposta de Pedro centrada no que é essencial: “Simão, filho de João, tu me amas?”. A confissão de fé que o Pai revelou a Pedro na Cesareia ainda não estava suficientemente amadurecida, como está agora, após tudo o que tinha acontecido; e Pedro responde com toda humildade: “Senhor, tu sabes tudo, tu sabes que eu te amo”. Jesus disse-lhe: “Cuida das minhas ovelhas” (Jo 21,17). A pergunta “Tu me amas?” e o chamado “Cuida das minhas ovelhas” que nos são feitos todos os dias e nos ajudam a concentrar a nossa energia no que consideramos essencial. Isto mantém viva a chama que não pode se apagar.

### A vida como peregrinação

Como manter viva essa chama no meio de tantos ventos e barulhos? A vida do discípulo é um processo de aprendizado com o Mestre, um peregrinar com ele pelos caminhos da história. Uma grande aventura que exige manter as antenas ligadas para viver sintonizado com a vontade do Pai. “Peregrinação e Êxodo” são duas palavras carregadas de ressonâncias na vida de todo ser humano.

A experiência de Deus que Israel teve como povo de Deus foi se perfilando pelo êxodo da escravidão no Egito, na longa caminhada libertadora rumo à Terra Prometida. Foi nessa

5 Op. cit., n. 4, p. 18-20.

6 Op. cit., n. 5, p. 20.

passagem pascal, sempre renovada, que Israel foi se conhecendo em profundidade e foi lentamente apalpando a mão misericordiosa de Deus o conduzindo. Presença sinalizada pelo simbolismo da nuvem luminosa que, ao se deter, dava o sinal para o povo acampar, assim como ao se movimentar sinalizava chegada a hora de retomar o caminho.

O discipulado cristão teve início no seguimento das pegadas de Jesus e na convivência com ele pelos caminhos da Palestina. Esta experiência se revive na fé de todo(a) discípulo(a) de Jesus no decorrer da história de salvação. *Em Antioquia, os discípulos foram, pela primeira vez, chamados com o nome de “cristãos”* (At 11,26). A relação discípulo-Mestre não é apenas ocasional, mas há de se renovar cada dia, em meio às luzes e sombras do caminho. Paulo e Lucas gostam de se referir ao Cristianismo como “O Caminho” e aos cristãos como “os adeptos do Caminho” (At 9,2). O próprio Jesus declara “Eu sou o Caminho” (Jo 14,6).

Santo Inácio de Loyola, no relato da sua conversão, refere a si mesmo em terceira pessoa como “o peregrino”. A sua espiritualidade transparece a experiência exterior do peregrino que, sozinho e a pé, percorre os caminhos da Europa, de olhos abertos para o amplo horizonte do mundo inteiro. Mais forte ainda é a sua experiência de uma peregrinação interior como uma saída de si mesmo e dos seus interesses, impulsionado por um movimento contínuo voltado para Deus e para os outros. Homem de Deus e do mundo criado por Deus nunca separa Deus e o mundo no seu amor apaixonado.

O fato de eu ter nascido em Santiago de Compostela me sensibilizou para a experiência do peregrino que faz o Caminho de Santiago. Em meus 52 anos no Brasil tive oportunidade de apalpar o crescente número de brasileiros que partilham a inesquecível experiência que marcou as suas vidas. O peregrino experimenta a liberdade em relação a tantas coisas desnecessárias, a abertura para o novo, o contato com a natureza, a comunicação com pessoas de cultura, língua e religião diferentes. Captam a força interior que os impulsiona e a atenção constante aos “sinais” ou setas que indicam o

caminho certo. Em todo o decorrer da viagem sentem a meta presente dando o “sentido” ao caminhar. Tudo tem um valor simbólico que mostra como a vida humana é descoberta constante de um sentido. Isso é o essencial! A espiritualidade do peregrino parece-me algo importante a ser cultivado na formação religiosa, tanto inicial como permanente. A Carta aos consagrados toca este desafio.

Foi Cristo que nos chamou a segui-lo na vida consagrada, e isto significa cumprir continuamente um “êxodo” de nós mesmos para centrar nossa existência em Cristo e no seu Evangelho [...]. O Papa nos convida a uma “*peregrinatio*” para trás, uma caminhada sapiencial para nos encontrarmos nas estradas da Palestina ou perto da barca do humilde pescador da Galileia, convidando-nos a contemplar os inícios de um caminho, ou melhor, de um acontecimento que, inaugurado por Cristo, leva a deixar as redes na praia, o banco dos impostos à beira da estrada, as veleidades do zelota entre as intenções do passado. São todos meios inadequados pra estar com Ele [...]. Convida-nos a uma longa peregrinação interior, diante do horizonte da primeira hora, onde os espaços estão quentes de relacionalidade amiga, a inteligência é levada a abrir-se ao mistério, a decisão estabelece que é bom pôr-se ao seguimento daquele Mestre que só tem palavras de vida eterna (cf. Jo 6,68). Convida-nos a fazer da inteira existência uma peregrinação de transformação no amor.<sup>7</sup>

### Permaneço em mim (Jo 15,4)

O título do artigo denota a busca de uma espiritualidade “capaz de sustentar a vocação”. A perseverança na vocação é ao mesmo tempo uma graça que devemos pedir, mas é também uma tarefa que exige de nós vigilância e cuidado. Vou elencar algo do que a experiência eclesial nos mostra ser alimento para a vida dos consagrados.

## A oração pessoal

Os Evangelhos, especialmente o de Lucas, fazem questão de destacar que Jesus frequentemente se retirava para um lugar deserto, para um monte ou para o horto a fim de estar a sós com o Pai e orar. Os discípulos o observavam e, passado algum tempo, um deles criou coragem e lhe pediu: “Senhor, ensina-nos a orar, como também João ensinou a seus discípulos!” (Lc 11,1). Era um pedido importante, pois o modo de rezar era o que caracterizava a escola de um mestre em Israel. E tinham razão, porque, até hoje, o modo de alguém rezar revela o tipo de relação que tem com Deus. Imaginemos o suspense quando Jesus começou: “Quando orardes, dizei: ABBÁ! Pai querido!”. E seguem os sete grandes desejos de Jesus feitos à oração que resume a nossa fé cristã.

Talvez seja a característica mais marcante da espiritualidade de Santo Inácio de Loyola a sua convicção de que Deus quer se comunicar “diretamente” conosco.

Mesmo falando através da Bíblia, da natureza, das pessoas ou dos acontecimentos, Deus, que habita no mais profundo do nosso ser, quer que escutemos a sua voz. Daí que o discernimento espiritual seja a sintonia com a sua voz, não só na oração, mas no meio dos acontecimentos cotidianos. Fazer a leitura dos espíritos que agem dentro de nós, chamadas de “moções” ou movimentos espirituais, é uma das contribuições dos Exercícios espirituais. Podemos “encontrar Deus” em todas as situações porque ele está nelas sempre presente, agindo e querendo que sintamos a sua mão amorosa. O nosso Padre-Geral, Adolfo Nicolás, fez este apelo aos jesuítas reunidos em Nairobi anos atrás: “Devemos recuperar o espírito de silêncio interior que faz possível escutar a voz de Deus no meio do barulho da cidade”. Algo assim como monges no meio do mundo, sendo que o mosteiro é o próprio coração.

A “partilha” da fé entre pessoas, grupos de vida, comunidades e direção espiritual é algo que nos enriquece de maneira surpreendente. Abrem-se ouvidos e corações,

aprendendo uns dos outros a rica experiência de sermos discípulos de Jesus. “Não estava ardendo o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?” (Lc 24,32).

Graças a Deus encontramos pessoas cuja familiaridade com Deus deixa-nos admirados. Cito alguns exemplos: Dona Magda, uma camponesa pobre, idosa e caledada que todo ano andava léguas para participar da Semana Santa no interior de Minas Gerais. Escutando com crescente admiração o que me estava dizendo, perguntei-lhe: “Dona Magda, a senhora me dá a impressão de que passa o dia todo pensando em Deus!”. Resposta imediata: “Seu Padre, eu só não penso em Deus quando estou dormindo, pois é só acordar, coloco os pés no chão e peço a Deus: ‘Senhor, que todos os passos que vou dar no dia de hoje sejam dados no seguimento de Jesus!’”. Um estudante de engenharia: “A minha vida mudou muito. Vez por outra durante o dia paro e me pergunto: ‘Para onde o vento sopra?’. Se perceber que é o espírito de Deus o que me move, continuo fazendo, tranquilo, o que estou fazendo; mas se sinto que não é bem o espírito de Deus, mudo de atitude ou de conversa”. Um Irmão jesuíta, cuja vida eu tive o prazer de escrever.<sup>8</sup> Desde os cinco anos de idade aprendeu da sua avó, no país basco, esta jaculatória que repetia, às vezes até em voz alta: “*Jesus Oná!*”. O que na língua materna significa *Jesus Bom!* E ele acrescentava a quem lhe perguntava: “*O único Bom!*”. E a sua vida transparecia bondade.

## “Pessoas sinal”

No álbum da nossa vida encontramos pessoas muito especiais, como as acima mencionadas, que nos marcaram positivamente. Lembrar-se delas sempre nos faz bem. Elas foram para nós “pessoas sinal”, no sentido de que, sem criarem dependências, apontaram para algo a mais. Elas têm credibilidade. São pessoas simples, humildes, alegres, presuntivas e cheias de vida. Elas são um dom de Deus que nelas se deixa sentir. Pobres em espírito estão vazias de si e abertas para Deus em quem confiam. Na sua pobreza, enriquecem

8 GARRO, José Martín. *Uma vida como Irmão Jesuíta*. São Paulo: Loyola, 2014.

os outros, pois transbordam a vida de Deus presente nelas. Eis algumas características comuns a estas pessoas, que de maneira plena estão presentes em Jesus:

1. Jesus “se aproximava” das pessoas e permitia que elas se aproximassem dele.
2. Jesus *tocava* e se deixava tocar pelas pessoas, física, mental e afetivamente.
3. Jesus *acolhia e escutava* as pessoas.
4. Jesus se compadecia, falava, ajudava, cuidava e *servia* as pessoas. *Amava as pessoas!*
5. Jesus *despertava a fé* na vida, fé nas pessoas e fé na autoestima.
6. Sentindo-se as pessoas amadas por ele, *Jesus tinha credibilidade* e era Luz e Caminho para o *Pai* querido.

- Como a Igreja é sinal de Jesus?
- Como a minha comunidade é sinal do Reino?
- Como eu sou discípulo(a) sinal de Jesus?

Entre os múltiplos modos de orar, Santo Inácio privilegia as chamadas contemplações da vida de Jesus. A graça pedida é o conhecimento interno de Jesus para mais amá-lo e segui-lo. Partindo do texto evangélico e *utilizando a imaginação*, quem reza entra na cena e procura ver as pessoas, especialmente a pessoa de Jesus, ouvir o que falam, observar o que fazem, refletindo para tirar algum proveito para a sua vida.

Este é o depoimento de um terapeuta americano, leigo e orientador de Exercícios espirituais:

Nos últimos anos passei a meditar regularmente dessa maneira sobre a vida de Cristo. Depois de décadas de leitura da Bíblia, percebi que o meu relacionamento com Deus devia-se mais ao que acreditava do que àquilo que eu sentia. Eu tinha muitas informações sobre Deus, mas *ansiava por aprofundar meu conhecimento pessoal*. O ponto de partida correto parecia ser conhecer melhor Jesus. E era.<sup>9</sup>

A Carta aos consagrados destaca a importância da dimensão contemplativa nos discípulos de Jesus:

A peregrinação interior inicia-se na oração: *A primeira coisa necessária para um discípulo é estar com o Mestre, ouvi-lo, aprender dele*. E isto é sempre válido, é um caminho que dura a vida inteira! [...] Se, no nosso coração, não há o calor de Deus, do seu amor, da sua ternura, como podemos nós, pobres pecadores, inflamar o coração dos outros? Este itinerário dura a vida inteira, enquanto o Espírito Santo nos convencer, na humildade da oração, do senhorio de Jesus Cristo em nós [...]. O Papa indica a oração como a fonte de fecundidade da missão: *Cultivemos a dimensão contemplativa*, mesmo no turbilhão dos compromissos mais urgentes e pesados [...] *Estar com Jesus forma um olhar contemplativo da história* [...]. *A contemplação abre para a atitude profética*. O profeta é o homem que tem os olhos penetrantes e que ouve e diz as palavras de Deus [...]. É a Palavra de Deus que suscita a fé, a alimenta, a regenera. *É a Palavra de Deus que toca os corações*, converte-os a Deus e à sua lógica que é tão diferente da nossa; é a Palavra de Deus que *renova continuamente as nossas comunidades*.<sup>10</sup>

## Vida apostólica e comunitária

A vida de todo/a discípulo/a missionário está voltada para a missão. A convivência humana é um dos maiores desafios na vida familiar, profissional e comunitária. Hoje somos conscientes de que a vida comunitária, no meio do mundo marcado pelo individualismo, é um dos testemunhos que se espera da Vida Religiosa Consagrada. A vida comunitária não é algo acessório, mas forma parte da missão dos/as religiosos/as. Nunca esqueci o que, numa Assembleia da CRB por volta dos anos 1970, ouvi do cardeal Eduardo Pironio: “O que mais precisam hoje as nossas comunidades é de ‘animadores de esperança!’”. Afirmção que permanece bem atual.

Tanto a vida comunitária como no apostolado supõe-se um exercício constante de sair de si mesmo e se abrir para o outro. Por falta de espaço vou apenas citar mais uma vez a Carta do Papa Francisco aos consagrados(as).

9 BENNER, David G. *O dom de ser você mesmo*. Codex: 2004. p. 39.

10 Op. cit., n. 6, p. 27ss.

Hoje as pessoas precisam certamente de palavras, mas sobretudo têm necessidade de que testemunhemos a misericórdia, a ternura do Senhor, que aquece o coração, desperta a esperança, atrai para o bem. A alegria de levar a consolação de Deus. Papa Francisco confia aos consagrados e às consagradas esta missão: encontrar o Senhor que nos consola como uma mãe e consolar o povo de Deus.<sup>11</sup> Somos chamados a fazer um êxodo de nós mesmos num caminho de adoração e de serviço. Sair porta afora para procurar e encontrar [...]. Ser servidores da comunhão e da cultura do encontro. Quero vocês quase obsessivos neste aspecto! E fazê-lo sem ser presunçosos. O fantasma a combater é a imagem da Vida Religiosa entendida como refúgio e consolo diante de um mundo externo difícil e complexo. O Papa exorta a “sair do ninho”, para morar na vida dos homens e das mulheres do nosso tempo, e nos entregarmos a Deus e ao próximo.<sup>12</sup>

## Conclusão

Revedo as páginas que escrevi, não sei se consegui expressar o tipo de espiritualidade capaz de sustentar a nossa vocação e quais seriam os eixos que lhe dão consistência.

1. *Cuidar do essencial*. O eixo fundamental é a experiência do amor de Deus revelado em Jesus Cristo. 2. Há uma *pergunta que resume o essencial* e que se deixa sentir como um *chamado pessoal* que desencadeia um movimento que perpassa a nossa vida. O nosso álbum espiritual mantém viva a memória da história da relação de Deus conosco. 3. *A vida como peregrinação*. Como manter viva a chama do essencial? A vida do religioso é uma peregrinação ou saída de si para dar atenção aos apelos do outro, e nesse peregrinar tece-se uma busca contínua de sentido. A vida de peregrino está sujeita ao cansaço e ao desânimo. 4. *Permanecer no amor* primeiro é uma graça que se abastece do contato vivo com a pessoa de Jesus, na oração e no serviço. “As pessoas sinal” que vamos encontrando tornam-se animadoras da esperança do Reino. A vida apostólica e comunitária é oportunidade de experimentar a alegria de fazer os outros felizes, o

11 Op. cit., n. 8, p. 33.

12 Op. cit., n. 10, p. 38 ss.

que confirma as palavras de Jesus: “Há mais felicidade em dar do que em receber” (At 20,35).

Como é importante encontrar um tempo para o que chamamos *exame espiritual do dia*, quando, em diálogo com o Senhor, podemos discernir os movimentos interiores que mais marcaram esse dia. É um exercício de atenta percepção da nossa sintonia com o espírito de Deus. Este exercício de atenção à voz do Senhor pode ser matéria para outros momentos de oração pessoal.

As duas perguntas contidas no título deste artigo no fundo são a mesma:

“Quais os eixos de uma espiritualidade que sustente a vocação?”

Uma denominação simbólica pode unificar “eixos” e “espiritualidade”. O símbolo “fala mais do que fala” e desperta assim a nossa participação ativa e criativa.

1. Espiritualidade do “alicerce”.
2. Espiritualidade da “Palavra”.
3. Espiritualidade do “Peregrino”.
4. Espiritualidade do “Cântaro”.

## Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Qual o perfil do religioso ou religiosa que o nosso mundo precisa encontrar?
2. O que o/a ajuda a viver a vocação com alegria?
3. Quais os apelos que o Espírito Santo está suscitando no mundo, na Igreja, em você e na sua Congregação?

CF 2015

E m r r r  
Fr r Igr S  
S g x m J

FREI CARLOS MESTERS\*

O tema da Campanha da Fraternidade do ano 2015 é “Fraternidade: Igreja e Sociedade”. O lema é: “Eu vim para servir”. Tema e lema juntos sugerem que a *Igreja* existe na *sociedade* com a missão de suscitar *fraternidade* através do *serviço*. Foi isto que Jesus viveu, praticou e ensinou.

### O caminho do serviço e as tentações para seguir por outro caminho

No tempo de Jesus, havia várias formas de esperança messiânica: Messias *Rei* (cf. Mc 15,32; Jo 6,15); Messias *Santo de Deus* (cf. Mc 1,24); Messias *Rebelde* (cf. Lc 23,5; At 5,36.37), Messias *Doutor* (cf. Jo 4,25), Messias *Juíz* (cf. Lc 3,4-9), Messias *Profeta* (cf. Jo 6,14; Mc 14,65). Apesar das diferenças entre si, todos eles esperavam um messias glorioso que fizesse o povo de Deus ser grandioso no meio dos povos. Só os pobres, os *anawim*, esperavam o Messias *Servidor*, anunciado pelo profeta Isaías (Is 42,1-9; 49,1-6; 50,4-9; 52,13-53,12). Eles encaravam a missão do povo de Deus, não como um domínio ou uma promoção, mas como um serviço à humanidade. Maria, a pobre de Javé, dizia ao anjo: “Eis aqui a *serva* do Senhor!” (Lc 1,38). Foi dela que Jesus aprendeu a lição: “O filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate para muitos” (Mc 10,45). E até hoje, os para-choques dos caminhões o repetem: “Quem não vive para servir, não serve para viver”. Esta atitude de servo, de serva, é a atitude que a Igreja deseja assumir dentro da sociedade.

\* Frei Carlos Mesters é frade carmelita da Ordem do Carmo e membro-fundador do CEBI – Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos (Leitura Popular da Bíblia).

Será o assunto da Campanha da Fraternidade deste ano de 2015. Não uma Igreja gloriosa que pede reconhecimento e aplausos, mas uma Igreja servidora.

Durante os trinta e três anos da sua vida aqui na terra, desde a sua infância até à morte na cruz, não foi fácil para Jesus seguir pelo caminho do messias servidor, empregado de todos. Diante dele estavam as alternativas da esperança messiânica, diluídas e misturadas nas devoções populares da época. Ao longo dos três anos do seu ministério, a tentação de enveredar por um destes caminhos alternativos aparece de muitas maneiras.

Bem no início, o satanás, isto é, aquele que desvia as pessoas do caminho de Deus, coloca diante de Jesus três possibilidades de ser o messias glorioso: ser como Moisés, mudando pedras em pão (Mt 4,1-3); ser o messias que se impõe por meio do gesto espetacular de pular do ponto mais alto do templo sem se machucar, recebendo a proteção dos anjos, prometida no salmo (Sl 91,11-12; Mt 4,5-6); ser o messias que tem o domínio sobre o mundo inteiro (Mt 4,8-9). Jesus não se identifica com nenhuma destas três propostas e resiste à tentação do satanás com frases da Bíblia (Mt 4,4.7.10). O Evangelho de Lucas acrescenta: “Esgotadas todas as tentações, o diabo foi embora até *outra hora*” (Lc 4,13). A expressão “outra hora” sugere que este tipo de tentação ia ser uma realidade permanente na vida de Jesus.

De fato, nas andanças pelos povoados da Galileia, a mesma tentação reaparece constantemente, sob várias formas. Depois da multiplicação dos pães, o povo ficou entusiasmado e queria que Jesus assumisse ser o Rei Messiânico que eles estavam esperando. Mas Jesus, quando percebeu que o povo queria fazer dele um rei, mandou que os discípulos entrassem no barco e ele mesmo se retirou sozinho na montanha para rezar (Mc 6,45-46; Jo 6,14-15).

Jesus teve dificuldades também com os parentes. Eles não o aceitavam como pregador ambulante. Achavam que ele tivesse enlouquecido, e queriam levá-lo de volta para Nazaré (Mc 3,20-21). Mas quando a fama de Jesus foi crescendo, os parentes mudaram de ideia e pediram para que ele se

manifestasse publicamente na capital (Jo 7,1-4). Nas duas vezes Jesus resistiu e não aceitou as propostas dos seus familiares (Mc 3,31-35; Jo 7,6-9).

Até da parte dos discípulos Jesus é tentado para seguir por outro caminho. O entusiasmo do povo com a pregação de Jesus contaminou os discípulos e eles, sem se darem conta do que estavam fazendo, queriam que Jesus voltasse para curtir o entusiasmo popular: “Todos te procuram!” (Mc 1,37). Jesus não atendeu ao pedido deles e disse: “Vamos para outros lugares, às aldeias da redondeza. Devo pregar também ali, pois foi para isso que eu vim” (Mc 1,38-39).

Quando Jesus anunciava que ele ia ser preso e morto em Jerusalém, os discípulos não entendiam o que ele queria dizer (Mc 9,31-32; Lc 18,34). Pedro chegou a sugerir a Jesus que não mais falasse em sofrimento. A reação de Jesus foi imediata: “Atrás de mim, satanás!” (Mc 8,33). Pedro queria o messias glorioso, e não o servo sofredor.

A grande tentação, a “outra hora” (Lc 4,13), chegou foi no Horto. Jesus estava numa tristeza mortal e pedia aos discípulos que vigiassem com ele (Mt 26,38). E ele rezava: “Pai, se queres, afasta de mim este cálice, contudo, não se faça a minha vontade, mas a tua” (Lc 22,42; Mt 26,39). Jesus venceu a tentação pela oração (Lc 22,44). Naquela hora, os apóstolos, a Igreja incipiente, não se davam conta do que estava acontecendo (Lc 22,45). Por três vezes, Jesus foi junto deles pedindo que rezassem, e por três vezes os encontrou sonolentos, dormindo (Mt 26,40.43.45).

### O conflito crescente entre Jesus e a religião oficial

Ao longo dos três anos da pregação ambulante de Jesus pela Galileia, cresceu o conflito entre ele e a religião oficial, entre a Igreja servidora e a Igreja gloriosa. O motivo mais profundo deste conflito era e continua sendo a nova imagem de Deus que Jesus irradiava para o povo: Deus de amor, de perdão e de reconciliação. Jesus perdoava os pecados, e alguns doutores da Lei diziam que era blasfêmia (Mc 2,6-7).

Jesus comia com publicanos e pecadores, e alguns escribas dos fariseus o criticavam (Mc 2,16). Jesus acolhia o povo com carinho e curava os doentes em dia de sábado, mas alguns fariseus não concordavam (Mc 3,2; Mt 12,2). Jesus expulsava os demônios devolvendo as pessoas a si mesmas, e os escribas, que tinham vindo de Jerusalém, diziam que ele expulsava os demônios pelo príncipe dos demônios (Mc 3,22). E tantas outras vezes Jesus era criticado pelos representantes da religião oficial, quando ele, na sua bondade, procurava ajudar as pessoas.

Na medida em que crescia a oposição da religião oficial contra a maneira de Jesus falar de Deus e da vida, foi ficando claro que as autoridades iam prender e matar Jesus (Mc 3,6). A cruz apareceu no horizonte! Mas Jesus não voltou atrás. Pela Escritura, ele sabia que o “Filho do Homem devia sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos chefes dos sacerdotes e doutores da Lei, e que devia ser morto e ressuscitar no terceiro dia” (Lc 9,22). E aqui aparece o significado da Transfiguração. Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João e subiu à montanha para rezar (Lc 9,28). Enquanto rezava, seu aspecto transfigurou-se e ele apareceu na glória, tendo a seu lado Moisés e Elias, a Lei e a Profecia, que conversavam com ele sobre “o êxodo a ser realizado em Jerusalém” (Lc 9,31), isto é, sobre a sua paixão e morte na cruz em Jerusalém. E uma voz vinda do céu, citando a profecia de Isaías sobre o Servo, dizia: “Este é o meu filho amado que muito me agrada. Escutem o que ele diz” (Mt 17,5; cf. Is 42,1; 49,3). Jesus apareceu na glória. Ele era o messias glorioso que todos esperavam, sim, mas o caminho para a glória tinha de passar pelo “êxodo”, pela morte na cruz.

A transfiguração foi a resposta de Deus à oração de Jesus. A voz do Pai, a Lei e a Profecia, as três juntas confirmavam Jesus na sua missão de Messias *Servo*. A transfiguração foi também uma ajuda para os discípulos, para que pudessem reconhecer em Jesus o messias que eles estavam esperando. Mas, ao que tudo indica, a experiência da transfiguração não foi o suficiente. Os discípulos tiveram muita dificuldade para entender o rumo do *serviço* que Jesus estava tomando.

As dificuldades dos discípulos para entender o caminho do serviço

O “fermento de Herodes e dos fariseus” (Mc 8,15), a ideo-

que me traz muita satisfação!” (Mt 3,17; Mc 1,11; Is 42,1; 49,3). *Foi o primeiro passo!*

*Segundo passo.* Isaías 49,1-6: *O Servo descobre e assume a sua missão.*

Na época do cativo da Babilônia, o povo exilado teve muita dificuldade em descobrir e assumir sua missão como Servo de Deus. Eles achavam que aquela sua vida no cativo não valia nada e chegavam a dizer: “Cansei-me em vão! Gastei minhas forças com vento, com nada!” (Is 49,4). Foi só aos poucos, muito lentamente, que eles foram descobrindo que Deus os chamava para ser o seu *servo*. No fim, descobriram: “Na realidade, o meu direito, o Senhor o defendia, e o meu salário, Deus o assegurava! Fui levado a sério aos olhos do Senhor, Deus se fez a minha força!” (Is 49,4) Como o servo do cativo, também Jesus foi descobrindo, cada vez melhor, o alcance da sua missão como *servo*. Ele “crescia em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e dos homens” (Lc 2,40.52). “Embora sendo Filho de Deus, aprendeu a ser obediente através de seus sofrimentos” (Hb 5,8). No deserto, durante os quarenta dias, ele enfrentou e venceu a tentação sedutora do Messias glorioso (cf. Mt 4,1-11). Na sinagoga de Nazaré, ele assumiu sua missão com as palavras do próprio Isaías: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos, e para proclamar um ano de graça do Senhor” (Is 61,1-2; Lc 4,18-19). E a conversa com a mulher Cananeia, que era de outra religião e de outra raça, ajudou Jesus a descobrir que sua missão como servo não era só para as ovelhas perdidas de Israel, mas também para todos os povos (Mt 15,21-28). Na transfiguração ele recebeu a confirmação: sua missão era ser o servo, anunciado por Isaías (cf. Lc 9,28-36). *Foi o segundo passo!*

*Terceiro passo.* Isaías 50,4-9: *O Servo descreve como executa a sua Missão.*

O Servo do cativo da Babilônia dizia: “O Senhor me concedeu o dom de falar como seu discípulo, para eu saber

dizer uma palavra de conforto a quem está desanimado. Cada manhã, ele me desperta, para que eu o escute, de ouvidos abertos, como o fazem os discípulos” (Is 50,4). Jesus fazia exatamente a mesma coisa. Como o servo, ele se alimentava na oração (Lc 5,16) e diante da multidão “sem pastor” mostrava sua compaixão, ensinando o povo com palavras de conforto (cf. Mc 6,34). O Servo do cativo da Babilônia, à medida que ia realizando sua missão de aliviar o sofrimento do povo, recebia em troca insultos, conflitos e ameaças. Mas ele não voltou atrás e aguentou firme (Is 50,5-6). E até hoje é assim. Quem procura aliviar o sofrimento do povo combatendo os que causam o sofrimento, este sabe que vai sofrer. O mesmo aconteceu com Jesus. Por denunciar a injustiça do sistema da religião oficial dos fariseus e doutores da Lei (Mt 23,1-39) e o falso uso que eles faziam da Lei de Deus (Mc 7,8-13; 3,4), foi acusado e insultado como ignorante (cf. Jo 7,15), samaritano (Jo 8,48), homem sem Deus (Jo 9,16), enganador do povo (Jo 7,12), possesso do diabo (Mc 3,22), louco (Jo 8,48.52; Mc 3,21), bebedor (Lc 7,34)! Como o Servo do cativo, Jesus os desafiava: “Quem de vocês pode acusar-me de pecado?” (Jo 8,46). E com o servo ele podia repetir: “O Senhor é a minha ajuda! Por isso, estas ofensas não me desmoralizam. Faço cara dura como pedra, sabendo que não vou ser um fracassado. Perto de mim está quem me faz justiça. Quem tem coragem de depor conta mim?” (Is 50,7-8). Jesus não tinha medo e, como o servo, indicava a fonte da sua coragem: “O Pai está sempre comigo!” (Jo 16,32; Is 50,8). *Foi o terceiro passo!*

*Quarto passo.* Isaías 52,13-53,12: *Paixão, morte e vitória do Servo.*

Jesus sabia que o sofrimento o esperava. A profecia do Servo não deixava dúvida. Na véspera de sua morte, durante a última ceia, deixou bem clara a sua intenção de ser o Servo (Jo 13,13-16). Pouco depois, no Horto das Oliveiras, quando o sofrimento chegou perto, Jesus entrou em “angústia mortal” (Mc 14,34). Ele pediu a ajuda dos amigos: “Rezem comigo!” (Mt 26,38; Mc 14,36). Um anjo veio para ajudá-lo a beber o cálice até o fundo. Ele chegou a

suar sangue (Lc 22,43-44), “fez orações e súplicas em alta voz e com lágrimas, ao Deus que podia salvá-lo da morte. E Deus o escutou, porque ele foi obediente” (Hb 5,7-8). Como o Servo do cativo, Jesus foi condenado por um falso julgamento, sem testemunhas e sem defesa (Is 53,8; Mt 26,59-61). Foi um assassinato legalizado por dois tribunais: o tribunal religioso dos judeus (Mt 26,63-66) e o tribunal civil-militar dos romanos (Mt 27,24-26; Jo 19,15-16). Cuspiram nele, insultaram e deram soco, mas Jesus “fez cara dura como pedra” (Is 50,6-7; Jo 18,22-24; Mt 26,67-68; Mc 15,19), ficava em silêncio, mudo como um cordeiro, e não respondia às acusações (Is 53,7; Lc 23,9; Mt 26,62-63). Deu a sua vida em defesa da justiça que sempre pregou. Ele carregou os males do povo (Mt 8,17; Is 53,4) e se ofereceu em resgate para muitos (Is 53,12; Mt 20,28). Na cruz, quando o sofrimento atingiu o grau máximo, ele se sentiu abandonado até pelo próprio Pai: “Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?” (Mc 15,34). Mas Jesus não voltou atrás. Foi fiel até o fim. Morreu dizendo: “Está tudo consumado!” (Jo 19,30). Missão cumprida! “Foi obediente até à morte, e morte de Cruz” (Fl 2,8). *Foi o quarto passo!*

Diante do testemunho do Servo de Deus, o profeta Isaías fez uma prece muito bonita pelo bom êxito da missão do Servo (tradução direta do hebraico):

Oh! Senhor,  
que o teu Servo,  
quebrado pelo sofrimento,  
possa agradecer-te!  
Aceita a sua vida  
como sacrifício de expiação!  
Que ele possa ver os seus descendentes,  
ter longa vida,  
e que o Teu Projeto se realize por meio dele! (Is 53,10)

O Pai aceitou a prece e ressuscitou Jesus, confirmando assim que o caminho do serviço trilhado por Jesus é o caminho que leva à vida (Is 53,11-12).

No caminho de Emaús, já depois da morte, Jesus ajudou os discípulos a entenderem melhor os acontecimentos: “Como vocês demoram para acreditar em tudo que os profetas falaram. Será que o Cristo não devia sofrer tudo isto para poder entrar na glória?” (Lc 24,25-26.44). “Então Jesus abriu a mente deles para entenderem as Escrituras” (Lc 24,45).

### Eucaristia: fonte de serviço e de fraternidade

O Evangelho de João não menciona a Eucaristia. Em vez da Eucaristia ele menciona o lava-pés. Ele diz que Jesus se levantou e foi lavar os pés dos discípulos (Jo 13,4-5). Lavar os pés dos outros era o serviço dos empregados. Pedro não queria que Jesus lhe lavasse os pés. Jesus respondeu: “Pedro, se eu não o lavar, você não terá parte comigo” (Jo 13,8). Pedro queria Jesus como Messias glorioso, e não como empregado. Jesus fez saber a Pedro que ele era o Messias *servidor* e que Pedro, se ele quisesse ter parte com Jesus, teria que aceitá-lo como servidor, como seu empregado. A celebração da Eucaristia deve levar a imitar Jesus, que dizia: “Se eu, que sou Mestre e Senhor, lavei os seus pés, vocês também devem lavar os pés uns dos outros. Eu lhes dei um exemplo, para que vocês façam a mesma coisa que eu fiz” (Jo 13,14).

Este desejo de servir nasce da Boa Notícia de que Deus é um Pai amoroso que nos acolhe. Se Deus é nosso Pai, todos somos irmãos e irmãs e devemos amar-nos uns aos outros. E o jeito mais bonito de amar é colocar-se a serviço dos outros. Em várias outras ocasiões nas suas parábolas, Jesus insistia no mesmo assunto: “Se fizerem tudo que devem fazer, digam: ‘Somos servos inúteis, fizemos o que devíamos fazer’” (Lc 17,10). Não há motivo de glória.

Na carta aos Coríntios, o apóstolo Paulo diz uma frase muito dura a respeito da maneira como aquela comunidade celebrava a Ceia do Senhor. Ele diz: “Quando vocês se reúnem, o que vocês fazem não é comer a Ceia do Senhor!” (1Cor 11,20). É que na comunidade de Corinto havia divisões e brigas. Uns diziam: “Eu sou de Paulo!”. E outros: “Eu sou de Apolo!”. E outros mais: “Eu sou de Pedro!”. Outros

ainda: “Eu sou de Cristo!” (1Cor 1,12) E Paulo pergunta: “Será que Cristo está dividido? Será que Paulo foi crucificado em favor de vocês?” (1Cor 1,13). Estas divisões da comunidade manifestavam-se até durante a celebração da Ceia do Senhor. “Enquanto um passa fome, outro fica embriagado” (1Cor 11,21). Para Paulo a celebração da Eucaristia deve levar à união, à partilha, à fraternidade; deve ser fonte e fruto do amor a Deus e do amor ao próximo.

### A revelação do amor eterno de Deus

Sim, a revelação do amor de Deus incomodou os poderosos. Com a ajuda de Judas, eles conseguiram prender Jesus no Horto e, no dia seguinte, o mataram na cruz. Paradoxalmente, foi esta decisão de matar Jesus que resultou na confirmação definitiva do amor eterno de Deus.

A revelação do amor de Deus já vinha desde o Antigo Testamento. Bonita e profunda é a afirmação do profeta Jeremias quando diz: “De longe Javé me apareceu: com amor eterno eu amei você; por isso conservei o meu amor por você” (Jr 31,3). Era a época difícil do cativo da Babilônia. O povo não tinha cumprido os compromissos da aliança assumidos com Deus ao pé do Monte Sinai (cf. Ex 24,7-8). Por isso, sua vida desintegrou-se, Jerusalém foi destruída e grande parte do povo foi levada para o cativo. Muitas mortes! A conclusão de muitos era esta: nós não observamos as cláusulas da aliança, rompemos com Deus. Por isso, Deus rompeu conosco. Colhemos o que plantamos. Mas os profetas intuíram o contrário: “Nós rompemos com Deus. Sim! Mas Deus não rompeu conosco. O seu amor é maior que a nossa infidelidade”. E aí cabe a frase de Jeremias: “De longe Javé me apareceu: com amor eterno eu amei você; por isso conservei o meu amor por você” (Jr 31,3). E esta outra afirmação de Isaías: “Num ímpeto de ira, por um momento eu escondi de você o meu rosto; mas, agora, com amor eterno, volto a me compadecer de você, diz Javé, seu redentor” (Is 54,8).

Nas entrelinhas destas frases, a gente adivinha o seguinte. É como se Deus, o noivo, dissesse ao povo, sua noiva: “Depois de tudo que você fez, você já não mereceria ser amada. Mas meu amor por você não depende daquilo que você fez ou faz por mim ou contra mim. Quando comecei a amar você, eu o fiz com um amor *eterno*. Por isso, apesar de tudo que você me fez, apesar de todos os seus defeitos e pecados, eu gosto de você. Eu amo você com amor eterno; por isso conservei o meu amor por você. Mesmo você me matando, eu amo você e fico esperando o seu retorno”.

Jesus confirmou este amor eterno de Deus. Perdoou os seus assassinos: “Pai, perdoa-lhes! Eles não sabem o que estão fazendo!” (Lc 23,34). E na parábola do Filho Pródigo transparece o mesmo inacreditável amor. O filho mais novo pede a herança e sai de casa (Lc 15,12). Herança só se recebe na morte do pai. Com outras palavras, o filho mais novo estava desejando a morte do pai. E o pai, apesar de o filho desejar a sua morte, não rompe com o filho, nem o priva da herança, mas fica esperando pela volta dele, como se repetisse para o filho as palavras de Jeremias: “Meu amor por você é eterno, por isso conservo meu amor por você”. O filho pródigo somos todos nós. E Isaías pergunta: “Pode a mãe se esquecer do seu nenê, pode ela deixar de ter amor pelo filho de suas entranhas? Ainda que ela se esqueça, eu não me esquecerei de você” (Is 49,15).

Os quatro Evangelhos deixam transparecer de muitas maneiras como Jesus irradiava este amor eterno de Deus nas suas atitudes e gestos de serviço para com as pessoas: a moça do perfume (Lc 7,36-50), a viúva de Naim (Lc 7,11-17), as crianças (Mc 10,13-16), o cego de Jericó (Mc 10,46-52), os doentes (Mt 4,23-25), o povo faminto (Mc 8,1-9), os leprosos (Mc 1,40-45; Lc 17,12-19; 7,22), o paralítico de trinta e oito anos (Jo 5,1-9), a mulher adúltera (Jo 8,1-11), a menina de doze anos (Mc 5,35-43), a mulher de hemorragia irregular (Mc 5,25-34), a mulher curvada durante dezoito anos (Lc 13,10-17), o pai do menino epilético (Lc 9,37-43), a Samaritana (Jo 4,7-26), a Cananeia (Mt 15,21-28), Zaqueu

(Lc 19,1-10), o oficial romano (Mt 8,5-13), a sogra de Pedro (Mc 1,29-31), e tantas e tantos outros.

O apóstolo Paulo transmite a mesma experiência do amor eterno de Deus quando diz: "Estou convencido de que nem a morte nem a vida, nem os anjos nem os principados, nem o presente nem o futuro, nem os poderes nem as forças das alturas ou das profundidades, nem qualquer outra criatura, nada nos poderá separar do amor de Deus, manifestado em Jesus Cristo, nosso Senhor" (Rm 8,38-39).

Aqui está a fonte permanente do serviço e da fraternidade, de que falam o tema e o lema da Campanha da Fraternidade deste ano: "Fraternidade: Igreja e Sociedade. Eu vim para servir".

### Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Relacione "Eu vim para servir" (que Jesus viveu, praticou e ensinou) com a missão da política na sociedade.
2. Fraternidade: Igreja e Sociedade seguindo o exemplo de Jesus. Que sinais do Reino são visíveis na nossa sociedade e que nos trazem esperança?
3. O que significa ser homem/mulher de Deus como cidadão/cidadã?

C m r g  
m g r g m  
Cr

MARIA ADELMA FERREIRA\*

Quem primeiro formou Comunidade foi Jesus Cristo. Nesta vivência estava a centralidade do novo mandamento: "Amai-vos uns aos outros como eu vos amei" (Jo 15,12). A Comunidade Fraterna é um caminho indicado para o seguimento de Jesus Cristo, pois Ele viveu em Comunidade: "Jesus chamou a si os que Ele queria, e eles foram até Ele. E constituiu Doze, para que ficassem com Ele, para enviá-los a pregar, e terem autoridade para expulsar os demônios" (Mc 3,13-15). A Vida Comunitária é proposta fundamental de Jesus Cristo para viver os valores do Reino. O presente artigo mostra que existem desafios devido às dificuldades no relacionamento interpessoal e a pouca vivência dos valores humanos e cristãos que conduzem à fraternidade. Cita o enfraquecimento da espiritualidade, fruto da fé e do encontro com Jesus Cristo que leva a verdadeiras atitudes humanas e cristãs. Apresenta perspectivas que contribuem para a construção da Comunidade: a vida de oração, a fidelidade e o compromisso no seguimento de Jesus Cristo, o investimento na formação humana; o testemunho de vida; o acolhimento, a escuta, o diálogo, a partilha, o perdão, a compaixão e o amor fraterno. Conclui que como Consagrados/as na entrega total a Deus, é possível viver a alegria do bom relacionamento humano na Comunidade, como testemunhas do seguimento do Cristo e sinal do Reino. Partindo da reflexão sobre a Comunidade Religiosa como um lugar do seguimento de Cristo, este artigo vem afirmar que a Vida Fraterna é valor indispensável para os/as Religiosos/as. No contexto neoliberal, global e tecnológico, onde a relação

\* **Maria Adelma Ferreira** é religiosa missionária de Nossa Senhora das Dores.

interpessoal está cada vez mais difícil, faz-se necessário perceber a Comunidade como valor evangélico iniciado por Jesus. As primeiras Comunidades, onde reinava “a alegria e a simplicidade de coração” (At 2,46), eram dinamicamente abertas e missionárias: “gozavam da estima de todo o povo” (At 2,47). Segundo o Documento da Igreja Católica (1994), a vida em comum é um dom que diz respeito a todos, para o qual cada um deve contribuir não só para que seja conservado, mas para que dê sempre frutos. Assim, este dom alimenta a própria relação fraterna, com tudo que contribui para torná-la sadia e cheia de vida, espaço de liberdade e realização humana, de graça e bênção divina.

Os/as Religiosos/as que se consagraram totalmente a Deus através dos Votos de Castidade, Pobreza e Obediência e escolheram a Comunidade como lugar para viver o Evangelho, repetem que este é o lugar onde se tornam irmãos/as, e lembram que a fraternidade não é dada de antemão, mas fruto do trabalho de todos. “É necessário, então, preparar as pessoas, desde a primeira etapa de formação, para serem ‘construtoras’, responsáveis umas pelas outras pelo crescimento, estarem abertas e disponíveis a receber umas os dons das outras, capazes de ajudar e serem ajudadas” (IGREJA CATÓLICA, 1994, p. 39). Num mundo onde o individualismo é tão forte, onde as relações passam pela concorrência, competição, poder, os/as Religiosos/as são chamados/as a viver a Vida Comunitária como profecia e sinal do Reino de Deus aqui e agora.

A Comunidade é o primeiro lugar onde o/a Religioso/a deve viver o Evangelho, tendo como modelo a Comunhão da Trindade. É espaço onde se alimenta a confiança recíproca, vive a oração, a escuta, o diálogo, o amor, o perdão, a misericórdia, a justiça, o serviço, a partilha e a solidariedade. A missão começa na Vida Comunitária, fazendo a experiência da comunhão, do lava-pés. Lavar os pés sendo presença discreta ao lado do/a irmão/a, numa atitude de adoração, sem intrometer-se na vida do/a outro/a, respeitando os toques do Espírito nele/a. Servir como Maria, permanecendo o tempo necessário, nem mais nem menos. “Precisamos, em

nossas Comunidades, de pessoas que se possam expressar e manifestar no grau de sua própria evolução, de pessoas desabrochadas, de pessoas integradas e com grande unidade interior, capazes do testemunho que o mundo espera de nós: a solidariedade” (AZEVEDO, 1982, p. 128).

Na vivência dos Votos, o/a Religioso/a expressa na Comunidade e na missão a ternura de quem se sente amado/a por Deus, e assim testemunha que Ele é o absoluto de sua vida, o único necessário para ter uma vida plena no amor. A grande tarefa dos/as Religiosos/as na atividade evangelizadora da Igreja é se tornarem cada vez mais comunidade cristã em seu ser e em seu agir comunitários. A Igreja, que é essencialmente uma comunhão, necessita do testemunho dos/as Religiosos/as para mostrar ao mundo o verdadeiro significado da vida cristã, em termos de filiação divina e fraternidade humana no mistério de Cristo.

### Vida comunitária, essência da Vida Religiosa

É na Comunidade que o/a Religioso/a tem a oportunidade de viver o Evangelho de forma radical. Na convivência diária é interpelado/a a viver o amor, a misericórdia, o perdão, o acolhimento, a escuta, o diálogo, a confiança. Através do serviço e da presença solidária, é convocado/a a partilhar os seus dons para o crescimento da Comunidade. A Vida Religiosa tem como identidade a Consagração através dos Votos e três colunas que a sustentam: a Oração, a Comunidade e a Missão. Na Comunidade, o/a Religioso/a é chamado/a a viver de maneira intensa sua Consagração, a partir do relacionamento fraterno com os/as irmãos/as de Comunidade. A Vida Comunitária nos remete continuamente à nossa fragilidade. É nossa chance, pois a carência e a dificuldade tornam-se condição para acolher a força ressuscitadora e superar a fraqueza (ANA ROY, 2004, p. 129). Neste espaço cada um/a é interpelado/a a viver os valores humanos e cristãos. A vida comunitária mede, qual excelente termômetro, o conjunto da Vida Religiosa. Constatamos a febre ou a normalidade térmica. Algumas febres,

sinais bem-vindos de vida, revelam a reação do organismo doentio. Não são a enfermidade, mas apontam para sua presença. Exercem papel imprescindível de alerta (LIBÂNIO, 1995, p. 68).

Para o/a Religioso/a a Comunidade é o primeiro lugar para a vivência do Evangelho, pois é na relação fraterna que se vive o amor, a misericórdia, o perdão, a justiça, a partilha, a solidariedade, o serviço, a doação. Nela, todos os membros, convocados pelo amor de Cristo, formam uma só família, entendem realizar sua vocação, consagração e missão, reunidos em nome e pelo amor do Senhor. A vida comum, baseada na mesma vocação, consagração, missão e carisma, alimenta-se com a comunhão à mesa da Palavra, da Eucaristia e da Oração; exprime-se na partilha dos bens espirituais e materiais; cresce com a perseverança cotidiana da caridade e do serviço recíproco e tende à perfeita unidade dos corações e mentes (*PERFECTAE CARITATIS*, 15). Em meio às diferenças é possível compartilhar o sonho e o ideal. O crescimento de cada Consagrado/a na dimensão humana e cristã acontece na Comunidade. É nela que cada um/a vai crescer no dia a dia saindo do eu para o nós, aprendendo a viver as virtudes que geram a fraternidade. Viver o mandamento do amor na Comunidade é transformá-la em lugar de comunhão. Para Kearns (1999, p. 33), “A Vida Religiosa é, ou melhor, quer ser uma realização histórica da Comunhão Trinitária, vivida em fraternidade livre, e a serviço do ser humano e do mundo”. A vida fraterna desempenha um papel fundamental no caminho espiritual das pessoas Consagradas, que por um amor maior decidem comungar o mesmo ideal: seguir Jesus Cristo e consagrar-se totalmente a Ele. Viver em Comunidade, na verdade, é viver todos juntos a vontade de Deus, a partir da escuta de sua Palavra, no seguimento de Jesus Cristo e do Carisma que o Fundador recebeu Dele e transmitiu a seus seguidores.

A participação na oração, no trabalho, nas refeições, nos momentos de lazer, num mesmo espírito, as relações de amizade, a colaboração fraterna num mesmo apostolado, bem como o amparo mútuo proporcionado por uma Vida

de Comunidade, escolhida para servir melhor a Cristo, são outros tantos coadjuvantes preciosos nesta caminhada cotidiana (IGREJA CATÓLICA, 1984, p. 17).

Para cultivar a vida fraterna, além da oração e da ajuda mútua nos serviços da Comunidade e da missão, são necessários momentos de partilha e troca de experiência, o estar juntos de forma gratuita. Para se tornar irmãos/ãs é preciso conhecer-se. E para conhecer-se é indispensável comunicar-se de forma mais ampla e profunda. Outro aspecto importante para o crescimento na comunhão é a participação nas decisões referentes à vida da Comunidade. O/a Superior/a local, no seu serviço, deve zelar para que todos os membros se sintam corresponsáveis, e assim participem dando suas sugestões, avaliando o que está favorecendo ou não o crescimento da Comunidade. Faz-se necessário que na Comunidade haja espaço de abertura para a escuta, o diálogo, para que todos tenham a oportunidade de expressar os seus sentimentos, desejos, sonhos, inquietações, preocupações e necessidades.

É neste espaço que o/a Religioso/a é chamado/a a estar com Jesus e estar com os/as irmãos/as, traduzir a sua consagração em serviço, tornar-se próximo daquele que Deus colocou na Comunidade como destinatário do amor fraterno de todos. Viver a fraternidade de acordo com o Evangelho supõe abertura para acolher e conviver com os diferentes. Assim a pessoa será amada com aquilo que tem de mais oposto e mais difícil. O/a Religioso/a precisa reconhecer que vida fraterna se trata de um ideal exigente. Na perspectiva evangélica, ele se ilumina à luz do mistério da reconciliação. A Comunidade Religiosa encontra seu sentido e fundamento em íntima união com o projeto de seguir a Jesus, configurando-se com Ele. O/a Consagrado/a, deixando-se conduzir no seguimento de Jesus Cristo, coloca a reconciliação pascal no centro do seu esforço por viver o Evangelho num ato de fé realista (IGREJA CATÓLICA, 1994). O/a Religioso/a que leva a sério a Comunidade encontrar-se-á frente a frente consigo mesmo/a. Não em combate solitário, mas numa constante releitura das suas

opções à luz do ponto de vista dos outros, das suas necessidades, das exigências comunitárias, sempre na perspectiva do projeto comum e do desejo de progredir juntos/as. Uma Comunidade de Consagrados/as pode tornar-se um sinal vivo de uma convivência humana diferente, perspectiva da plena integração, comunhão e construção das pessoas que, em Cristo, já se apresenta como radiante realidade.

### Vida fraterna: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”

Os/as Religiosos/as, conduzidos/as pelos ensinamentos do Mestre Jesus Cristo, aprendem que o único mandamento, a única lei que deve orientar a Comunidade, é o amor. Jesus apresenta uma nova lei centrada num só mandamento: o mandamento do amor gratuito: “Eu lhes dou um mandamento novo: amem-se uns aos outros. Assim como eu os amei, vocês devem amar-se uns aos outros” (Jo 13,34). A vida fraterna em comum, experiência de vida partilhada no amor, é sinal eloquente da comunhão eclesial. O mandamento novo supera todos os outros mandamentos, pois apresenta uma nova visão da realidade: Deus e o ser humano são inseparáveis. Somente se pode amar a Deus amando aos homens e mulheres com os quais se vive. Este mandamento novo gera uma Comunidade verdadeiramente humana e fraterna, onde o/a outro/a é acolhido/a como irmão/ã e companheiro/a de caminhada. Para viver o novo mandamento do amor é preciso saber perdoar. O/a Consagrado/a não está isento/a de sentir-se ferido/a pelo/a irmão/a da Comunidade, por isso é necessário todos os dias perceber se há algo a perdoar para que de fato haja a reconciliação. “O relacionamento entre as pessoas só é autêntico e estável quando se fundamenta sobre a aceitação das fraquezas, o perdão e a esperança de um crescimento” (VANIER, 1982).

Cada membro na Comunidade precisa colocar-se sempre na atitude de perdoar e pedir perdão, visto que os/as Religiosos/as continuam sendo pobres pecadores. O perdão exige um esforço contínuo de recriação no próprio espírito

da qualidade fraterna do/a outro/a. “Pois quem perdoa está disposto/a a confiar e caminhar junto/a, como quem acolhe e ama” (VANIER, 1982). Apesar de muitas vezes sentir-se ferido/a, magoado/a, sabe-se que o/a outro/a continua sendo o irmão, a irmã de Comunidade, a quem Cristo amou e ama e solicita que este/a seja amado/a na caridade fraterna pelos que fazem parte da Comunidade. Amar o/a irmão/a pode ser traduzido em acolher. É estar desarmado/a, sem preconceitos para que o/a outro/a possa se sentir à vontade para expor suas necessidades e desejos, seus sonhos e inquietações, suas buscas, vitórias e frustrações. Para que o acolhimento seja verdadeiro é preciso ter empatia pelo outro e vê-lo de forma integral, como alguém que tem um rosto, uma história, uma vida e uma subjetividade (VANIER, 1982). “A vivência do amor fraterno se expressa no diálogo permanente, atitude de Jesus em sua vida e em sua pregação profundamente respeitadora das pessoas. O diálogo, que se origina no amor e ao amor conduz, sustenta as relações interpessoais na busca da vontade de Deus e será uma forma de realizar a caridade que se manifesta na escuta, em gestos e atitudes profundas mais do que em palavras” (CONSTITUIÇÕES DAS RELIGIOSAS MISSIONÁRIAS DE NOSSA SENHORA DAS DORES, 2006).

O primeiro lugar onde o/a Religioso/a deve viver e anunciar o Evangelho é na Comunidade, concretizando em suas ações a vivência do novo mandamento de Jesus. O sinal por excelência que o Senhor deixou é efetivamente o da fraternidade vivida: “Nisto reconhecerão que sois meus discípulos se tiverdes amor uns pelos outros”. Juntamente com a missão de pregar o Evangelho, o Senhor deu aos discípulos o mandamento de viverem juntos, “para que o mundo creia”. O sinal da fraternidade é, portanto, de suma importância. Também por isso a Igreja leva a sério a vida fraterna das Comunidades Religiosas: quanto mais intenso for o amor fraterno, maior será a credibilidade da mensagem anunciada. Para os/as Religiosos/as, o sentido da Comunidade tem como meta e finalidade o viver juntos e tentar realizar entre si e ser um sinal visível, profético e efetivo do amor que

existe entre os membros da mais sublime comunidade, a Trindade. À maneira como o Pai ama o Filho, e como o Filho responde a esse amor do Pai, a Comunidade busca realizar esse mesmo amor entre todos os membros que a compõem. Portanto, a fonte e a vida de qualquer Comunidade significa amor (KEARNS, 1999). Toda a fecundidade da Vida Religiosa Consagrada depende da qualidade da vida fraterna. A Comunidade Fraterna é o lugar de amar e cuidar. Este testemunho precisa ser expresso pela alegria de viverem. A alegria de serem Religiosos/as Consagrados/as e partilharem a vida com os que vivem a mesma Consagração é um belo testemunho que os fiéis leigos podem perceber nos que assumiram esta vocação.

A vida de oração experimentada na Palavra de Deus e nos Sacramentos, especialmente na Eucaristia, possibilita entrar na dinâmica da aproximação. Para aproximar é necessário olhar, escutar, dialogar, falar. Alguém precisa começar a falar. Porém, antes da palavra vem sempre o olhar. Para que o diálogo produza frutos, é necessário que aconteça um encontro de dois olhares, isto é, um encontro de corações. Só acontece diálogo quando há olhar. Só sabe dialogar quem sabe olhar. Quem não ama também não olha em profundidade. Olhar a outra pessoa é muito mais do que ver, é sentir o que há no íntimo das pessoas, é captar o que não foi pronunciado em palavras, é memorizar um rosto alegre ou sofrido. É através do olhar que a pessoa expressa todo o seu ser mais profundo. Um olhar confiante e compreensivo pode refazer a pessoa decaída. Olhar é confiar. Na Comunidade a vivência do amor fraterno passa pelo olhar com amor, misericórdia e compaixão. E assim se inicia a aproximação.

### Atitudes não favoráveis ao desabrochar da fraternidade

A Comunidade Religiosa tem como centro o seguimento de Jesus Cristo e como modelo a comunidade dos primeiros cristãos. Mas no decorrer dos tempos, especialmente na

pós-modernidade, a vivência da fraternidade foi tornando-se cada vez mais difícil. Percebe-se que a cultura da atualidade incentiva o culto ao indivíduo. As atividades intelectuais, espirituais, culturais, profissionais, o lazer e o ócio são experimentados em separado e dissociados do projeto comunitário.

Neste tempo de pós-modernidade se dá muita ênfase à subjetividade, à autorrealização e ao individualismo. Até os movimentos religiosos incentivam a busca de um Deus para resolver os problemas pessoais. Assim a espiritualidade comunitária de estar em comunhão com Deus e com os irmãos de comunidade em busca do bem comum vai ficando em segundo plano (LIBÂNIO, 2005). Outro desafio para a Vida Comunitária nos últimos tempos é a condição humana de cada Formando/a e Religioso/a que é recebido/a na Congregação. Devido à situação familiar e social, a pessoa chega muito fragilizada, carente e às vezes com atitudes infantis. Percebe-se uma falta de amadurecimento humano, que afeta as relações, causando prejuízos na convivência (GRÜN; SARTORIUS, 2008). Diante da falta de humanização dos/as Religiosos/as que não conseguem relacionar-se com maturidade, percebe-se que há Congregações que não estão investindo o suficiente na formação humana, com profissionais da área e Formadores capazes de ajudar a pessoa a crescer na dimensão humana. Tem-se a consciência de que não se trata de aspirar a uma perfeição inacessível, mas sim de dar condições ao/a jovem de se conhecer melhor, ou seja, saber de suas potencialidades, dons, qualidades e limites. Possibilitar ao/a jovem ser sujeito de sua história, saber lidar com os sucessos e frustrações da vida (VITÓRIO, 2008).

Para Vitório (2009), percebe-se que há um déficit na dimensão humana e por isso muitos/as Religiosos/as tornam-se pessoas insensíveis e indiferentes, voltadas para os próprios interesses e por isso sem gestos de oblatividade. Há uma dissonância entre o que reza e celebra pessoalmente e comunitariamente e o que se vive no dia a dia. Outra dimensão do inter-relacionamento que causa problemas é o

poder exercido de forma autoritária, tanto por Superiores/as de Comunidade quanto por Religiosos/as com alguma função administrativa.

Outro aspecto que interfere na qualidade da vida comunitária é que a experiência de encontro pessoal e opção por Jesus Cristo parecem ser superficiais. O mandamento do amor e a dimensão do lava-pés não fazem parte da vivência comunitária de muitos/as Religiosos/as. Pois o amor-serviço, a doação, a solidariedade, a misericórdia e a humanização são virtudes de quem realmente se encontrou com o Mestre, fez opção por Ele e por seu projeto que é o Reino de Deus (VITÓRIO, 2009). Na vivência da Consagração de cada Religioso/a, quando falta a fé, fruto do encontro pessoal com Jesus Cristo, base da espiritualidade cristã e da Vida Comunitária, torna-se difícil viver a relação interpessoal pautada pela sinceridade, transparência, escuta, diálogo e pelo amor fraterno. Pois a fé em Jesus Cristo leva a atitudes que possibilitam uma estrutura firme capaz de conviver com os conflitos e frustrações que surgem no relacionamento comunitário e estabelecer uma relação de confiança, ajuda mútua e acolhimento do/a outro/a como irmão/a e companheiro/a de caminhada no seguimento do Mestre e Senhor Jesus Cristo. Portanto, diante da realidade da família, da sociedade, da cultura pós-moderna, da realidade eclesial e das Congregações, existem muitos desafios para construir a Vida Comunitária conforme os valores humanos e cristãos. Os desafios são percebidos, faz-se necessário buscar novos horizontes para que a Vida Comunitária seja de fato fraterna.

### Construir a Comunidade Fraterna a partir do encontro e da partilha

O ser humano é um ser de relação. A pessoa se desenvolve na companhia, no diálogo e na interação com os outros. Para viver e realizar-se plenamente, o ser humano precisa unir-se aos outros estabelecendo relações no cotidiano. O inter-relacionamento saudável possibilita o

amadurecimento que conduz ao altruísmo como uma relação interativa e participativa (MANENTI, 1985). O homem é relação consigo mesmo por ser consciente. Como ser consciente é ser sujeito. E a subjetividade é a configuração mais própria do que se é. A construção da subjetividade se dá pelas decisões livres e pelas relações que constituem o ser humano (MANENTI, 1985).

A vida em comum possibilita o encontro com o outro. Encontro através da convivência, da escuta, do diálogo, da comunicação, da presença, do serviço; encontro que tem como ideal o seguimento de Jesus Cristo e a Consagração a Deus. Nesta experiência de encontro, pode acontecer a partilha de vida, do ser, do ter, do saber e dos dons. A Comunidade é sempre um lugar de estímulos e de recursos, uma escola de vida onde todos têm alguma coisa a ensinar e alguma coisa a aprender.

O/a outro/a é o Logos que deve ser ouvido/a com o mesmo respeito com que se ouve a Palavra. Então, a partilha se torna o modo habitual de vivermos juntos. Não seria pensável outro estilo, outra modalidade de relacionamento (CECCINI, 1998, p. 275). Para Libânio (2002), o inter-relacionamento, o viver juntos implica o conhecimento de si e do outro quanto aos valores e limites. A aceitação e o reconhecimento de si e do outro se exercitam em experiências concretas de vida em grupo. A Comunidade é o espaço propício para crescer nas relações interpessoais. No processo deste crescimento, pode haver crises, conflitos, mas também bons frutos que contribuem para o amadurecimento humano. A maturidade de uma pessoa se expressa quando ela sabe lidar consigo mesma e com as outras pessoas. A pessoa madura mostra-se reconciliada com a vida. As “características da maturidade humana são serenidade, paz interior, vivacidade e abertura, fecundidade e criatividade”. Portanto, a Comunidade só se constrói se nas pessoas que a compõem existe a capacidade prévia de internalizar os valores (GRÜN; SARTONIUS, 2008, p. 9). O amadurecimento humano possibilita que a pessoa no convívio com o outro estabeleça uma relação verdadeiramente humana,

ou seja, para avaliar o processo de humanização de uma pessoa faz-se necessário perceber sua capacidade de oblatividade. Segundo Vitório (2008, p. 13), “humanidade tem a ver com oblatividade. Quanto mais oblatividade tanto mais humanidade”. Quanto mais a pessoa se sentir integrada na sua humanidade, mais será capaz de viver os valores cristãos e ser fiel no seguimento de Jesus Cristo.

De acordo com Oliveira (1999), a dimensão humana da vocação, a partir da percepção do chamado divino, se dá como convite à solidariedade. Ouvir e responder o chamado de Deus é comprometer-se com o bem comum, a fraternidade, a partilha e o amor-serviço. E assumir a dimensão cristã da vocação é permanecer com Jesus Cristo para como pessoa humana realizar-se Nele, ou seja, viver em Cristo, estar com Ele, permanecer Nele. A vida comunitária não é monólogo. Tampouco trabalho solitário. Envolve escuta, diálogo, acolhimento, aceitação do outro como dom de Deus e instrumento para o crescimento pessoal e interpessoal. A Comunidade se constitui e permanece não porque seus membros se encontram bem juntos por afinidade de ideal, de caráter ou de opções, mas sim porque o Senhor os reuniu e os mantém unidos por uma comum Consagração e por uma missão na Igreja a serviço do Reino de Deus (JOÃO PAULO II, 1996). Pessoas que compartilham a mesma fé e a mesma entrega da vida, que encontraram e amam o mesmo Mestre, e se reúnem para conhecê-lo, imitá-lo e servi-lo melhor. Portanto, na Vida Comunitária, a pessoa que se consagra a Deus encontra o espaço favorável para viver com fidelidade o encontro consigo, com o outro e com o grande Outro, Deus.

### A alegria do bom relacionamento na comunidade religiosa

Para João Paulo II no documento *Vita Consecrata* (1996), a Comunidade Religiosa é célula de comunhão fraterna, chamada e animada pelo Carisma Fundacional; é parte da comunhão orgânica da Igreja, pois enriquecida pelo Espírito

Santo com diversidade de ministérios e carismas. A dimensão humana e fraterna requer o conhecimento de si mesmo e dos próprios limites, para daí tirar o devido estímulo e apoio no caminho para a plena libertação. Particularmente importante, no contexto pós-moderno, são a liberdade interior da pessoa consagrada, a maturidade afetiva, a capacidade de se comunicar com todos, especialmente na própria comunidade, a sensibilidade por quem sofre e o amor à verdade, ou seja, coerência entre as palavras e obras. A Comunidade Religiosa torna-se também lugar de crescimento humano. A qualidade da vida fraterna tem forte influência sobre a perseverança e realização de cada Religioso/a (CENCINI, 2003). A Comunidade se torna uma escola onde se aprende a amar a Deus, os/as irmãos/ãs com quem se vive, a humanidade necessitada da misericórdia de Deus e da solidariedade fraterna. O tempo presente é o da edificação e da construção contínua: sempre é possível melhorar o caminhar juntos para a Comunidade que sabe viver o perdão e o amor. A situação de imperfeição da Comunidade não deve desencorajar (IGREJA CATÓLICA, 1994).

É necessário investir na formação humana desde as primeiras etapas até a formação permanente. Compreende-se que trabalhar a formação humana não significa querer viver isento de conflitos e tensões nas relações interpessoais na Comunidade, pois as “tensões sempre hão de acompanhar a convivência de todo indivíduo em grupo”. É aprender a lidar com as frustrações de forma madura e humana, sendo capaz de dialogar e reconciliar consigo mesmo e com as pessoas envolvidas. E que as relações possam ser tecidas de “relacionamentos genuinamente humanos e saudáveis como: afeto, ternura, delicadeza, compreensão, ajuda, acolhida, aceitação, caridade e assim por diante”. Favorecer o crescimento na vivência destes valores lembrando que a pessoa vai viver tudo isso a partir do humano, que possibilita crescer nos relacionamentos fraternos e sororais (MORAIS; CHITOLINA, 2010, p. 137).

Para Vitório (2009), quanto mais a pessoa for humana, mais cristã ela é, pois a fé cristã vivida com autenticidade

faz com que a pessoa seja oblativa, misericordiosa e solidária como Jesus. Para isso é preciso ajudar o/a Religioso/a a crescer e aprofundar a sua experiência de encontro pessoal com Cristo e fazer também a descoberta do amor misericordioso de Deus Pai-Mãe. Com essas duas experiências, a pessoa pode tornar-se oblativa, misericordiosa, solidária, capaz de partilhar a sua vida na Comunidade e centralizar o seu coração no Reino de Deus e na justiça. Um projeto evangélico para a Comunidade é ser e conviver. Antes de ser construção humana, a Vida em Comunidade é dom do Espírito. Nesta convivência, é necessário partilhar: presença afetiva e efetiva, alegria, bom humor, dons, bens espirituais e materiais. Tudo isso é alteridade. O testemunho de alegria constitui uma grande atração para a Vida Religiosa Consagrada, uma fonte de novas vocações e um sustentáculo para a perseverança e fidelidade no compromisso de entrega total a Deus através da Profissão Religiosa (IGREJA CATÓLICA, 1994). A Comunidade Religiosa deve favorecer aos seus membros o crescimento na fidelidade ao Senhor, segundo o Carisma da Congregação, possibilitando relações interpessoais impregnadas de simplicidade e confiança, baseadas principalmente na fé e na caridade.

Pode-se afirmar que a Comunidade é por excelência um lugar de formação em todas as dimensões. A partir deste suporte de crescimento as Comunidades Religiosas vão se tornar um lugar mais alegre, agradável, onde os/as Religiosos/as vão se sentir realmente em casa e as pessoas que passarem pela Comunidade vão dizer: “vejam como eles se amam!”. Assim a Vida Religiosa Consagrada e a Comunidade Fraterna vão atingir o seu objetivo de ser e existir. Pois há necessidade de que alguém apresente o rosto paterno e materno de Deus e da Igreja, de quem ponha em jogo a própria vida para que outros tenham vida e esperança. Um/a Consagrado/a que se configurou com Jesus Cristo e o seu projeto, o Reino Deus, é capaz de em Comunidade construir relações fraternas conforme o Evangelho.

Pode-se concluir que a reflexão sobre a Comunidade Religiosa como um lugar do seguimento do Cristo vem afirmar

que a Vida em Comunidade é um elemento indicador do ser Consagrado, é meio para redescobrir, aprofundar e dinamizar a beleza e a atitude dessa vocação específica. A partir dos documentos estudados, percebe-se a essência da Vida Comunitária como meio eficaz para viver o Evangelho no amor-serviço, na oblatividade diária. É espaço para progredir alegremente na senda da caridade tendo “os olhos fixos em Jesus” (Lc 4,20b), com indivisível atenção, não permitindo que qualquer outra proposta desvie esse olhar. É urgente reaprender a fitar os olhos para conseguir ver, com propriedade: o Pai, o Reino e o Irmão. E ao ver Jesus no/a Irmão/ã de Comunidade, torna-se possível olhá-lo/a e amá-lo/a conforme o Evangelho. Assim, através do amor fraterno traduzido em partilha, presença afetiva, confiança, compreensão e respeito mútuo das diferenças, o/a Religioso/a pode anunciar e testemunhar na missão que a Comunidade Religiosa é um lugar do seguimento do Cristo, um meio para viver o Evangelho e consequentemente viver o novo mandamento: “Nisso reconhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13,35).

### Solidariedade

Nos versos de Roseana Murray vai o que certamente gostaríamos de viver:

Estender a mão para o outro como se fosse apanhar uma estrela, ou um lírio, ou o perfume inteiro de um bosque. Estender a mão para o outro no gesto mais puro e antigo, assim como mergulhar um cântaro num poço de águas profundas, conhecidas e desconhecidas. Tocar com as mãos o mistério do outro para entender o próprio mistério. Alcançar o outro no que ele tem de diverso e espelho. E no seu rosto enxergar o próprio rosto e a palavra Humanidade.

### Referências

AZEVEDO, Marcello de Carvalho. *Os religiosos, vocação e missão: um enfoque exigente e atual*. Rio de Janeiro: CRB, 1982.

- BÍBLIA DE JERUSALÉM. N. T. São Paulo: Paulinas, 1985.
- CENCINI, Amedeo. *A vida fraterna nos tempos de nova evangelização: como é bom os irmãos viverem juntos*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- CENCINI, Amedeo. *Fraternidade a caminho: rumo à alteridade*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- CONSTITUIÇÕES DAS RELIGIOSAS MISSIONÁRIAS DE NOSSA SENHORA DAS DORES, 2006.
- GRÜN, Anselm; SARTORIUS, Christiane. *Amadurecimento espiritual e humano na Vida Religiosa*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.
- IGREJA CATÓLICA. *Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica: a vida fraterna em comunidade*. São Paulo: Paulinas, 1994. (A voz do Papa, 135).
- \_\_\_\_\_. *Sagrada Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares: a doutrina da Igreja sobre a Vida Religiosa*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1984.
- JOÃO. In: *A BÍBLIA: tradução ecumênica*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- JOÃO PAULO II, Papa. *Vita Consecrata*. São Paulo: Paulinas, 1996.
- KEARNS, Lorenço. *A teologia da vida consagrada*. 5. ed. São Paulo: Editora Santuário, 1999.
- LIBÂNIO, João Batista. *A arte de formar-se*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Elementos do mundo contemporâneo: pós-modernidade fluida na Vida Consagrada. Paixão por Cristo paixão pela humanidade*. Congresso Internacional da Vida Consagrada. Conferência dos Religiosos do Brasil. São Paulo: Paulinas, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Vida religiosa: sempre a renascer*. São Paulo: Paulinas, 1995.
- MANENTI, Alessandro. *Viver em comunidade: aspectos psicológicos*. 1. ed. Paulinas: São Paulo, 1985.
- MARCOS. In: *A BÍBLIA: tradução ecumênica*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- MORAIS, Maria de Fátima; CHITOLINA, Adalto Luiz. *O Humano na vida fraterna: a caminho da XXII Assembleia dos Gerais. Reflexão e estudo*. Brasília: Conferência dos Religiosos do Brasil, 2010.
- OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. *Teologia da vocação: temas fundamentais*. São Paulo: Loyola, 1999.

- ROY, Ana, AS. *O beijo de Deus: provocação à Vida Religiosa*. CRB Nacional, 2004.
- VANIER, Jean. *A comunidade, lugar do perdão e da festa*. São Paulo: Paulinas, 1982.
- VATICANO II. *A atualização dos religiosos: Decreto Perfectae Caritatis*. Petrópolis: Vozes, 1968.
- VITÓRIO, Jaldemir. *A pedagogia na formação: reflexões para formadores da Vida Religiosa*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- \_\_\_\_\_. *A refundação dos religiosos: uma exigência do Espírito! Convergência*, Brasília: CRB, n. 423, p. 447-478, jul./ago. 2009.

### Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. O que fazer para que os/as Religiosos/as possam viver melhor a Vida Fraterna, visto ser ela uma marca essencial da Vida Religiosa Consagrada?
2. “Olhar a outra pessoa é muito mais do que ver. É sentir o que há no íntimo das pessoas e captar o que não foi pronunciado em palavras.” Como está sua capacidade de “olhar” o outro, a outra na Comunidade?
3. Em meio a um tempo marcado por tantos atrativos, que traços concretos percebemos em nossa Vida Fraterna como “forças capazes de atrair hoje o Jovem e a Jovem” para a vivência da Consagração Religiosa?

Or x r̂  
 m  
 S g r S Fr  
 S S J Fr C

IRMÃS VISITANDINAS\*

Refletir sobre oração e vida na experiência contemplativa da atualidade é um tema de suma importância para todos nós, nas diversas vocações às quais o Senhor nos chama. Seriam vários os aspectos da nossa atualidade a serem considerados dentro desta perspectiva, porém tomaremos apenas um desses aspectos que nos parece ser muito importante. Na nossa atualidade constatamos uma tendência sempre maior dos seres humanos, mesmo entre crentes e até cristãos, a viver e agir prescindindo do auxílio, da iluminação, do sustento e da ação de Deus. Creem tudo poder fazer, assumir, dominar, realizar, transformar e criar sem a intervenção divina, sem a união, o diálogo e a comunicação com Deus, com Aquele que é e sempre será o Senhor do mundo, da história, das nossas vidas e de tudo aquilo que realizamos.

Diante desta realidade, nós, os crentes, os cristãos e particularmente os consagrados somos interpelados a uma procura sempre maior em viver nessa união, comunhão e diálogo contínuo com Deus na oração, a viver na humildade a nossa condição de criaturas e filhos de Deus, nessa dependência da ação divina em nossas vidas e em tudo o que realizamos. Ajuda-nos nesse processo a convicção de que os nossos mais belos projetos, se não forem impregnados da graça divina, não trarão uma transformação profunda da realidade nem terão um valor para a eternidade, pois “Se o SENHOR não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam” (Sl 127[126],1). Quanto mais solicitados e envolvidos em inúmeras ocupações e diversas responsabilidades em nossa missão específica, mais necessitamos de uma vida

\* Irmãs Visitandinas, do Mosteiro da Visitação de Santa Maria – Barbacena – MG.

de profunda união com Deus na oração. Para nós não se trata de “conciliar” a oração com a missão, mas de centralizar a missão na oração e a oração na missão, isto é, de unificar essas duas realidades que na verdade devem consistir em uma única coisa.

Na história do povo de Deus, seja no Antigo, seja no Novo Testamento, temos conhecimento de que alguns santos no seu relacionamento com Deus tiveram experiências e graças extraordinárias, porém constatamos que para a maioria o seu caminho de santidade constava exatamente desta união da oração com a vida no cotidiano, numa experiência contemplativa na simplicidade da própria existência.

Desejamos partilhar algumas reflexões com base na espiritualidade de São Francisco de Sales e Santa Joana Francisca de Chantal, fundadores da Ordem da Visitação de Santa Maria, de vida contemplativa, no ano de 1610, na França, com inspiração no mistério da Visitação de Maria à sua prima Isabel.

### À luz do mistério da visitaçã

“... Maria se levantou e foi às pressas... entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel” (cf. Lc 1,39).

São Francisco de Sales, ao escolher o Mistério da Visitação como central em nossa mística, junto ao Coração de Jesus, dizia que encontrava nesse mistério uma riqueza de inspirações para a nossa vivência e queria que esse Mistério fosse celebrado mais solenemente na Santa Igreja. Ao relatar o anúncio do Anjo a Maria, o evangelista Lucas situa esse acontecimento no contexto da vida real: uma cidade da Galileia chamada Nazaré, uma virgem desposada com um homem chamado José, da casa de Davi, e o nome da virgem era Maria (cf. Lc 1,26-27). Nesta realidade concreta, sabemos que Maria vivia como uma jovem do seu tempo, uma vida normal nos seus relacionamentos, nos seus afazeres, e no dia a dia vivia uma profunda experiência de união com

Deus, contemplando os mistérios e as promessas divinas e aguardando as manifestações de Deus a favor do seu povo.

Tendo recebido a mensagem divina onde via confirmados no diálogo com o Anjo os desígnios de Deus a seu respeito, e sabendo da graça divina atuando em sua prima Isabel, Maria não ficou na casinha de Nazaré a contemplar todos aqueles mistérios que estavam acontecendo, mas assumiu tudo isso na integração do seu ser, indo visitar e servir a sua prima Isabel. Aberta às inspirações divinas, Ela contempla atuando e atua contemplando. Ao chegar à casa de Isabel acontece o encontro humano, cheio de surpresa e alegria, a saudação normal segundo o costume da sua cultura, e as diversas manifestações do Espírito Santo, pois ali também Maria encontrou uma família que vivia na normalidade do dia a dia uma profunda união com Deus e obediência às leis divinas. O mesmo movimento que une Maria ao seu Senhor a faz ser atenta e comover-se com as necessidades dos outros, a ocupar-se nos seus trabalhos domésticos sem perder o contato com Aquele que é a sua respiração, a sua alegria, a sua razão de viver e a sua própria vida, assim como vive a presença de Jesus nela e não perde nunca o contato com Ele.

O evangelho parece acentuar especialmente a simples presença de Maria na realidade das especiais circunstâncias em que sua prima se encontrava. E o que sobretudo comove Isabel é a visita do Senhor que lhe vem com a presença de Maria: “Donde me vem esta honra de vir a mim a Mãe do meu Senhor?” (Lc 1,43). O que caracteriza uma autêntica experiência contemplativa é a presença, diante de Deus, de nós mesmos e dos irmãos. Maria é “presença”, ela está sempre presente Àquele que é a eterna Presença, está presente aos irmãos, está presente em relação a Isabel.

O Evangelista Lucas nos oferece alguns detalhes riquíssimos dessa integração do humano com o divino naquele encontro: a saudação de Maria a Isabel, a comunicação das crianças que estão sendo geradas, a expressão dos sentimentos de Isabel, o reconhecimento das maravilhas que estavam sendo realizadas segundo as promessas de Deus e que

explodem no *Magnificat*. Este Canto de Maria nada mais é do que um canto de louvor e gratidão, de libertação e de celebração da fidelidade de Deus que promete e cumpre o seu plano de salvação, numa realidade humana concreta. Neste mistério da Visitação de Maria encontramos uma maravilhosa unificação do humano com o espiritual, da contemplação na vida. E com a Encarnação do Verbo Divino, Jesus no seio de Maria assumia a nossa realidade humana e ao mesmo tempo adorava ao Pai e a sua santa vontade, e Maria também adorava a vontade do Pai nela, enquanto assumia a sua própria humanidade e a humanidade do Verbo Divino.

Na vida de Jesus a sua comunhão profunda com o Pai se manifesta já na sua infância: “Não sabíeis que devo ocupar-me das coisas de meu Pai?” (Lc 2,49). E assim em toda a sua vida terrena, Jesus agia sempre em profunda sintonia com o Pai: “Em verdade, não falei por mim mesmo, mas o Pai, que me enviou, ele mesmo me prescreveu o que devo dizer e o que devo ensinar. Portanto, o que digo, digo-o segundo me falou o Pai” (Jo 12,49-50). É o próprio mistério da Encarnação do Verbo Divino e a sua missão no mundo, sempre em profunda união com o Pai, que está no cerne de toda experiência contemplativa, integrando a oração com a vida dentro da nossa missão específica.

### Da devoção à contemplação

*“Sob a inspiração da graça, cantai a Deus, de todo o coração, salmos, hinos e cânticos espirituais” (Cl 3,16).*

No pensamento de São Francisco de Sales, todas as coisas foram criadas para a oração, e quando Deus criou os anjos e os seres humanos, os fez a fim de que eles o louvassem eternamente no céu, por isso todos os homens podem orar, e nem um só pode escusar-se de fazê-lo. Ninguém pode sentir impossibilidade nesse relacionamento com Deus, pois o nosso coração é feito para Deus e Ele o atrai continuamente a si, lançando sem cessar em nós os atrativos do seu amor. Podemos considerar cinco motivos que podem impedir a operação desta santa atração em nós: o pecado, o afeto às

riquezas, os prazeres sensuais, o orgulho e a vaidade, e o amor-próprio com o seu cortejo de paixões desordenadas.

O caminho para a contemplação é a vivência da *devoção* numa integração entre oração e vida, dentro do próprio estado vocacional. Ao escrever o seu livro *Introdução à Vida Devota*, São Francisco de Sales inicia o seu prefácio dizendo: “A maior parte dos autores que trataram sobre a devoção dirigiram-se exclusivamente a pessoas retiradas do mundo ou ao menos se esforçaram por lhes ensinar o caminho deste retiro. O meu intento, porém, é ser útil àquelas almas que amam a Deus, mas se veem obrigadas a viver no meio do mundo” (VID, p. 17-18). A devoção leva a agir com afabilidade, a encarar com tranquilidade os incidentes da vida, pois o único motivo em nossas intenções é aquele de agradar a Deus. E para nos mostrar os frutos dessa devoção na vida concreta, assim se exprime: “O mundo verá que as pessoas devotas jejuam, rezam, sofrem com paciência as injúrias que lhes fazem, cuidam dos enfermos, dão esmolas, guardam longas vigílias, reprimem os ímpetos de cólera, detêm a violência de suas paixões desordenadas, renunciam aos prazeres sensuais e fazem tantas outras coisas que são em si custosas e contrárias à natureza, mas desconhecem aquela devoção interior, a união com Deus que torna tudo suave” (VID, p. 33-34).

Só as almas possuidoras de uma devoção sólida se elevam a Deus na contemplação, pois a verdadeira devoção consiste no amor de Deus e dá à alma a agilidade e viveza espiritual, da qual a caridade operando em nós leva-nos a realizar todo o bem de que somos capazes. Falando desse nosso relacionamento com Deus, São Francisco de Sales usa a imagem da escada de Jacó dizendo que um lado da escada significa a oração que suplica o amor de Deus, e o outro a recepção dos sacramentos que nos confere este amor; os degraus são os diversos graus da caridade, pelos quais se sobe de virtude em virtude, ora se abaixando até servir ao próximo e suportar-lhe as fraquezas, ora guiando o espírito, pela contemplação, até à união de caridade com Deus.

No seu pensamento, para ser considerada uma boa oração, não pensemos que devemos ter sempre sentimentos sensíveis da presença de Deus e da sua ação em nós, mas é um sentimento que reside na parte superior do nosso espírito onde o amor divino reina e tem ali suas operações. Essa nossa conversa com Deus na oração se chama *mística*, porque entre Deus e a alma acontece uma conversa secreta, uma comunicação de coração a coração, difícil de explicar aos outros (cf. TAD, p. 287). Porém, para viver essa experiência, além de uma preparação remota e próxima, é preciso que nos esqueçamos de nós mesmos e nos percamos em Deus, por isso uma alma bem disposta está sempre preparada para fazer oração, ou melhor, está sempre em oração.

A *meditação* visa nos tornar melhores e devotos, exercitando a nossa vontade a santos e salutare afetos, resoluções e ações, a bendizer e louvar a soberana misericórdia de nosso Deus, que nos retirou das portas da morte, compadecendo-se da nossa miséria. Meditamos para fazer memória dos favores recebidos de Deus, das suas leis e da sua santa vontade para observar e praticar (cf. TAD, p. 290-292). A meditação desse amor divino excita em nós a atenção contemplativa, uma atenção que faz nascer reciprocamente um amor maior e mais fervoroso, nos comprazer na vista do nosso divino amor, pois o amor força os olhos a olharem sempre mais atentamente à beleza bem-amada e a vista força o coração a sempre mais ardentemente amá-la (cf. TAD, p. 296).

A *contemplação* é a própria experiência do amor de Deus e dos seus mistérios, manifestado em diversas formas; um amor que leva a criatura na busca de unir-se sempre mais ao seu Criador e Senhor. No seu livro *Tratado do Amor de Deus*, São Francisco de Sales nos propõe a contemplação como uma atenção permanente, sem mistura, para as coisas de Deus: “a contemplação não passa de uma amorosa, simples e permanente atenção do espírito às coisas divinas” (TAD, p. 294). E nesse caminho de busca da união com Deus se torna indispensável usarmos os meios que nos ajudam: “Para chegarmos à contemplação, ordinariamente temos necessidade de ouvir a santa Palavra, de ler livros devotos, de orar,

meditar, cantar cânticos, formar bons pensamentos, com uma atenção que provém do amor e aumenta o amor que temos à infinita suavidade de Nosso Senhor. A ocupação com esses exercícios, cujo fim e escopo é a contemplação, chama-se *vida contemplativa*, em razão da ação do nosso entendimento pela qual olhamos a verdade da beleza e bondade divina com uma atenção amorosa” (TAD, p. 306).

### O primado da interioridade

*“Que o Pai vos conceda... serdes robustecidos por seu Espírito, quanto ao homem interior” (cf. Ef 3,14-16).*

A vida cristã é ao mesmo tempo interior e exterior, pois é a vida de Jesus Cristo nos seres humanos, por isso não há uma vida espiritual que seja separada da vida humana, como alguma coisa no ar, ou à parte, mas sim um interior que desabrocha no exterior. Para São Francisco de Sales as disciplinas, os regulamentos, os códigos exteriores são todos necessários, porém toda mudança de vida deve começar pelo interior, e não pelo exterior. É o coração que deve ser tomado e transformado, e isso devido a algumas razões muito importantes: o coração é a *fonte e a sede do amor*, é o *lugar do encontro com Deus*, é o *primeiro lugar da conversão*, pois é pelo coração que se adere a Deus e ao seu Reino, deixando-se transformar pouco a pouco na vontade de Deus; o coração é o *centro das decisões* na nossa vida, e o coração é a *fonte das ações*.

Em suas orientações existe uma preocupação em unir a vida interior e a vida exterior, para permitir a cada um realizar a unidade do seu ser, pois uma autêntica vida de oração leva sempre à unificação da própria pessoa. Isso se faz passando do coração à vida e fazendo a vida entrar no coração, pois em toda vida humana e cristã existe um movimento permanente do interior para o exterior e do exterior para o interior, pois somos ao mesmo tempo espírito e corpo, seres voltados para o interior e para o exterior. É o coração que deve ser inflamado para dar vida e sentido aos nossos atos, e ao mesmo tempo as atitudes que tomamos e as atividades que exercemos reanimam a chama e o fogo

do amor depositado em nossos corações pelo Espírito Santo. Daí compreendemos que não é possível separar ação e contemplação, prática e espírito, porque sua fonte comum é o amor, e a aprendizagem do amor a Deus e ao próximo acontece amando.

A integração da oração na vida cotidiana deve levar necessariamente a uma transformação pessoal, partindo do nosso interior: “Ainda que exteriormente se desconjunte nosso homem exterior, nosso interior renova-se cada dia” (2Cor 4,16). Quando o coração muda, toda a vida muda, não se veem mais as coisas e as pessoas com os mesmos olhos, não se fala mais da mesma maneira, não se fazem mais as coisas do mesmo modo. Este olhar do coração permite olhar mais profundamente o nosso próprio ser, a realidade de tudo aquilo que nos circunda e das coisas celestes. O exame de consciência feito com exatidão buscando a própria verdade é um modo prático de oração que ajuda nesse processo, pois nos leva ao conhecimento de nós mesmos, é um fator de humildade e pureza de coração, que são disposições essenciais para nos familiarizarmos com Deus (cf. TRO, p. 4-9).

### Orar vivendo e viver orando

*“Orai sem cessar” (1Ts 5,17).*

Essa integração da oração na experiência contemplativa deve ser tão encarnada em nossa vida como o próprio mistério da Encarnação do Verbo Divino assumindo a nossa humanidade. Na vida de Jesus, vemos nos Evangelhos que Ele tinha períodos mais prolongados em que se retirava para orar, mas no cotidiano da sua missão a oração e a ação unem-se uma a outra num ritmo contínuo. Assim, para o cristão a vida espiritual é a sua vida normal, de todos os dias, vivida no Espírito de Cristo, por isso a nossa união com Deus em Cristo faz Cristo viver também em cada um dos nossos atos.

São Francisco de Sales, nas suas orientações, seja para pessoas, seja para comunidades, fala sempre num Cristianismo

encarnado, e sendo fiel ao mistério da Encarnação, dirige-se a pessoas concretas, vivendo em situações determinadas, levando em conta sempre as condições nas quais vivem essas pessoas e esses grupos. Transparece nos seus escritos e em toda a sua espiritualidade essa integração entre a vida e a oração, num processo de continuidade, chamando-nos a uma missão de evangelização e participação na missão da Santa Igreja pela oração, mas sobretudo pelo testemunho, isto é, com a vida.

No início do seu Diretório Espiritual encontramos expresso de modo simples e muito profundo a sua intenção para a nossa vivência: “Toda a vida e exercício das Irmãs sejam para se unirem com Deus, para ajudar a Santa Igreja e a salvação do próximo com orações e bons exemplos” (Dir. Art. I). Como um fio de ouro que vai tecendo toda a sua orientação espiritual, encontramos também nas constituições: “... todo o interior e todo o exterior das Filhas da Visitação é consagrado a Deus... todas as suas ações... são outras tantas preces e orações; todas as suas horas são dedicadas a Deus... e são fruto da caridade” (Const. Cap. II). Quando o nosso ser se habitua a essa união contínua com Deus, então tudo se torna motivo de oração.

O Beato Pe. Brisson, comentando o Diretório Espiritual de São Francisco de Sales para os Oblatos de São Francisco de Sales, Congregação por ele fundada, afirma: “Lembre-mo-nos de que cada um de nós é chamado, nos desígnios divinos, a levar a Deus e à salvação certo número de almas, e isso não só pela pregação, direção espiritual, confissão, educação, mas também por tudo o que fazemos. Na vida dos Oblatos, dar aula, vigiar um estudo ou um recreio, trabalhar como marceneiro ou jardineiro é tão santo quanto confessar; explicar um texto de Cícero é tão perfeito, aos olhos de Deus, quanto dar catequese às crianças, se o fizermos para Deus. É certo que, ao elevar o nosso coração a Deus, pedindo que aquilo que dizemos faça bem às almas, Deus nos atenderá. Experimentem-no. Rezem por um aluno mau, para que surja no seu coração algo do desejo de melhorar; vocês verão os resultados disso; acontecerá alguma

coisa com ele que não teria ocorrido sem a oração de vocês. As leis da graça são tão infalíveis e tão inflexíveis como as da natureza, como as leis físicas. Esse é o nosso grande meio de ação. Rezem e sejam fiéis e obterão o que quiserem. Deus, com quem vocês se mantêm unidos, agirá com vocês. Esse pensamento deve dominar toda a nossa vida. Temos que rezar pela salvação do próximo, pela salvação daqueles que são fiéis a Deus, daqueles que cuidamos, nossos alunos, as almas que dirigimos e que andam no bom caminho; temos que rezar também – e muito – pelos pecadores” (BRI, p. 6).

Na espiritualidade de São Francisco de Sales, a união da oração com a vida tem que atender à nossa saúde, às nossas ocupações e deveres particulares, e até às nossas características pessoais e à nossa personalidade. Ao assumir a direção espiritual de Santa Joana de Chantal, a primeira coisa que ele fez foi tirar das suas devoções aquelas práticas que não estavam de acordo com a sua personalidade nem com as suas ocupações como baronesa, mãe e jovem viúva, e traçar-lhe um caminho apropriado. Para ele a fé cristã e a caminhada em direção à santidade se vive nas condições mais variadas de tempo, lugar, saúde, ocupações e vocação. Não seria conciliável que um bispo fosse viver solitário como um cartuxo, nem às pessoas casadas não reservarem nenhum bem material como aqueles que fazem um voto de pobreza, nem um operário frequentar tanto a Igreja como um religioso. Quando uma devoção, uma vida de intimidade com Deus impede os legítimos deveres da própria vocação, demonstra que não é uma verdadeira devoção, pois a verdadeira devoção nada destrói, mas tudo aperfeiçoa.

Uma devoção autêntica nada prejudica no cumprimento dos deveres dos diversos estados e ocupações da vida, mas os torna mais merecedores e lhes confere o mais lindo ornamento vindos da graça divina (cf. VID, p. 36). “É um erro querer expulsar a devoção da corte dos príncipes, dos exércitos, da tenda do operário e da vivenda das pessoas casadas. É verdade que a devoção meramente contemplativa, monástica ou religiosa não se pode exercer nesses estados; mas existem muitas devoções adequadas a aperfeiçoar os que as

seguem” (VID, p. 37). Existem fatores internos e externos que influenciam, favorecendo ou dificultando essa experiência contemplativa, mas não a determinam, pois constatamos que aconteceu em toda a história do povo de Deus que muitos perderam a perfeição buscando a solidão que é tão favorável, tão propícia à santidade e houve muitos também que conservaram essa perfeição no meio do bulício do mundo, por mais prejudicial que lhe fosse (cf. VID, p. 38).

Santa Joana de Chantal, seja como baronesa, esposa, mãe, jovem viúva e depois como religiosa contemplativa, conseguiu viver uma profunda experiência contemplativa, unificando a sua vida de oração com os encargos da sua missão, nas diversas etapas da sua vida. Ela coloca a oração na vida como um relacionamento de amor com a pessoa amada, por isso essa oração é contínua, seja na capela, seja no coro, nos períodos de oração pessoal ou comunitária, seja nos trabalhos cotidianos, seja nas ações de caridade, porque motivada pelo amor a Deus: “A simplicidade para com Deus consiste em não procurar senão a Ele em todas as nossas ações, quer nós vamos ao Ofício Divino, quer nos dirijamos ao refeitório e depois ao recreio: vamos a toda parte para procurar a Deus. Não é preciso estar sempre de joelhos para fazer oração, pode-se fazer amassando o pão e varrendo. Em todas as nossas obras, interiores e exteriores, não procuremos senão agradar a Deus e crescer no seu amor” (Sta. Joana de Chantal – Const. Cap. XV). A alma que ama tem facilidade em ocupar-se daquele que ama.

No pensamento de Santa Joana de Chantal, essa integração da oração com a vida começa dentro de nós mesmos, pois a oração se torna indispensável para nos ajudar a entender as coisas divinas, purificando nossa alma de suas imperfeições, ajudando na aceitação de nós mesmos com todas as nossas fragilidades, diminuindo nossas paixões desordenadas e levando-nos a uma crescente liberdade interior. Por isso é muito importante em nossas orações considerar e contemplar a vida, morte e ressurreição de Nosso Senhor. Algumas disposições são necessárias para uma boa oração: a pureza de intenção, uma indiferença com tudo o que nos possa

acontecer, uma grande renúncia aos nossos pontos de vista para colher o que Deus nos manifesta, ter um coração despojado, disponibilidade e submissão aos desígnios de Deus.

A verdadeira oração se conhece pelos seus frutos na vida concreta: “Aquele que permanece em mim, e eu nele, esse produz muito fruto” (Jo 15,5). Para Santa Joana de Chantal, uma oração que não ajude a crescer na mortificação, na capacidade de renúncia, numa entrega de si mesmo nas mãos de Deus, docilidade na obediência, profunda humildade, fidelidade na observância, mais capacidade de pequenos sacrifícios, maior generosidade na doação de si, capacidade de suportar as dificuldades cotidianas, de bem conviver com o próximo, de perdoar e de assumir a própria caminhada na liberdade interior, essa não é uma oração autêntica. Dizia ela às suas Irmãs: prefiro uma Irmã que segue o caminho ordinário da oração mas é muito fiel na observância das Constituições e na mortificação de si mesma, a uma que entra em êxtase na oração vinte vezes ao dia e que não se entrega tanto à obediência nem à mortificação de si mesma. Aqui também ela traduz fielmente o pensamento de São Francisco de Sales, pois ele dizia que o único meio para as Visitandinas adquirirem o espírito da Visitação é fazer o que pedem as Constituições, assim como o único meio para os cristãos adquirirem o espírito do Evangelho é se disporem a vivê-lo. “O espírito da Regra não se adquire senão a praticando fielmente” (Palestras íntimas XIII).

Séculos antes do Concílio Vaticano II, São Francisco de Sales afirmava que a santidade não é privilégio de alguns, mas ela é para todos, pois todos são chamados a se abrir ao amor de Deus e tornar-se santo. Segundo a sua própria experiência e a sua linha de pensamento, constatamos que nos diversos caminhos nos quais o Bom Deus nos coloca para melhor amá-Lo e servi-Lo, os leigos são chamados a viver essa integração entre oração e vida, na experiência contemplativa de ser luz, sal e fermento na santificação da sua realidade concreta na família, no trabalho e na sociedade. Os sacerdotes, os Bispos, são chamados a viver essa experiência contemplativa exercendo fielmente o seu ministério

sacerdotal de Pastor com tudo o que isto implica. Para as pessoas chamadas a uma vida de consagração num Instituto ou Congregação religiosa, o caminho da integração entre oração e vida nessa experiência contemplativa passa pela observância das suas Regras e Constituições, onde estão bem definidos o espírito próprio, os costumes e tradições, a missão, as devoções e os tempos próprios de oração pessoal e comunitária. Se cada um de nós compreender a riqueza, a profundidade e a beleza da nossa própria espiritualidade, verificaremos que não precisamos buscar em outros lugares, em outros carismas, em outras espiritualidades aquilo que já temos “dentro de casa”, isto é, no nosso próprio carisma, na nossa própria vocação e missão. Ali, o Espírito Santo traçou para cada um de nós um caminho de contemplação dos mistérios divinos, na integração entre a oração e a vida, segundo a nossa missão específica.

### Em tudo buscar unicamente a Deus

“Buscai o Senhor, já que Ele se deixa encontrar” (Is 55,6).

São Francisco de Sales nos indica dois grandes meios que estão à nossa disposição para nos unirmos mais a Deus: o uso dos sacramentos pelos quais Deus vem a nós com a sua graça e a oração pela qual nós vamos a Deus. No centro da nossa vida de oração ele coloca a Santíssima Eucaristia, não podendo existir experiência de maior união entre a criatura e o seu Criador e Senhor. Tudo depende de como participamos e do como fazemos nossa oração, pois o nosso Santo afirma que bastaria uma Eucaristia bem vivida para nos tornarmos santos. Toda a nossa jornada deve ser um prolongamento da Santa Missa da qual participamos e uma preparação para a Santa Missa do dia seguinte.

Para não perdermos essa sintonia com o Mistério Eucarístico, Nosso Santo Fundador nos deixou como herança um belo costume que as Visitandinas conservam até hoje: ao terminar o recreio da comunidade, uma Irmã por turno diz: minhas Irmãs, recordemos a Santa Presença de Nosso

Senhor e a Santíssima Eucaristia que recebemos hoje (*no recreio da tarde*) ou a que receberemos amanhã (*no recreio da noite*). Essa prática favorece a união com Jesus que recebemos na Santa Eucaristia e nos prepara para bem recebê-lo no dia seguinte. Outras fontes de graças e união com Deus são os Sacramentos, a Liturgia das Horas, a meditação da Palavra de Deus, a *Lectio Divina*, a Adoração ao Santíssimo Sacramento, o Santo Rosário onde meditamos os mistérios da vida de Nosso Senhor e da nossa redenção, e outras orações pessoais e comunitárias. Entre esses momentos fortes de oração e os nossos trabalhos e atividades cotidianas existe um prolongamento, assim como essas mesmas atividades convergem todas para a nossa centralidade em Deus, como um único serviço à sua Divina Majestade. Assim como em nós não podemos separar corpo e alma, da mesma forma é todo o nosso ser que reza e é todo o nosso ser que trabalha, recreia e descansa; se somos UM com o Senhor na oração, o seremos da mesma forma em tudo que realizamos, pois é a nossa unicidade que é consagrada ao serviço do Senhor.

Lembremos sempre que, mesmo oferecendo a Deus a nossa colaboração, o nosso desejo, a nossa busca, as nossas disposições e a nossa abertura, tudo é dom de Deus e da sua infinita misericórdia em nós. Por isso, na vida de oração São Francisco de Sales insiste muito na docilidade ao Espírito Santo que conduz cada alma por um caminho diferente; por isso, é necessário seguir os *atrativos* que o Espírito coloca no nosso coração. É um caminho que nos leva a permanecer no Senhor: “Permanecei em mim e eu permanecerei em vós... vós não podeis dar frutos se não permanecerdes em mim” (Jo 15,4). Além daquelas orações que são centrais na nossa vida cristã e consagrada, na espiritualidade de São Francisco de Sales se destacam alguns pontos importantes, que têm como objetivo ajudar a integrar oração e vida na nossa experiência contemplativa.

### Lembrança da presença de Deus

Para nós não é possível pôr-nos na presença de Deus nem dela subtrair-nos, pois n’Ele vivemos, existimos e somos (cf.

At 17,28). O que nos referimos aqui é uma maior consciência dessa presença, isto é, sermos nós também presença Àquele que está sempre presente. No pensamento de São Francisco de Sales, a maioria das faltas que as pessoas piedosas cometem no cumprimento do seu dever vem do fato de não se conservarem bastante na presença de Deus. Devemos estar sempre com uma atenção em Deus e outra no que estivermos fazendo. Coloquemo-nos na presença de Deus ao participarmos da Santa Eucaristia, ao receber os Sacramentos, ao rezar a Liturgia das Horas, ao fazer a nossa meditação e outras orações, ao recrear, ao repousar e ao realizar qualquer tipo de trabalho dentro da nossa missão. O próprio transcorrer do tempo nos deve levar a viver nessa presença de Deus: “Quando o relógio bate as horas, elevai seu pensamento aos céus, pedi perdão a Deus pelas horas passadas inutilmente, pensai que sua morte pode estar próxima, e renovai o desejo de desta hora em diante servir mais fielmente ao Senhor, e pedi a graça de uma santa morte” (DIR, p. 33).

#### A reta intenção

A pureza de intenção faz com que toda a nossa vida e tudo o que fazemos sirva para nos unirmos a Deus. Durante as nossas jornadas, em qualquer tipo de atividade (oração, lazer, trabalho, repouso etc.), dirigir sempre a nossa intenção para a glória de Deus, o bem da Santa Igreja, a salvação das almas, oferecendo à Divina Bondade tudo o que fizermos, preparando-nos também para suportar e oferecer com paz e doçura de espírito todas as dificuldades e mortificações que encontrarmos, como vindas da mão paternal do nosso Bom Deus e Salvador, cuja intenção santíssima é nos cumular de merecimentos para nos recompensar com a abundância do seu amor (cf. DIR, p. 9-10). Assim, elevamos o nosso olhar para além do obstáculo imediato que possa nos trazer algum sofrimento, dando-lhe um sentido sobrenatural. Quando as nossas intenções estão no amor de Deus, ao projetarmos alguma boa obra, todas as ações que se seguem tomam o seu valor e tiram a sua nobreza do amor onde têm a sua origem. É importante, pois, destinar todas as nossas ações a Deus,

e oferecê-las todos os dias, pois nesta renovação diária da nossa oblação difundimos nas nossas ações o vigor e a virtude da dileção, por uma nova aplicação do nosso coração à glória divina, sendo ele, por esse meio, cada vez mais santificado (cf. SES, p. 42).

#### Pedir a graça

Por mais capacitados que sejamos para qualquer tipo de trabalho, sabemos que nada daquilo que fazemos tem um valor de eternidade se não for realizado em Cristo e por Cristo, pois o próprio Senhor é quem nos diz: “... sem mim, nada podeis fazer” (Jo 15,5). Conscientes da nossa pobreza, da nossa dependência da ajuda divina e de que sem a graça de Deus não somos capazes por nós mesmos de realizar algo para a sua glória, é importante pedir essa graça no início de todas as nossas ações: oração, trabalhos diversos, atividades pastorais, encontros, estudos ou qualquer outra ação, por mais simples que ela seja, para que tudo o que fizermos não seja apenas um ato humano, mas tenha um sentido sobrenatural.

#### O retiro espiritual

Mesmo estando incluído, aqui não falamos daquele retiro que chamamos “exercícios espirituais”, onde deixamos nossas atividades para nos dedicarmos a um período de maior silêncio, reflexão e oração. Esse retiro de que fala São Francisco de Sales é um retiro do dia a dia, nas nossas atividades e convivências cotidianas. Ele coloca esse retiro como um dos meios mais seguros para o nosso adiantamento espiritual, e ele, como Bispo, nas suas diversas atividades pastorais o praticava com fidelidade. “Lembraí-vos, pois, de fazer sempre vários retiros na solidão do vosso coração, enquanto corporalmente estiverdes entre as conversações e os afazeres; e essa solidão mental absolutamente não pode ser impedida pela multidão daqueles que vos estão em volta, pois eles não estão em volta do vosso coração, senão em volta do vosso corpo, de sorte que o vosso coração permanece sozinho na presença de Deus” (SES, p. 34).

Nesse retiro, cada pessoa pode escolher o lugar onde quer ancorar o seu coração, seja no Sacrário, no Calvário, no Sagrado Coração de Jesus, no Monte das Oliveiras, no Monte Tabor. Nas suas cartas a pessoas dirigidas por ele, encontramos este conselho: “Entrai cada dia da semana, devotamente, numa das *chagas sagradas* de nosso doloroso e amoroso Salvador” (SES, p. 36). Esse é um retiro apenas de coração, de desejo, de pensamento e de intenção, pois o nosso verdadeiro lugar é Deus.

### Orações jaculatórias

Na oração, a união faz-se muitas vezes à maneira de pequenos mas frequentes impulsos e avanços da alma para Deus, onde o coração unido ao seu Deus faz múltiplas vezes certos reforços de união por movimentos com que se estreita e se aperta mais à sua divina doçura” (cf. TAD, p. 345-346). O nosso Santo Fundador, ao orientar as almas, dizia que se por alguma obra boa, alguma obediência a ser cumprida, não tivéssemos a oportunidade de fazer a meditação daquele dia, poderíamos tranquilamente substituí-la com as orações jaculatórias. No exercício do retiro espiritual e das orações jaculatórias está a grande obra da devoção: ele pode suprir a falta de todas as demais orações, mas a ausência dele quase não pode ser reparada por nenhum outro meio. Sem ele não se pode fazer bem a vida contemplativa, e só mal se poderia fazer a vida ativa; sem ele o repouso não passa de ócio, e o trabalho de embaraço (cf. SES, pp. 43-44).

As orações jaculatórias adquirem um valor especial nos momentos de uma doença nossa ou de algum ente querido, e nos momentos de maior sofrimento, de aridez espiritual, pois nessas situações dificilmente conseguiremos outro tipo de oração; então, através das orações jaculatórias podemos lançar curtas mas ardentes orações aos pés de Jesus Cristo Crucificado, que deve ser o objeto santo dos nossos pensamentos nesse tempo das nossas tribulações. Esse exercício não é difícil, porque pode entrelaçar-se em todos os afazeres e ocupações do nosso estado de vida, sem absolutamente incomodá-los, mas, pelo contrário, levando-nos a

realizá-los com maior zelo, atenção, amor e perfeição. Não é preciso usar palavras, mesmo interiores; basta transportar o coração ou descansá-lo em Nosso Senhor.

### O silêncio e o recolhimento

Entendemos aqui aquele silêncio de palavras, de ruídos, mas sobretudo o silêncio interior, cortando até os pensamentos inúteis para entreter-nos na comunicação com o Senhor e tomar novas forças para trabalhar no seu divino serviço. A vivência do silêncio exterior é um caminho para a vida de contínua comunhão com Deus. Mesmo que não seja possível viver esse silêncio tão intensamente como em um mosteiro, porém, fazem-se necessárias algumas escolhas e algumas renúncias para oferecer a si mesmo algum espaço de silêncio no cotidiano. Santa Joana de Chantal nos fala também do *silêncio místico* que se pratica quando a alma não fala a criatura alguma, nem mesmo a Deus, mas se limita a escutar atentamente no seu interior onde Deus comunica-se a ela espiritualmente, tocando o mais íntimo do seu coração com suas inspirações e unindo-se à alma com indizível suavidade.

### O ramalhete espiritual

Para melhor viver essa “conexão” entre os nossos momentos fortes de oração e as nossas atividades, São Francisco de Sales aconselha que, da nossa meditação, colhamos o fruto, gravando no pensamento algumas frases ou palavras que mais nos impressionaram e comoveram para considerá-las de novo de vez em quando, durante o dia, e para nos conservar em nossos bons propósitos (cf. VID, p. 116).

“Façamos de modo que nossa vida seja uma oração contínua, seja que caminhemos pelo mosteiro, seja que trabalhe-mos, que tudo nos sirva para ir a Deus, e assim nossa vida não será mais que uma contínua oração” (Santa Joana de Chantal, Instrução VII).

## Referências

- TAD – São Francisco de Sales. *Tratado do Amor de Deus*, 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- VID – São Francisco de Sales. *Introdução à vida devota*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- DIR – São Francisco de Sales. *Diretório Espiritual*.
- SES – Fernando Million. *O segredo da salvação: extratos das obras de São Francisco de Sales*. Petrópolis: Vozes, 1942.
- TRO – Tratado de Oração. *Santa Joana de Chantal*.
- CHA – Padre André Ravier. *Santa Joana de Chantal, sua raça e sua grace*. Atelier Labat, 1983.
- BRI – Beato Pe. Brisson, São Francisco de Sales – *Comentário do Diretório Espiritual para os Oblatos de São Francisco de Sales*.
- MUN – O.S.F.S. – *No meio do mundo, um apelo à santidade – O Diretório Espiritual de São Francisco de Sales*. São Paulo: Loyola, 2000.

### Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Partilhe algumas reflexões com base na espiritualidade de São Francisco de Sales e Santa Joana de Chantal.
2. Pense sobre o conceito de oração, segundo Santa Joana de Chantal.
3. Qual o conceito de santidade, segundo São Francisco de Sales?



## NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

A revista *Convergência* recebe colaboração espontânea de artigos inéditos que serão avaliados pelo Conselho Editorial, o qual decide pela sua publicação ou não, de acordo com os seguintes critérios:

- o conteúdo deve estar em sintonia com o objetivo da revista, que é oferecer subsídios de formação, reflexão e aprofundamento para as comunidades religiosas;
- os artigos devem ser enviados em arquivo Word, em fonte Times New Roman, tamanho 12 (com rodapé tamanho 10), contendo entre 25 e 30 mil caracteres com espaço;
- elaborar, no final de cada artigo, pelo menos três questões para ajudar a leitura individual e o debate em comunidade, além de bibliografia consultada;
- enviar juntamente com o artigo os dados biográficos do autor e endereço para contato;
- os artigos deverão ser enviados três meses antes da data prevista para a publicação, no seguinte endereço eletrônico: <publicacoes@crbnacional.org.br>.



## ASSINATURAS

*Prezado(a) assinante,*

Os valores vigentes para a assinatura da revista *Convergência* são os seguintes:

- R\$ 110,00 (para o Brasil)
- R\$ 160,00 (para o exterior)

Assinaturas novas e renovação de assinaturas podem ser feitas das seguintes maneiras:

- Através do site <[crbnacional.org.br](http://crbnacional.org.br)>, imprimindo o boleto bancário
- Boleto bancário via e-mail ([convergencia@crbnacional.org.br](mailto:convergencia@crbnacional.org.br))
- Depósito diretamente na conta da CRB Nacional: Banco do Brasil, ag. 1230-0, c/c 306934-6, lembrando que é necessário mandar o comprovante por fax ou e-mail.

Por favor, sempre que houver algum problema entre em contato conosco através do e-mail

**[convergencia@crbnacional.org.br](mailto:convergencia@crbnacional.org.br)**  
ou pelo telefone **(61) 3226-5540**  
ou pelo fax **(61) 3048-6479**.

Teremos o maior prazer em atendê-lo(a).